CAPÍTULOS DE HISTÓRIA

DA FORTALEZA DO SÉCULO XIX

O SOCIAL E O URBANO

Eduardo Campos

CAPÍTULOS DE HISTÓRIA

DA FORTALEZA DO SÉCULO XIX

O SOCIAL E O URBANO

Fortaleza
1984

“Novidades de outro tempo?
Como pode ser isso?

SHAKESPEARE
A Megera Domada

“Oh, céus! Eu ignorava tudo isso.”

ARISTÓFANES
Plutos

SUMÁRIO

A Curiosidade Popular pelas Manifestações Sociais, o Sereno, Bilho de Sereno 15

A Crônica Social em seus Começos. O Prelúdio da Moda em Fortaleza de Senhoras Elegantes e seus Vestidos 23

Os Bailes e Seus Detratores. A Etiqueta Imposta aos seus Freqüentadores 31

As três Categorias de Bailes. O que se Dançava neles. Bailes Políticos, Bailes de Máscaras. Como se comportar, usando Disfarces 35

Tollenare, Elegante Cronista Social. Antônio Bezerra e o Mundanismo Cearense. Um Soneto de Oliveira Paiva 47

Sociedade Maníaca pelos Retratos. O Circo e as Cadeiras de Levar. O Gosto pelo Preto. Os Leitões. Móveis da Época. Os Sucessos Literários de 1880. As Músicas 57

Antes de o Luxo chegar a Fortaleza. João Brígido, Cronista Minucioso do Indumento. A Casaca. Um Militar entusiasta de Promoções Públicas 75

A Fortaleza Mundana do Final do Século: Festivais de Benefício. As Inevitáveis Declamações 85

O Carnaval: Do Entrudo à Folia Mascarada. As Passeatas. A disputa das Agremiações Carnavalescas: Os Dragões de Averno e Conspiradores Infernais. Quem liderava a Pândega desses Dias 91

O Ministério da Fé. A Morte; Como chega ao Cemitério.
As Confrarias Religiosas; Os Irmãos. Missas e Informações
de uma Pastoral 101

Os Sentimentos Populares nas Publicações em versos, pelos Jornais.
A Ilustração Zoomorfa dos Desaforos. A Poética de Funerais
e Natalícios 109

Indicativos do Comportamento Comunitário, Social *e*
Artístico dos Fortalezenses, pela agenda de Anúncios
do Século XIX. 119

Fotos de Elegantes e Anúncios do Século XIX 139

Referências Bibliográficas 165

PALAVRAS AO LEITOR COMO PREFAÇÃO

A História está sempre a se reelaborar. Se ninguém disse antes, digo agora. E repetindo: não fora a agradável permanência entre livros e jornais do século XIX, da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, ter-se-ia perdido em mim a diligência, ora efetivada, de escrever sobre o mundanismo cearense, precisamente o da Fortaleza que aprendi a querer, a muito bem querer, a começar das cadeiras pretas, de palhinha, da casa de meus avós, e pelos retratos destes, de olhar não de todo indulgente, a me vigiar a vida inteira, e apenar-me por irreverências de mocidade.

Será este um livro em que o leitor perceberá, antes de tudo, o pesquisador curioso; o cronista, o folclorista, o sociólogo. O historiador, ao tudo e ao mais que a seguir se lerá, é apenas o da perspectiva de seriedade imposta a trabalho empreendido com profundo respeito à verdade.

Quem, interessado pelo assunto, prosseguir a pesquisa – por esses instantes apenas delineada –, estará reconhecendo a validade de todo um exercício, o meu, simplesmente literário.
E saudosista

Era impossível fazê-lo, como também impossível não ficar em paz com os retratos irrepreensivelmente sérios – e antigos – de meus avos.

E.C.

APRESENTAÇÃO

A apresentação desta obra *Capítulos de História da Fortaleza – do Século XIX* (o social e o urbano), de Eduardo Campos, sendo quem é o seu autor, não deveria obedecer ao pragmatismo do comum, no tocante a mim, que, por escolha dirijo a "Coleção José de Alencar".

É que os *Capítulos de História da Fortaleza do Século XIX*, obra alentada e embasada no mais sadio e bem orientado espírito de pesquisa, tem como autor Eduardo Campos, um dos mais destacados e reconhecidos valores culturais do Ceará. E mais: prende-nos a ambos uma amizade que já atingiu quatro décadas, a partir do ingresso do jovem Manuelito no corpo discente do sempre lembrado Ginásio Fortaleza, do qual era eu secretário.

Posto de parte o detalhe, cumpre lembrar Eduardo Campos, ainda imberbe mas cheio de atrevimento, começando a participar, levado pelo aval de seu primo, o também ainda jovem poeta Artur Eduardo Benevides, para o convívio diário com os moços que viriam a constituir o chamado *Grupo de CLÃ*, integrado por Fran Martins, Antônio Girão Barroso, Aluízio Medeiros e eu, que ora assino esta apresentação com a maior satisfação e desvanecimento.

Eduardo Campos, já com ser um componente de CLÃ, tem, a par de sua comprovada e brilhante pauta de idealismo criador, a existência de um vasto e brilhante tirocínio nas lides do Rádio, do Jornal e da Televisão, atividades a que ele se há dedicado com aprumo e devotamento, culminada tal seqüência de tarefas com a sua justa e merecida assunção à direção da Secretaria Estadual de Cultura e Desporto, à frente da qual se houve com diligência. devotamento exemplar e o mais alto descortino, fazendo responderem ao seu chamamento de idealista a que se une milagrosamente o administrador incansável.

Resultado dessa administração altamente sensível a um vasto programa governamental como é o de Virgílio Távora, a sobranceria e largueza das iniciativas da pasta dinamizada e valorizada devidamente pelo contista estreante de *Águas mortas,* de 1943.

Feitas estas considerações de base sobretudo afetiva, filhas de um ideário por tal forma singular que fez, a partir dos anos quarenta, de cada um dos componentes do Grupo de CLÃ um escritor nato, vocacional, façamos desfilarem, na oportunidade, as numerosas obras de Eduardo Campos que, se numa primeira etapa se destacaram por acentuada preferência pela estória curta, com *Águas mortas,* 1943; *Face iluminada,* 1946; *A viagem definitiva,* 1949; *Os grandes espantos,* 1965; *As danações,* 1967; *O abutre* e *outras estórias,* 1968 e O *tropel das coisas,* 1970, tal predominância não pode fazer esquecido em Eduardo Campos, de modo nenhum, o teatrólogo, que, já nos idos de 1948, numa edição da revista CLÃ, se estreava na literatura cênica com uma estranha e mais polêmica peça intitulada "O demônio e a rosa", à qual seguir-se-iam "O anjo", de 1950, "O morro do ouro", de 1964, "A rosa do Lagamar", também do mesmo ano, e "Os deserdados".

Poder-se-á, sem temor de exagero, afirmar que, a partir de "O demônio e a rosa", as idéias de Eduardo Campos, sem terem sido jamais demonstrativa dessa ou daquela doutrina ou tendência político-doutrinária, souberam comportar-se, em face da critica e do grande público, na justa medida do observado e do sentido pelo autor, num contexto socioeconômico entre o urbano e o rural, devendo ser posto em relevo, no tocante ao teatro, a riqueza e versatilidade vocabular do escritor, o que sempre sobrelevou na estrutura dos diálogos.

Eduardo Campos contista, Eduardo Campos dramaturgo, aí foram alinhados dois espectros de escritor. Ambos os prismas denotam em Eduardo Campos, antes de tudo, um inconformado com

as primeiras conquistas. Filho do sertão, como que lhe adveio do berço e do chão nativos a tendência para os estudos folclóricos. Merecem, da sua autoria, citados: *Medicina popular,* em três edições, *Folclore do nordeste,* 1959, *Estudos de folclore cearense,* 1969 e *Cantador, Musa e viola,* 1973.

A ser dada como válida aquela idéia, que alguns alimentam como irrecusável, de que contos são pequenos romances, ou ainda mais, trechos de estórias longas, justificar-se-á a existência de dois romances na já bastante numerosa bibliografia de Eduardo Campos – *O chão dos mortos,* 1965 e *A véspera do dilúvio,* 1967. Ambos são romances de enredo fascinante, impregnados de muito chão e muita vivência no teatro, pelo escritor, dos temas e das figuras humanas que faz viverem os respectivos dramas, sempre em primeira plana o fator ecológico, que ressalta das duas estórias longas.

Ultimamente, coincidindo com suas vivências diárias de intelectual interessado e os fartos documentários de que passou a dispor à conta da Biblioteca Pública Menezes Pimentel, que lhe é subordinada, Eduardo Campos internou-se entusiasmado e c6m largo *faro* na pesquisa da vasta e variada problemática cearense, sendo autor de um trabalho que chamou de *apontamentos* para a história *d'As Irmandades religiosas do Ceará provincial,* 1980, ele que já publicara, em 1977, uma coletânea de ensaios sob o título abrangente e bastante significativo de *Complexo de Anteu,* servindo-se o autor, como epígrafe, do que escreveu Euclides da Cunha, em *Os sertões:* "A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos."

Agora nestes *Capítulos de história da Fortaleza do Século XIX,* é a súmula de hábitos, costumes e certas tradições e modos de ser sociais, ao longo de uma centúria que viveram os nossos avós e pais, ao tempo das. primeiras manifestações coletivas, desde os rigores ostentatórios das manifestações carnavalescas, aos

grandes espetáculos de fé cristã, bem assim os mais diversificados comportamentos artístico-sociais.

É mais uma vez o imprevisível Eduardo Campos a surpreender-nos na multiplicidade do seu talento, com mais uma de suas saborosas e oportunas surpresas.

Fort., 1982

Otacílio Colares

A CURIOSIDADE POPULAR PELAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS, O SERENO, BILHETE DE SERENO...

Decididamente somos poucos sensíveis à aceitação da moda sob conceito formal, particularmente alocada a tudo que concorre para a elegância e convivência fáctil dos hábitos e costumes da sociedade em seus momentos de freqüência social, quando não a podemos praticar. Dá-se assim no Ceará, onde a crônica de fatos mundanos é vista pela maioria por exercício frívolo de quem, possuindo recursos à larga, pode exibir-se com excentricidade.

Mas é caso de também estar-se advertido que, mesmo correndo as coisas à conta dessa discutível idiossincrasia, jamais as manifestações tituladas por elegantes, ou pelo menos socialmente importantes, deixaram de atrair a atenção das classes inferiores.

A tal feição é de se ver o interesse popular, principalmente no século passado, e a começo deste, acudindo à rua como platéia não convocada (ou menos grata), a participar de casamentos, bailes e outras ocorrências da sociedade, comprimida nas proximidades dos eventos, procedimento de tal modo generalizado, e marcante, que acabaria tornando muito importante a formação do *sereno*, costume popular já em nossos dias bastante atenuado, mas que quer significar a situação de uma récua de pessoas empolgada à curiosidade de ato social, ainda que mantida à distância, mas a usufruir-lhe indiretamente os momentos de seu aguardado realce.

É este, por certo, um dado de análise realmente válido, a nos lembrar que, não obstante refratário às cerimônias mundanas da gente de melhor *status* econômico, o povo sempre se colocou, no Ceará, na posição de espectador espontâneo, sem deixar de manifestar-se nessas ocasiões com espírito critico, muita vez de mordente irreverência.

Colhe-se então ao que dito fica: apesar da hostilidade em que é tida nas camadas mais baixas da comunidade a vida dos abonados, integrantes de sociedade pretensamente burguesa. jamais escapam os atos desta à atenção do público.

Gustave Le Bon *(As opiniões e as crenças*, p. 153) explica que a moda, como a linguagem e as religiões, é uma criação coletiva e não individual". A aceitação dos que se submetem a elas, generalizando-se, acelera-se ate a consagração que acaba atraindo a consideração – não fora melhor dizer a admiração – mesmo de quem não pode exercê-la.

É possível que o *sereno* tenha na sua inspiração nitidamente circunstancial entre nós, além de situamento crítico, evidente, que se lhe não pode negar, o de inesperada adesão, pois com razão vai-se ver o que mais nos contenta, do que o que nos desagrada.

A dicção *sereno,* quer como verbo, quer como adjetivo, não é de trânsito privativo do Ceará. Dicionaristas, como Aurélio Buarque de Holanda, o localizam no Rio de Janeiro, reproduzindo em verbete próprio este registro de jornal: "Esmeralda de Barros volta ao *sereno* carioca" (Grifamos). A *Enciclopédia Brasileira Mérito* explica mais demoradamente o termo, dando-o por "lugar onde se dão bailes populares, ao ar livre;" ... "ajuntamento popular em frente a casas em que à noite se realizam festas, principalmente danças."

A seu turno, Tomé Cabral, arrimado a Paulo Elpídio de Menezes, Otacílio Anselmo e Nertan Macêdo, respectivamente, atribuindo a cada um deles frases elucidativas do *sereno* ("Fui ao sereno do clube das danças..." – "...tomavam parte em serenos de baile" – "... que ousassem fazer o sereno daqueles bailes de outros tempos"), define-o nas mesmas intenções: "Denominação dada à assistência que fica postada do lado de fora do edifício onde se realizam cerimônias sociais, especialmente bailes." *(Dicionário de Termos e Expressões Populares*, p. 701).

É tentador especular sobre o assunto, à pretensão de estabelecer possível vinculação histórica à prática do *serenar.* Sabido é que as manifestações de movimento, as danças, por exemplo, acompanhadas de canto, realizavam-se nos tempos antigos em interiores de igrejas, notadamente por ocasião da Páscoa e celebração do Natal. Conquanto fossem vistas por exteriorização normal de júbilo, à imitação dos anjos, que em sua alegria natural sugerem a imagem de alegres dançarinos, demonstrações desse modelo acabaram aí interditadas, refluindo as exibições para a praça pública, para a rua, até que, por caprichosa seleção social de interesses e preferências, aperfeiçoadas em divertimentos suntuosos, se circunscreveriam a salões particulares a que o povo, não tendo acesso, haveria de contentar-se com assisti-las sem direito à participação efetiva.

Sendo chamado *sereno* o guarda-noturno, de Espanha, que ronda as ruas, avisa do tempo que faz e das horas que são, e, pela mesma forma, em Lisboa, o cocheiro que se desincumbe de suas obrigações do horário tardio (Caldas Aulete, *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, p. 4 639), é de se imaginar que, quem também por qualquer intenção, a impulso de curiosidade, indo se postar ao relento pelas noites, se apropriasse daquela denominação.

Essa freqüência "serenística" voluntária, mais generosa por ocasião de bailes comemorativos de acontecimentos políticos, certamente haveria de incentivar-se pelos ingredientes comuns ao próprio espetáculo programado, a partir da decoração do prédio em que sucederia; dos demais preparativos de serviços do bufete para os convidados, escolha do sítio em que formaria a banda de música, disposta, a aceno de um mestre de cerimônias, a tocar dobrados toda a vez que entrasse pessoa mais grada; e do fogueteiro, com o seu trem de girândolas e fogos de artifício preparados para explodirem, ao alto, sobre as

cabeças da multidão, a revelar a efígie de santos e de personalidades ligados ao evento.

Para testemunhar o espetáculo dos que ocorrem aos locais festivos, há uma série de procedimentos, alguns culminando com estratégia bastante generalizada, qual seja, a de quem postula merecer ponto melhor de observação, mandar por antecipação alguém ... lhe garantir um lugar no *sereno*.

Não se sabe notícia, no entanto, de que na Fortaleza fosse negociado o posicionamento desse espectador, curioso participante sem direito a entrar. Fala-se com certa freqüência em *bilhete de sereno*, mas não acreditamos se estabelecesse uma quantia em dinheiro para sua negociação.

Mas, na Bahia, corria no passado a expressão *comprar bilhetes de sereno*, que a folclorista Hildegardes Viamma consignou em seu livro *A Bahia já foi assim* (p. 209).

"*Comprar bilhetes de sereno* deve vir (a expressão) provavelmente do fato de, ontem como hoje, graduarem os preços das localidades para os teatros. No Teatro São João, no Politeama e talvez no São Pedro de Alcântara, além de frisas, camarotes, cadeiras de primeira e segunda, balcões e galerias, vendiam *jardim*. Para a *torrinha*, nome popular das galerias, afluía quem não tivesse posses nem roupas finas. Quando havia roupa e nenhum dinheiro, o recurso era o *jardim*. O indivíduo entrava, mas não sentava. Ficava de pé, ao fundo da platéia, olhando qual o lugar vago no primeiro ato para poder abancar-se no segundo. Quem não entrava na festa, ficava no sereno, comprava *bilhete de sereno*.

Assim visto, conquanto o *sereno* entre nós aparentemente não fosse negociado, a expressão *bilhete de sereno* ou *bilhete sereno* teve curso popular, estando mencionada com todas as letras por ocasião de memorável desafio entre os dois clubes carnavalescos de maior evidência na quadra momina de 1893; – Dragões de Averno e Conspiradores Infernais.

Alguém, escamoteado na assinatura de Dr. Fá, publica matéria a esse respeito, a 24 de março daquele ano, em que se lê:

> "...muitos dos nobres *Dragões* não podendo comparecerem ao nosso baile, por não serem *Conspiradores*, iriam fazer o que vulgarmente se chama *bilhete sereno*, ao menos por espírito de curiosidade e posterior crítica, e assim constituíram a nossa *guarda de honra*, naturalmente na porta da rua, isto é, do lado de fora."

O ato de *fazer sereno* (pôr-se ou estar nele) não era aceito tranqüilamente pelo menos de parte das autoridades eclesiásticas, como as do interior do Estado à época, e a começo do século, que se levantavam contra as danças promovidas em residências, tendo-as por propiciadoras de atos pecaminosos.

O padre Manuel Macêdo *(Juazeiro em Foco*, Empresa Editora de Autores Católicos, 1925, p. 33) conta:

> "O padre Cícero sempre combateu o jogo e a dança, a ponto de ir muitas vezes à noite, mais atrás, às casas, acabar lá dentro com aqueles jogos particulares com que os amigos costumavam matar o tempo, e puxar pelos cabellos suas penitentes e dirigidas que ousassem *fazer o sereno* (grifo do autor) daquelles bailes de outros tempos."

O *sereno*, como se vê, funcionava. Era hostilizado pelos sacerdotes e nem sempre tolerado pelos ricos, a receio de falatórios exagerados. Em última instância, como quer Luís da Câmara Cascudo (in *Dicionário do Folclore Brasileiro*, p. 577), – é ato de "ir assistir à entrada da sociedade elegante no teatro ou bailes oficiais e mesmo ficar, obstinadamente, sofrendo frio e calor, durante a festa inteira", "vendo com os olhos e comendo com a testa", o que constituía dever para muita gente, ainda em suas palavras, e campo propício para a primeira "reportagem feroz dos pequeninos dramas e comédias sociais".

Em 1895 aqueles dois bandos de foliões, por nós já referidos, seguramente alcançavam o seu momento de maior atração, a movimentar o público provinciano incontido em sua curiosidade.

A República de 26 de fevereiro desse ano narrava sob incontrolável exagero o que fora o baile de máscaras ocorrido no Palacete Azul, sede dos Conspiradores, para onde convergira verdadeira multidão ao *sereno*, tudo como expressa o exagerado entusiasmo do noticiarista:

> "Logo muito cedo começaram a affluir os *serenistas* (grifamos) às circunvisinhanças da refulgente Furna, chegando a ser, às nove horas, tão compacta a massa de curiosos condensada em toda a extensão do quarteirão onde ostentava-se garbosamente o azulino e soberbo Palacete do Prazer, quartel general dos Conspiradores Infernaes..."

Terão sido os anos de 1890 a 1899 os mais aliciantes para os que, por motivos econômicos ou sociais, não podendo freqüentar os salões dos clubes diversionais, concorriam para engrossar o *sereno*, institucionalizando-o. Para atrair as atenções era firme o estímulo não só do noticiário dos jornais mas dos anúncios então divulgados, dando conta, estes, do farto estoque de máscaras, de bisnagas, de pós dourado e prateado à venda na loja "Confúcio" e na "Colombo", que, instalada esta com decoração carnavalesca na rua da Boa Vista, n.º 39, açulava os foliões com versos publicados:

> "No meio de turbilhões,
> De palmas, risos e flores,
> Estão na ponta os *dragões*
> E os velhos *conspiradores* (grifamos)."

As danças programadas, quer na capital, quer no interior, revestidas de natural preparação comum a esses instantes, era con-

vite a que se vissem belos trajos, vistosas casacas e o inevitável *show* pirotécnico, tão a gosto popular, e que mais fazia aumentar a freqüência dos chamados *serenistas*.

Os próprios festejos sociais celebrados no interior tinham garantido o seu registro nos jornais da capital, *O Cearense*, de 8 de novembro de 1861, descrevia em comentário típico de tais acontecimentos o que fora, em Baturité, a homenagem prestada ao dr. Manuel Antônio Duarte de Azevedo, presidente da Província:

> "À noite, dirigio-se (S. exa.) para a casa do baile, onde foi recebido por uma commissão, subindo então ao ar muitas girandolas de foguetes. A sala do baile, e toda a casa, estava preparada com gosto e acelo; as belías senhoras ricamente vestidas de seda, o chá bem servido, bandejas preparadas com apurado gosto, tudo na melhor ordem possivel, revelava a satisfação que a todos causava a visita do presidente da Provincia. Às 11 horas da noite teve lugar o fogo de vista, havendo sete painéis, inclusive um com o retrato de S. M. o Imperador, muitas girandolas, rodas, &. Às tres horas da madrugada, retirou-se S. Exa. e deu-se findo o baile."

Caberia aos jornais, portanto, comunicadores privilegiados a seu tempo, considerável parcela na propalação dos acontecimentos sociais e tessitura de intrigas – melhor dizer picuinhas – provincianas, das tais que de repente aguçam e arregimentam o interesse popular, definindo simpatias e repulsas.

Em certo momento ser *serenista* ou *fazer sereno* é condição dos que também, empolgados, de maneira indireta atrelam-se aos fatos festejados.

uma moldura de sensações plebéias, sem dúvida alguma, mas de ponderável importância na estratificação de hábitos e costumes locais.

Instantes primários, de emoção popular, inidentificáveis convenhamos, mas que concorrem para agendar observações que vão avaliar a maneira de se exibir a sociedade, fora dos salões, ainda aí exigida no cumprimento exato da moda.

Tem-se mencionado pouco a respeito, parecendo que o modo de vestir e se divertir na alta sociedade de Fortaleza (cada uma comunidade tem seu modelo próprio de vaidade e ostentação) haja passado despercebido dos que a não freqüentam, mas se postam a céu aberto – no sereno –, para julgar.

Os *serenistas*, principalmente ontem, e a menos hoje, têm ajudado o prevalecimento da moda entre nós.

A CRÔNICA SOCIAL EM SEUS COMEÇOS
O PRELÚDIO DO MODO EM FORTALEZA
FOTOS DE SENHORAS ELEGANTES E SEUS VESTIDOS

Por volta da década 1860-69 já existem casas especializadas no Brasil para a confecção de vestidos, como se dá o caso das "oficinas de Mme. Catharina Dazon & Filho", responsáveis por "lindos vestidos" que ilustravam a Corte brasileira do tempo.

O filó, a talartana, a seda, o tafetá, de preferência são os tecidos apropriados por mulheres de bom gosto, e se não eram executados pela Dazon, se-lo-íam por outros costureiros como Blachon e Raunier (possivelmente também estabelecidos comercialmente), cuja arte de cortar abeberava-se aos ensinamentos da moda francesa, imperante.

Predominavam aí os tecidos de variegadas cores e enfeites, indo do preto ao branco, e, quer num ou noutro, ataviados de fofos, com babados geralmente desenvolvidos em três ou mais ordens, e também aplicados às mangas, assim como guarneciam as saias.

Os fofos requintavam as saias largas de muito pano, tipo balão, e quando ocorriam inteligentemente, de enviés, serviam para consagrar certa mobilidade elegante ao vestir, e andar de suas vaidosas donas.

Essas idéias ajustam-se à descrição de Carlos, cronista por mais de dois anos da *Revista Popular,* editada por B. L. Garnier, no Rio de Janeiro (1860), datada do dia 26 de setembro desse ano e publicada a 1º de outubro, ainda ao quente das emoções sociais.

Ao relatar aos leitores do importante periódico, lido com particular interesse no Ceará, como sucedera famosa noite festiva em casa dos srs. conde e condessa Thomar (à qual estiveram presentes S. M. Fidelíssima, como se dizia então) o sr. D. Pedro V, e a Imperatriz (era aniversário do monarca), temos na exata a

reportagem de como transcorria a elegância de tão ilustres personalidades, a começar pela Imperatriz, destacada pela "singeleza no trajar".

Vale transcrever a análise de momento de bom gosto daquela importante reunião social, à altura da narração do cronista, reportando o trajar de conhecida freqüentadora dos salões da Corte:

> "A Sra. Viscondessa de Cooo, apologista do bom tom pariziense, avassalou grande número de trajos com o seu vestido de filó bordado de palha. A saia d'este vestido, ampla e feita com esmero, era formada alternadamente por espigas loiras e uma listra assetinada azul celeste à qual se prendião vistosos brilhantes; o penteado entrelaçado de espigas e concluido com habilidade e summa paciência, apresentava um prodigio artistico."

Não se acredita houvesse inventiva brasileira na confecção desses trajos mencionados. Fácil descobrir que Paris, já àquele tempo, ditava a moda. E a exposição de vestidos, aí concebidos, às vezes vinha acompanhada de postais em que aqueles eram representados, a empolgar as elegantes.

Em crônica publicada a 1º de novembro de 1860, Carlos refere a recente boletim recebido da capital francesa: "Ora, sendo necessário variar constantemente os vestidos brancos para evitar-se o rigor do uniforme, a gravura que segue pelo paquete presta-se a essa variedade, e apresenta a ultima novidade pariziense. Ah! se observa um vestido de cassa ou escocia branca, cujo corpinho é decotado e talhado à virgem, tendo a gola guarnecida de uma fitinha crespa cor de violetas; as mangas são feitas de fofos enviezados e prezos em toda a sua extensão por uma fitinha semelhante à da gola, e estreitando-se na extremidade inferior, terminão por um enfeite da mesma fita, que também forma uma pala sobreposta na altura do hombro. A cintura é liza e apertada por uma fita de nobreza egual na cor à dos enfeites; a saia, feita de fofos enviezados até à metade da sua altura, é adornada de fitinhas crespas, que

encobrem a costura dos fofos; duas ordens d'essa fita circulão a barra, e outra acompanha a espécie de babado, que divide a saia."

Custava caro o exibir-se pelas gravuras, melhor dizendo, pelos figurinos franceses. Não espanta que, na Corte, ao final de cada um ano estivessem os costureiros, principalmente as lojas especializadas, às voltas com problemas de cobrança de contas oriundas da venda de tão ricos trajos. Tudo porque, a 23 de novembro, os compromissos deviam de ser saldados, por se recolherem às férias os serventuários da Justiça (dizia-se então: dos Tribunais).

O cronista Carlos, espicaçando as damas pouco pontuais. dava-lhes modelo de recibo, que se transcreve, a ser assinado pela credora Catharina Dazon:

> "A abaixo assignada recebeu da Exma. Sra. D. ... a quantia de ... proveniente do seguinte: Um trajo de noiva confeccionado segundo o ultimo figurino da *Revista Popular*, a saber: Vestido de nobreza branca com três babados de renda de Bruxellas; o corpinho é afogado e guarnecido de duas ordens de renda estreita e semelhante no tecido à dos babados da saia; esta guarnição termina em ponta um pouco acima da cintura; mangas compridas, justas e fechadas nos pulsos por dous babados também de renda. Um ramalhete pequeno de flores para o peito. Etc., etc." *(Op. cit.*, p. 375)

No Ceará, precisamente na Fortaleza, senhoras preferiam vestir indumentos brancos, de filó, não faltando os vestidos de cassa, uns e outros guarnecidos de fofos e babados.

Pode-se imaginar que, guardadas as proporções, Salgado & Irmão substituíam entre nós a Catharina Dazon & Filho, sabendo anunciar "vestidos de cristal transparente", além dos feitos de "cassa da Persia", não deixando de destacar em anúncio, como no que vai publicado em 1856, os abrilhantados "com aljôfar para cabeça", tudo "chegado de fresco".

E já na década seguinte, de 1860-69, a fortalezense dá-se ao gosto pelos veludos, e *cachemiras,* e sedas. É tempo das famosas rendas de *Molechinia* e das *Valenciennes,* que extravasariam dessa época indo por anos e anos à frente, como detalhe a mais, a valorizar qualquer vestido.

De 1870 por diante tem-se a moda com tantas opções, que se tornam mais extensos os anúncios publicados aos jornais. Predominam os cretones, os fustões, as sedas mais delicadas; a cassa, melhor trabalhada em algodão aperfeiçoado, é fina e transparente; surgem os merinós (ou mirinós), decorrentes de tecidos tomados a lá de carneiros, de igual denominação. E a cidade é inundada das cascarrilhas (à feição de cáscaras, indumento originário de tribos da Amazônia), de seda, em diversas cores. Dão de entrar em uso as "saídas de baile" "de *cachemira* da Persia, objecto de luxo, enfeitado ricamente." Damas pisam calçados franceses, alemães, ingleses e polacos. As voltas, enrodilhadas em pescoços morenos ou alvos, são agora de plaqué ou madrepérola, material o último a ser abusivamente usado, chegando a figurar em cabos de revólveres, procedimento que alcança nossos dias.

É tempo também do chamalote, da bombazina, mas preferentemente do chamalote, este a impor-se como tecido obrigatório no indumento feminino, por significar bom gosto de toda uma sociedade que, durante decênios, comparecerá aos ateIlés fotográficos de então (principalmente os de N. Olsen e À. Corrêa) (CE); Alberto Henschel e Júlio dos Santos (PE), quai~ as damas retratadas (vejam as fotos, em lugar adiante, particularmente as de números 1, 2 e 3), no último quartel do século passado, ilustres representantes da sociedade sobralense (CE), com os seus casaquinhos e saias, aqueles bordados ou plissados na frente, correndo por diante do corpo até a cintura, enriquecidos por botões ou aplicações de bordados, e ao pescoço, de modo bastante discreto, deixando escapar o branco da camiseta que deveria, pelo que se depreende, alcançar o pulso, onde se descobria de igual modo.

As saias são arrepanhadas às vezes em múltiplas parcelas a fingirem fofos contidos pela rigidez do tecido, e, em alguns casos, como mostra a foto 1, de trevés, sobrevindo a impressão de que a fazenda é tomada para trás em falso laço sublinhando o fofo intencionalmente ostensivo.

A estampa da bela senhora (foto 1) concede-nos a idéia exata do trajo de freqüência social da sociedade à época, com saias duplas e babados, a primeira destas arrepanhada e estilo descrito, permitindo ver-se a renda valenciena aplicada sobre forro de cor tênue.

Anotem, a mais, o detalhe do chapéu, chique; e a generosa rosa, não rosa, rosas, na linha dos seios protegidos; e os sapatos de cetim, salto de 5 centímetros, e a sombrinha grácil a compor e harmonizar a arrebatadora estampa dessa mulher.

É freqüente os jornais publicados na Capital transcreverem comentários das gazetas do sul, notadamente do *Jornal do Commercio* que informam ao leitor sobre o estágio evolutivo da moda européia, a francesa, de principal interesse, como faz *A Constituição,* a 14 de março de 1872. Vemos a esse registro que as elegantes de Paris continuam metidas em esplêndidas *toileties* de cerimonia (assim mesmo escrito), freqüentando "nestas últimas noites" o Teatro para assistir à representação de conhecida comédia de Edmond Goudinte ("Christina"). Conta-se ali que os decotes nas costas "pouco lhes falta para tocarem à cintura: e pela frente uma flor, um ramo de brilhantes, ou um broche de pérolas". Predominam "rosetas de fitas estreitíssimas de setim, que servem de fecho ao cós das túnicas, que, em forma de donaire, tufão sobre a saia dos vestidos inteiramente lisos adiante".

Às mangas, diz-se mais, "são extremamente curtas", "tomadas generosamente de rendas" de *point d'Alençon* ou de *Valenciennes,* que a parte inferior da manga forma o todo dela. "As luvas de peluca perfumada, chegando quasi ao cotovello, e guarnecida de arminhos, os leques de rendas bordados a ouro e lantejoulas, um ou dois ma signaes pequeninos no rosto..."

Esses sinais, adiante-se, alcançaram os nossos dias, reduzidos hoje a uso plebeu, sendo que, a gosto, mulheres de vida irregular ainda se entusiasmam à prática.

Na última metade do século vai-se ver aos reclames publicados aos jornais, como ocorre com o *Pedro II*, em dezembro de 1867, o modo de vestir de homens e mulheres. Os primeiros tinham na loja de Albano & Irmão sobrecasacas e paletós de pano fino, calças e coletes de casemira preta ou de brim branco, uniformes completos de casemira de cores, ou de bretanha (que podia ser de "linho ou algodão, fabricado antigamente na Bretanha Francesa"), chapéus de palhinha da Itália, "idem. a Bismarck", etc.

Para senhoras vendia aquela firma sutambaques (casacões) de seda e gorgurão "do último gosto de Paris", rotundos (geralmente fingindo folhagens) enfeitados de vidrilhos, sedas listadas para vestidos, cambraias lisas, chales de merinós, "chapéus finos para montaria", sapatos enfeitados e lisos, etc., etc.

Em 1867 o *Jornal das Famílias*, publicação ilustrada, recreativa, artística, etc., como se anunciava, de responsabilidade de B. L. Garnier (Rio de Janeiro), contribui eficazmente para o trânsito da moda. No número desse ano tem-se entre outras descrições as de figurinos contendo vestuários de banho, como se seguem:

> *"Primeiro vestuario.* Vestido de garça de Chambery cor de malva; saia enviezada, guarnecida com dous altos macheados chatos. Casaquinha de alpaca branca, enfeitada com dentes orlados de velludo preto. Chapéo de palha belga, com uma franja de contas de crystal e cingida com uma grinalda de rosas.
> *Segundo vestuario.* Vestido de *foulard* branco, arredondado na frente em forma de avental, e cortado em pontas grandes em redor da saia, curta e enviezada; corpinho com canhões, cinto com abas largas; guarnição composta de viezes de tafetá azul.
> Saia de pôr por baixo, de tafetá azul. Gorra de palha de arroz com cocar e mantinha comprida de garça loura."

No mesmo figurino há a exposição de vestidos de bailes, e destes, um de “tarlatana branca enviezado e guarnecido com quatro viezes de setim branco, bordados com renda de seda branca. O corpinho decotado é de pregas atravessadas, presas na frente com um alamar de jacinthos azues. Cinto-manta de filó branco, formando laço sobre o primeiro viez de setim da saia; mangas curtas constando de tres luzidos de tarlatana. Camisinha de pôr por baixo, de filó, com rendínha onde passa um velludo azul estreito. Collar de velludo azul segurando um medalhão de ouro esmaltado. Penteado com anneis compridos formando trunfa, bandós fofos levantados na frente com cordão de jacinthos azues. Luvas e sapatos brancos”.

OS BAILES E SEUS DETRATORES. A ETIQUETA IMPOSTA AOS SEUS FREQÜENTADORES

Não se pense que reuniões sociais mais distintas, como o baile, não atraíssem a atenção de todos. Havia quem, naturalmente em menor parcela, desancasse esse tipo de divertimento, dando-o por frívolo e até pecaminoso.

Não rara as alusões pouco simpáticas às danças, a dizer melhor, rudes, não apenas em crônicas de jornais mas em histórias contadas aos livros e periódicos, como acontece, p. e., com D. Maria de Albuquerque, autora de *Horrível Tragédia,* espécie de conto, enserido no *Jornal das Famílias, (OP cit.,* p. 147):

> "Sempre aborreci o bulicio dos bailes, aonde os que dansão se cansão para entreter e divertir os mais! Aonde nos vemos cercados pela maior parte de estranhos e indifferentes, mas que criticão e analysão minuciosamente a nossa maneira do nos apresentarmos, as nossas palavras, o nosso ar, os nossos gestos, e até o modo por que nos assentamos e volta[1]nos a cabeça! As que se apresentão, desembaraçadas e senhoras de si, raro é que não sejão alcunhadas de desenvoltas e pouco modestas; as sisudas ou acanhadas, de desenxabidas ou insipidas! Esses encantos do baile, esse sonho dourado das doudejantes raparigas; isto é, esses apertos de mão, esses olhares estudados ao espelho, essas palavrinhas doces, mas affectadas e mentidas, essas valsas voluptuosas, esses amores finalmente semelhantes à borboleta que vôa de flor em flor, sugando o mel de cada uma, pousando em todas sem fixar-se em nenhuma, e sempre em busca de novas e differentes, não podem ter attractivos para a mulher sensível que só deseja encontrar um coração que aprecie o seu, e como elle saiba sentir. D'estes achados não há nos bailes... os bailes podem enfeitiçar e encantar a crédula innocente que julga ver em cada contradansa pedida uma declaração... em cada olhar uma conquista... ou a mulher vaidosa e frivola; mas a mulher pensadora, a mulher de sentimento sem affectação, aborrece-se por força."

Mas é cidadão aparentemente respeitável e sóbrio o português José Maria Pereira Baptista, quem vai pôr em letra de forma, em 1852, sua total e irretratável ojeriza (como está em seu livro *Uma Viagem*, Tipographia de Sebastião José Pereira, Lisboa): "Nunca gostei de bailes. E com effeito, como deixarei de despresar companhias, onde só se conversa em frivolidades, onde se tomam conhecimentos sem intimidade, onde vamos mais para matar o tempo do que por gosto? Tenho por muitas vezes escutado às pessoas, que dançam, palavras, sempre as mesmas, que parecem fazer parte da contradança; diríamos um dialogo ensinado pelo mestre de dança ao som da rebeca, e podendo cantar-se pela música da – *Trénis*, ou da – *Pastourelie*, e que se repetem durante uma noite, e sem a menor alteração, às mulheres que dançam."

Linhas adiante (p. 130) ridiculariza os cavalheiros (possivelmente como ele) "homens bravos e intrepidos, com o corpo coberto de cicatrizes; homens que eu vi affrontar a morte com o sorriso nos lábios e o rosto impassível. Pois bem! n'este momento solene do – *chevalier seul!* (está-se referindo ao desdobramento de uma quadrilha) nenhum há que eu não tenha visto hesitar, arranjar os collarinhos, passar a mão pelos cabellos para dar-se uma bella apparencia; embaraçar-se, e sentir corar de vergonha, de timidez, de medo, a cicatriz feita na sua fronte pela espada inimiga".

Mas esse mundo dos detratores da beleza dos salões, das noites suntuosas, de bailes, sob freqüência de pessoas mais gradas da sociedade, não consegue arranhar ao menos a satisfação dos que se fazem a eles, aprendidos nas regras de bom-tom ensinadas cuidadosamente na escola e através de instrutiva leitura a manuais adrede preparados e recomendados pelos mestres em etiqueta.

É o caso que se dá d'O *Conselheiro da Família Brasileira* (Dr. Felippe Neri Colíaço, B. L. Garnier, 1883, Rio de Janeiro), "enciclopédia dos conhecimentos indispensáveis na vida prática", "obra posta em vulgar e acommodada às necessidades de todos"

os membros da sociedade, em que se tem capítulo especial dedicado a bailes e reuniões.

Por ele aprende-se a redação de convites; em que termos devem ser solicitadas as pessoas para comparecimento a reunião social, que se empreende. E logo se impõe ali (p. 282) o ensinamento que em "baile não é permitido ao homem polido apresentar-se senão vestido de casaca preta, calça de panno da mesma cor, colete e luvas brancas", sendo de mau gosto, está dito a seguir, "chegar antes da hora indicada na carta de convite; todavia os donos da casa devem sempre estar promptos para receber seus convidados".

Ao dar entrada na sala do baile o convidado deve ir direto cumprimentar a dona da casa, ainda que esteja ela formando um círculo de pessoas. Aos outros recomenda o livro dirigir "saudação colectiva". Se não souber dançar, melhor ficar em casa, que, quem vai a baile, a "dança ahi é de rigor".

É dever do convidado fazer a dona da casa dançar, tomando-a pelo braço e não pela mão. E ainda que forme par com outra pessoa, reconduzir esta ao lugar onde se encontrava, impondo-se-lhe, por dever de educação, fazer uma saudação, "a que a senhora responde por uma inclinação graciosa".

Há regras especiais para convidar senhoras à dança. Não é recomendável ao cavalheiro repetir o convite sucessivamente à mesma pessoa, "salvo se for seu parente, ou estiver para casar com ella".

Diz mais o dr. Felippe Neri Collaço: "Se uma senhora recusa o convite que lhe é feito, o homem polido não se dirigirá estouvadamente à sua visinha, pois esta provavelmente não se prestará a dançar com elle em tal circunstancia, por não querer parecer, como vulgarmente se diz, servir de remendo."

Dá notícia ainda o mestre de etiqueta do final do século passado, que só depois das primeiras danças é que, de ordinário, "se faz circular bandejas com xaropes, bolinhos e outras iguarias, e

depois sorvetes, bebidas quentes, chá, chocolate, etc., e mais tarde ainda são levados os convidados à sala de jantar, onde se lhes servem doces, fructos, pão de ló, bolos, etc.”

Acrescenta mais: o “homem polido não se precipitará” sobre a mesa...

Como se verá noutro lugar, nem sempre se continham todos, na Fortaleza, ao soar a hora dos “comes e bebes”, geralmente marcada para depois de meia-noite, quando era servido tradicional chá em bandejas decoradas por bandeirinhas, desse modo particular enfeitadas, em se tratando de festa cívica ou comemorativa de êxito político.

No entanto, por aqui também existiam os que não afinavam com a aparente singeleza dos bailes, sua decência, e atinham-se contra quem a estes se entregavam entusiasmados.

É o que se percebe pelo diálogo publicado a’*O Commercial*, do dia 24 de janeiro de 1856, em sua secção *Variedades*. De um lado tem-se d. Dorothéa; do outro, a neta, d. Carolina:

– “Nós não pensamos nas coisas ruins mas sim nas boas, como os bailes. Sou uma perdida por elles.

– Dissestes a verdade; por q’ esta moda só podia ser inventada pelos marotos para fazerem as moças perderem o que ellas possuem de mais precioso como o pejo, o pudor de sua vista e de seu tacto, que as defende das tentações do demonio meridiano.”

Tem-se adiante d. Dorothéa, irreconciliável:

– “...isto de bailes é arte da immoralidade sob capa de civilização. É por isso que algumas familias para evitarem a censura de não irem aos bailes prohibem que as suas moças dancem com outros que não sejão os seus irmão~ e cunhados e maridos.”

AS TRÊS CATEGORIAS DE BAILES
O QUE SE DANÇAVAM NELES
BAILES POLÍTICOS
BAILES DE MÁSCARAS
COMO SE COMPORTAR, USANDO DISFARCES...

Na sociedade provinciana da Fortaleza de 1850 a 1880. sob as opções de entretenimento social restritas a uma e outra casa de espetáculos, ou a reuniões promovidas no palácio da presidência da Província, as danças categorizadas haveriam de chamar preferentemente as atenções da comunidade.

Desses alegres momentos de divertimento social não sobreviveram anotações completas. Os fatos mundanos são descritos aos jornais da época, mas só de raro com destaque, e assim mesmo produzidos em crônicas literárias... e não sociais. De tudo escrito nos órgãos de imprensa, de então, ficam afinal comentários muito interessantes a respeito dessa sociedade envolvida nas alegrias e suntuosidade – discutível – de seus bailes.

Para começo defina-se a existência das várias categorias de danças: as que se realizavam ligadas intimamente a um concerto, geralmente de canto e piano, a mais das vezes de benefício; as que se desenrolavam sob forte apelo comemorativo de eventos especiais, incluindo-se nestes os cívicos, a propósito de datas mais representativas; e, afinal, as que representavam a manifestação de puro entretenimento social, mais aperfeiçoadas, tendo lugar em casas de pessoas abonadas, ou descendo de nível, com sentido popularesco, organizadas em sociedades diversionais ou teatros, com ingresso cobrado à porta ou vendidos por antecipação, quais convites especiais.

A *Constituição*, de 27 de agosto de 1874, oferta-nos, através de anúncios publicados, a informação correta do que fosse então um grande concerto-baile, assim mesmo divulgado, a se verificar

daí a dois dias, sábado, no palácio do Presidente, em benefício da construção do Asilo de Alienados:

"Tomão parte no concerto vocal e instrumental diversas senhoras das mais gradas e talentosas desta capital, secundadas por distintos cavalheiros, e no baile todo aquelle que se dignar acceitar o convite que lhe foi endereçado em nome das mesmas excelentissimas senhoras promotoras desta festa cujo objecto dispensa encarecimento: CARIDADE. Começará às 8 horas em ponto. Os convites são intransferíveis. Se alguém, o que não é de esperar, recuzar contribuir com o seu obulo para o pio estabelecimento, devolva o convite logo que o receber.

Programa. 1.ª parte.
CONCERTO
Intervalo de 10 minutos."

Contribuíam com os seus dons artísticos para a primeira parte da festa as senhoras: D. Maria Borges, Maria Theóphilo, Maria Seixas, Brasilina Moreira, Francisca da Cunha, Antônia da Silva e outras.

O programa do baile propriamente dito era também anunciado, conhecidas as partes por antecipação:

"1.ª Quadrilha francesa. 2.ª Polka. 3.ª; 2.ª Quadrilha francesa; 4.ª Valsa; 5.ª; 3.ª Quadrilha; 6.ª Schottisch; 7.ª; 4.ª Quadrilha francesa. O começo do concerto e o do baile serão anunçiãd6s por escolhidas peças executadas pelas músicas do 15.º Batalhão de Infantaria e do Corpo Policial. O chá será servido depois da 2.ª quadrilha. Além das quadrilhas e polkas enumeradas, poderá haver mais, a pedidos."

A transcorrência de um "baile patriótico", temo-la na exata em registro do *Jornal do Ceará* de 30 de março de 1868, valendo conhecer aviso feito a 28, na mesma folha: "Amanhã haverá nos salões do palácio da Presidencia um esplendido baile patriotico

dado a expensas dos distintos cearenses residentes nesta capital, e de alguns estrangeiros, em regozijo das noticias do triunfo contra o tirano do Paraguai."

Seguir-se-ia, daí a dois dias, a exposição de como se dera o "esplendido baile" principiado sob inusitada concorrência.

"Às 9 horas, entrou S. exa. o sr. Presidente para o Salão de Honra, dando-se então começo ao baile. Reinou sempre a maior animação e contentamento. À meia-noite serviu-se o chá, que esteve primorosamente preparado, e cada bandeja tinha uma bandeira com uma inscrição alegórica aos últimos feitos do exército e esquadra. À 1 hora, os convidados foram levados a uma mesa, em que se achavam profusamente preparadas as mais esquisitas iguarias. Aí se fizeram varios brindes, que foram calorosamente aplaudidos, terminando S. exa. o sr. Presidente por levantar um brinde a S. M. o Imperador, que foi correspondido com todo o entusiasmo.

Ao deixar-se a mesa, continuou o baile, que durou até depois das 5 horas da madrugada."

De outra vez, acontecia *festa política*, tão freqüente por esses dias, ocasião em que os jornais quase sempre vinham a público elucidar a respeito, como está no mesmo jornal, a 3 de janeiro de 1868, quando da visita do presidente da Província a Sobral:

> "*... sendo* o *baile inteiramente político* (grifamos) a ele compareceram somente os membros do Partido Liberal Progressista, que com o número de 250 e tantas pessoas, se dirigiram com S. exa. ao lugar em que se achava extensa mesa, onde com profusão havia diversas qualidades de doces e iguarias suaves ao gosto e agradáveis ao paladar."

Mais além: "Depois da meia-noite foi servido o chá, em bandejas ricamente preparadas, de uma das quais pendiam duas bandeirinhas gravadas em letra de ouro: Viva o Exmo. Sr. Presidente – Vivam os progressistas!"

Não raro preceder às danças bem servido banquete, como ocorreria na reunião social em homenagem ao comendador Lucena, noticiado a 4 de junho de 1872 pela *Constituição*, em que "vários brindes (leia-se discursos) foram erguidos ao som de duas bandas de músicas".

"Além de 12 *brindes*, até de Juvenal Galeno, ainda se fizeram outros que o reporter não pôde perceber."

E se dá, então, descrição de grande baile de sociedade, promovido a 2 de outubro de 1875 (in *Constituição*, dias 6 e 10 desse ano) em homenagem "ao distinto quanto humanitário dr. José Cardoso de Moura Brasil", no Clube Cearense:

> "O baile do dia 2, minha senhora, foi, pode-se dizer affoutamente, o baile mais esplendido, mais sumptuoso, mais imponente, mais concorrido e mais aristocrático, que já houve nos salões do Clube Cearense.
> Nesse baile tudo foi esplendido, os rumores arrebatadores da musica, cujas notas voavão pelo ambiente tepido dos salões em mysteriosos sons, a percorrer as mais sublimes escalas da harmonia; o fulgor das luzes, que erão de um brilho immenso e vertiginoso; o perfume das flores, tão denso e embriagante que se tornou atmosphera e ainda mais enebriante pelo cheiro das cambraias roçagantes, velludos e sedas que se ostentavão no meio de todas as pompas d'arte, impregnados das mais esquisitas essencias. Os leques, os irrequietos leques, esvoaçavão como azas em adejo."

As danças começaram pelas nove horas da noite e decorreram, conforme relata o cronista do jornal, até às 3 da madrugada:

> "Na ocasião do chá destacou-se o vulto de um distincto orador, o dr. José Pompeu d'Albuquerque Cavalcante, que em breves traços e com palavras as mais fluentes, agradaveis e eloquentes, manifestou o sentimento de que todos se achavão possuidos, e descreveu em um magnifico panegyrico os dotes e qualidades que ornão o nosso simpatico paúicio."

> "Um dos nossos mais mimosos poetas, o sr. Antonio Bezerra de Menezes, com o fogo da inspiração a transiuzir-lhe na fronte, abrazado pelo mais vivo enthusiasmo, fez dedilhar da lyra, que há muito tempo havia emmudecido, um hyno de admiração ao nosso patricio."

Fingia-se o cronista perturbado diante do que vira, para poder transmitir ao leitor as "toilettes", *magna qualstio* como considerava em bom latim...

> "Os toilettes forão todos riquissimos, merecendo especial descripção (se eu soubesse fazer) um vestido de velludo preto, adornado de rubras rosas, sobressahindo não tanto pela custoza fazenda, mas pelo chic e merito artistico. Foi um vestido que mereceo a realeza, foi o vestido rei do Clube. O segundo, que mereceo attenção dos pence-nez masculinos foi um vestido de alva cambraia roçagante, com um corpinho de setim cor de roza. Mais para o final: "O vestido preto foi o astro mais fulgurante do clube, o de cambraia a *via lactea* em que fulgirão todos os satelites do primeiro."

Impõe-se-nos relatar que nem sempre, como nessa anotação, escapava aos repórteres a narração do serviço de *bufete* que, celebrado geralmente por volta da meia-noite, dava motivo ao descontraimento de quantos se divertiam. Era o instante dos primeiros comentários que, amadurecidos, ao outro dia, forçosamente se tornariam o alvo das críticas da festividade.

Tem-se ao *Commercial*, a 17 de janeiro de 1856, observação lançada com bastante propriedade, a sugerir-nos como funcionavam os arranjos ou decoração do ambiente:

> "No terraço, ao relento, sobre taboado alcatifado e circulado de flores variadas, estava uma mesa lauta com grande profusão dos melhores manjares e vinhos; e na ponta, outra de diversos doces e fructas mais apreciáveis e vinhos, com lindo serviço de vidro

ou cristal, que mais a realçava entre a iluminação que a circulava. Começou o baile a 9 1/2 horas da noite e durou até a 5 da manhã, etc., etc.”

Baile de máscaras era outro tipo de divertimento, muitas vezes proposto para o entretenimento popular, como ocorreria com os ditos “mascarados” à terem lugar no Teatro Taliense, nos dias 24 e 29 de junho de 1856, “sob a administração do vice-diretor do mesmo theatro”.

“Os bailes serão particulares e unicamente para as pessoas que a vice directoria julgar no caso de poderem tomar parte no divertimento. A entrada para senhoras será gratuita. O preço dos bilhetes para os cavalheiros, quer mascarados quer não, será de 3$000 por cada um, e para meninos e meninas menores de 13 anos 1$000, porém só serão vendidos para as duas noites.

Os cartões serão assignados pelo vice-director, sendo igualmente inscriptos o nome da pessoa que ficar com elles. Não é permitida a transferencia do cartão a pessoa alguma, sem consenso da vice-directoria. Todo o mascarado ainda que tenha cartão, não poderá ter ingresso na sala do baile sem que não esteja igualmente munido de senha da revisão passada pelo vice-director, em um lugar destinado para tal fim. Não é permitido – mascarados – com vestes religiosas. É completamente prohibido o uso de fumar na sala do baile, como também a entrada de qualquer *fâmulo* (grifamos) dentro do edificio.

A direcção empregará toda a actividade e energia possivel para que a boa ordem, dignidade, e decencia precisa, se conservem nos divertimentos.

As senhoras terão exclusivamente para si um toilette, o qual estará bellamente decorado.

Às 8 horas da noite uma linda ouvertura executada por grande orchestra dará signal que o baile vai principiar. O Hymno Nacional dará aviso que terminou o baile.”

Logo em 1857 tornaram-se muito populares os chamados bailes mascarados. O mesmo jornal estampava anúncio, "para evitar dúvidas" sobre um desses próximos a se realizar (19 de fevereiro).

"Previne-se que no botequim do baile mascarado não se vende cousa alguma fiada. O botiquineiro tem cartões de diverços valores para trocos. D'este modo não só torna-se mais fácil e commoda a conducção do dinheiro, como tambem os mascarados não se vêem constrangidos a se darem a conhecer. As pessoas a quem sobrassem cartões, poderão mandar receber sua importancia na loja do mesmo botiquineiro."

O poder público, zeloso das relações em sociedade, acode a disciplinar os mascarados, como sucede com o chefe de polícia de 1866, Antônio J. B. de Nazareth, mandando publicar aos jornais *(Cearense*, 10 de fevereiro) as "instruções que deverão ser observadas pelas pessoas, às quaes e permitido o divertimento de mascaras".

Interessantíssimo esse documento, em que fica interdito a mascarados segurarem a escravos, a fâmulos, ou mesmo a trabalhadores rurais, no qual vai dimensionada a duração do divertimento, marcada pelo soar das horas do relógio da igreja da Sé, que, a certeza, disciplinava o começar e o acabar de todos os eventos da província de então.

Senão vejamos: "Permittido o divertimento de mascarados durante os três dias do carnaval, que são 11, 12 e 13 do corrente mez, quer em bailes publicos ou particulares. Nenhum mascarado poderá fazer alusão em seus vestidos ao estado sacerdotal ou a qualquer corporação religiosa, civil ou militar, e de modo algum offenderá à moral e os bons costumes.

Nenhum mascarado poderá atirar nas ruas, nas casas ou em qualquer pessoa objecto algum, e muito menos água com ou sem cheiro, nem pegar os que andarem nas ruas, principalmente sendo homens do campo, escravos ou fâmulos.

Nenhum mascarado poderá trazer arma alguma prohibida, seja cortante, perfurante ou seja contundente.

Os mascarados poderão andar nas ruas das seis da manhã até sete da noite, annunciadas pelo relogio da Sé, mas aquelle que apparecer a cavallo ou de sége nunca poderá correr.

Os bailes mascarados principiarão às sete horas da noite, e findarão às duas da madrugada, annunciadas pelo relogio da Sé, podendo os concorrentes mascarados chegar até às Oito horas da noite.

Nos bailes publicos são prohibidos as danças indecentes e instrumentos capases de produzir desastres; como o mascarado ter ingresso nos camarotes, sem permissão das pessoas ou familias que os ocuparem.

Nos bailes publicos poderão dansar os mascarados com as pessoas não mascaradas, que os quizerem; com tanto que estas nunca o façam sem aquelles, e se retirem para seus lugares apenas finde a dansa.

Nos bailes publicos os mascarados se darão a conhecer a autoridade inspecionadora do espetaculo, sempre que esta exigir.

Os mascarados que sahirem dos bailes antes das duas horas da madrugada comunicarão a guarda ou autoridade inspecionadora do espetaculo, se tiverem de voltar, e no caso de o fazerem de uma vez, como no fim dos bailes tirarão as mascaras na porta do theatro ou casa do baile e ante a guarda; inspector de quarteirão ou autoridade que estiver presente.

Nos bailes particulares não poderão entrar pessoas não convidadas, mas os donos da casa ou encarregado do baile dará em reservado ao chefe de policia uma relação nominal das que o composerem, e ficará responsável pelas desordens ocasionadas por falta de providencias de sua parte ou inobservancia das presentes irstruções no que lhe puder ser applicado.

É prohibido tirar a mascara ou dirigir insulto ao mascarado, o qual respeitará sempre a todos, quer nas ruas, quer nas reuniões ou bailes.

Se porém o mascarado commetter qualquer delicto on infringir seus deveres, as autoridades policiaes poderão arrancar-lhe

a mascara imínediatamente, e os soldados ou qualquer pessoa do povo prendel-o e levar a presença da autoridade que procederá como por justo, arrancando-lhe ou não a mascara.

Os encarregados dos bailes publicos cumprirão em tudo o mais o disposto nas leis vigentes à respeito dos theatros publicos, e tanto elles, como os mascarados que infringirem estas instruções soffrerão as penas de multa ou prisão, que no caso couber.

Secretaria da Policia do Ceará, 1º de fevereiro de 1866."

Estamos a crer que os carnavais, da década de 1860-69, se faziam com a frequência sempre numerosa de mascarados, o que levou o *Jornal do Ceará*, de 9 a 27 de fevereiro de 1868 a documentar com visível decepção:

> "O carnaval este ano esteve insipido e muito concorreram para isso as chuvas torrenciaes que cairam durante os três dias destinados a *folia dos mascaras"* (grifamos).
> Mas, em recintos fechados, continuaram a transcorrer sobremodo descontraídos os bailes carnavalescos, como se anunciava pelo *Pedro II*, a 20 de fevereiro desse ano: "Grande animação Carnavalesca. Francisco Teixeira Leite avisa a ilusrte rapazeada que tem de dar dois bailes nos salões do antigo Ateneu Cearense, nos dias 23 e 25. As Divas e Lucrecias terão entrada gratis. Os assinantes pagarão 4$000 pelos dois bailes Bilhetes à venda na Rua do Cajueiro n.º 10."

Anos antes, por volta de 1864, como é visto a'O *Cearense* do dia 5 de fevereiro, o Theatro Thaliense atraía multidões para bailes populares, bem freqüentados:

> "Domingo, 7 do corrente, terá lugar o 2.º baile de mascarados. A ele, rapazeada! Deixai a ignorancia clamar no deserto, e marchai intrepidos na senda do progresso a par das nações cultas, e

civilisadas! Só se venderão camarotes para familias, os homens pagarão dois mil réis de entrada, e occuparão os lugares que lhes enviarem, quer nos camarotes vasios, quer no salão do baile. As pessoas que quiserem assinar, queiram dirigir-se ao hotel do sr. Bernardo Antonio de Moraes."

Terá sido a década de 1860-69 a mais animada da vida provinciana da Fortaleza. Segundo listagem do sr. Urcesino César de MelIo Padilha, em publicação a 2 de março de 1868, no *Jornal do Ceará*, a Rua da Palma tinha 84 casas; a Boa Vista, 51; a do Mercado, 43. A Praça da Alagoinha, duas residências; a Rua do Imperador, 5. Mas a Rua Amélia era campeã em importância e número de residências e casas comerciais: 119!

Havia teatro em mais de um local, ao mesmo dia, como sucede a 12 de janeiro de 1868. Sendo domingo, é encenada a peça em 1 ato, do sr. Guimaráes Junior, "ornada de muitos numeros de musica escrita expressamente – pelo talentoso maestro Colás, intitulada 'As Pragas do Coronel'. No Taliense, o sr. César de Lacerda", um dos mais distintos atores do teatro nacional português, conhecido pelos dramas "A Probidade", "Os Homens do Mal", recém-chegado com a atriz Carolina Faco, dá espetáculo. E no Salão do Palácio da Presidência, para o dia seguinte, os Irmãos Franco concedem concerto em que a sociedade poderá ouvir "Souvenirs de Bellini", estando os bilhetes à venda no Hotel Francês.

Fica a impressão de que a esse tempo os próprios talentos artísticos da cidade começavam a ser melhor aproveitados. "O sr. Cesar de Lacerda *tendo ensaiado alguns curiosos desta cidade*, (grifamos), o excelente drama de sua composição – "Cinismo, ceticismo e crença" – leva hoje a efeito o último, por ter de retirar-se, no vapor de 14, para o norte." *(Jornal do Ceará*, 9 de fevereiro de 1868).

A Biblioteca Pública, inaugurada a 25 de março de 1.867, com 1790 volumes, em 1868 alenta-se, orgulhosa, com 5.720 li-

vros! O Teatro Taliense não demora desocupado. Está sempre a empreender. A 29 de maio, vai aos jornais propor a assinatura de cinco espetaculos, coadjuvado em alguns deles (por especial obsequio) por alguns *filodramicos desta cidade* (grifamos), com dramas e comedias do mais apurado repertorio dramatico".

É encenada nesse ano "A Dama das Camelias", de Alexandre Dumas; e o drama de Mendes Leal, "Abel e Caim" O presidente da Província, Pedro Leão Veloso, comendador, recebe em Palácio, a 22 de abril de 1868, onde transcorrem danças em sua homenagem; a mesa cearense é servida da manteiga inglesa, a 800 rs. a libra; francesa, mais barata, a 500 rs.; o vinho do Porto custa 1$000 a garrafa. Massas (aletria, macarrão e talharim) estão chegando pelo navio espanhol *Lara;* há toucinho vindo de Lisboa, assim como vinagre, azeite, doce em calda. E, na Rua da Palma, 56, pode-se comprar "louça, comadres para doente, escarradeiras brancas, saboneteiras, escoveiras para cima de lavatório", peças estranhamente anunciadas ao lado de "açúcar refinado, alvo como a neve...

Passas, figos, batatas, cebolas, são produtos apregoados, chegados por vapor inglês que traz também novo suprimento de chá, tradicionalmente servido por volta das 8 horas da noite.

O Ceará exporta. A receita da Alfândega, do dia 31 de janeiro de 1868, atinge a importância de 1:940$122 rs., acusando expressivo movimento de exportação: "A escuma inglesa *Wílliam Anning* saida a 30 do corrente manifestou o seguinte para Hamburgo: 1540 sacas de café com 6 908 arrobas e 20 libras – 50 ditas de algodão com 243 arrobas e 18 libras – 60 fardos borraxa com 344 arrobas e 24 libras, 3 ditos de cabelos de boi com 28 arrobas e 2 libras – 428 meios solas com 107 arrobas e 8 libras, 3310 couros; à ordem."

Tem-se queijos flamengos, trazidos pelo vapor *Jerome;* carne do Rio Grande, "muito gorda e muito nova", à venda em Salgado, Souza & Cia. e bastante camoropim, anunciado por Marcelino G. Rozas & Cia., estabelecidos na Rua Formosa, 54.

E cigarros contra asma, pílulas contra as moléstias de pele, curando “impingens, o lichen, a eczema, o prurido, a lepra (!), o comichão e as mais semelhantes doenças”; medicamentos de Grimault & Cia., manipulados por “farmaceuticos de S.A.I. o Príncipe Napoleão, Paris”.

Xaropes, pastilhas; o miraculoso Peitoral de São Jorge, “tendo por base as propriedades medicinais de certas plantas descobertas pelos frades da Abadia de São Jorge, no Anjou...”

Tempo de iniciativas arrojadas. Soava o instante do caminho de ferro:

> “A presidencia da Provincia contratou ontem com os engenheiros John James Foster e José Pompeu de Albuquerque Cavalcante a organização de uma companhia que tem por empresa a construção de uma via férrea pelo sistema *tran-road* com direção ao rico municipio de Baturité, sendo o ponto terminal da primeira secção a povoação da Pacatuba, com um ramal para a vila de Maranguape.” (5 de abril de 1868, *Jornal do Ceará).*

TOLLENARE, ELEGANTE CRONISTA SOCIAL ANTÔNIO BEZERRA E O MUNDANISMO CEARENSE UM SONETO DE OLIVEIRA PAIVA

L. F. Tollenare, que esteve em visita ao Brasil em 1817 (veja-se o seu *Notas Dominicais*, Livraria Progresso Editora, 1956, Bahia), foi possivelmente quem, em primeiro lugar, melhor descreveu um baile da sociedade brasileira de nossa região, contando-nos os momentos que o emocionaram no domingo, dia 7 de setembro de 1817, na cidade do Salvador: "Um navio francês, há pouco chegado, trouxera os objetos da moda e as *toílettes*, todas muito elegantes e bem talhadas. Para usar os vestidos franceses fora preciso recorrer aos espartilhos, e o colete estabelece aqui uma distinção muito pronunciada entre as senhoras que se querem modernisar e as que se apegam aos costumes da terra. Compararia esta diferença com a que existia entre as senhoras que pintavam as faces de carmin e as que não o faziam. Os diamantes ofuscavam a vista; estes não vinham de França, pois, estão aqui na sua terra natal.

O número dos cavalheiros subia a cerca de 200; os portugueses trajavam quase todos a casaca de seda à francesa, bolsa e espada; era um tanto serodio. A solenidade exigia discursos e recitativos..."

"Um concerto de piano e outro de flauta, executados por amadores, teria talvez produzido efeito em um salão; mas os sons perdiam-se na vastidão daquele local. A senhora que executou ao piano fê-lo com graça verdadeiramente francesa. Em seguida dançaram uma gavota e uma alemanda; Mme. ... a, trajando de ninfa, executou muito lindamente a gavota; a alemanda foi dançada por uma criança..."

"Entre as 43 damas muitas eram já matronas, ou de uma corpulencia ou educação que não lhes permitia dançar; entretanto

conseguiu reunir-se umas 14 ou 15 para executar as danças inglesas; como é de supor não eram das menos gentis; dançavam com ardor e alegria, o que vale mais do que a dança compassada das nossas patricias. A ceia foi servida em um belissimo salão, expressamente construido para este fim, com vista para o mar; foi de 400 talheres, não havia iguarias delicadas; mas, as mesas cintilavam de velas e de cristais."

"As saúdes foram bebidas com prazer, mas, com demasiada falta de cerimônia. Era o momento próprio dos discursos, porém não houve um só.

Estes brindes contribuiram pouco para animar a juventude de ambos os sexos às danças, que se seguiram à ceia; é difícil executá-las com mais ardor e abandono. Era tal a louca alegria que, por momentos, supuz fossem propor as danças crioulas; mas, o decoro a isto se opunha." *(Op. cit.,* p. 309, 310).

Vê-se de modo claro, pela exposição entusiástica do viajante francês, delineado todo o momento festivo de encontro social da classe rica, nobre. Havia por assim dizer ritual, programática adrede preparada e que, a menor ou maior brilho, se executava por esses momentos.

Anos depois, indo residir no Rio de Janeiro, e sobre ele dizendo bem *(O Rio de Janeiro como* é, 1824-1826, Editora Getúlio Costa, Rio de Janeiro, sem data), C. Schlichthorst observava que "na capital, como em qualquer parte do mundo civilizado, dominam as modas francesas e inglesas, as quais, devido ao gosto do povo, adquirem caráter próprio ou, melhor, se adaptam ao clima". Nunca os espartilhos, no seu entender, conseguiriam êxito entre nós. "Na Europa é o costureiro que faz mais ou menos a forma de toda mulher. Sob o céu tropical, onde a roupa não tem outra finalidade senão proteger contra o sol e velar a decencia não permite mostrar, jamais poderá ser introduzida uma moda que põe um gosto bizarro acima das comodidades naturais." (p. 91)

Adiante (p. 92): “No teatro, e nos bailes, aparecem (as mulheres) com vestidos de gases, policrômicos, cobertos de inumeras flôres e laçarotes de fitas, saiotes de setim, corpete igual, bordado a ouro ou prata, rico diadema, flores e plumas nos cabelos em agradável combinação.”

Meias e sapatos são sempre de seda.

Pois bem, assim vestidas e cuidadas, obedecendo a ritual de encenação a que assistiu o bom observador Tollenare, as representantes da sociedade brasileira, por esses Brasis afora, procuravam participar da vida social de sua comunidade, de acordo com as regras da moda.

O grande baile acontecido no sobrado do cel. Eustáquio, em Fortaleza, em homenagem ao casal Fausto Aguiar, presidente da Província, como está repassado na plaqueta de Raimundo Girão *(A Princesa Vestida de Baile*, Editora Instituto do Ceará, 1950, p. 30, 31) – sem nos remeter infelizmente à fonte exata da notícia originária – dá, para aquele tempo, 1848, a primeira reportagem bem sucedida de acontecimento de tamanha repercussão social.

“No curso do baile houve muito bem desempenhadas contra-danças, que tinham lugar ao mesmo tempo em ambas as salas, dansando em cada uma cada vez dezesseis ou doze pares; os intervalos foram cheios ou por modinhas que algumas senhoras se dignaram cantar com geral aplauso, ou por valsas desempenhadas com toda agilidade, tendo também em uma um deles a exma. Senhora do Sr. Presidente, por sua bondade, e cedendo às instâncias do Dr. Fernandes Vieira, tocado com todo primor no piano algumas variações da *Norma.* Antes de concluir-se o baile foi recitado um soneto e para maior brilhantismo haviam preparado não pequena porção de fogos de artifício, a saber: bastante fogo do ar, figuras, rodas, um balão, etc. O chá *(op. cit.*, p. 32) foi servido a contento de todos, havendo nele muita riqueza e profusão, notando-se em tudo uma admirável variedade.”

Mas quem melhor reportaria um baile da Fortaleza, com todos os seus detalhes e inconvenientes, inclusive a pasmosa freqüência (em excesso) de crianças, a motivar inevitáveis atropelos ao final, é o cronista Carniolli, pseudônimo que encobre uma das mais adestradas inteligências do seu tempo, o historiador Antônio Bezerra.

Dá-se que Antônio Bezerra é um como que Tollenare nosso, viajando ao interior, a cidadezinhas vizinhas, Maranguape, p.e., a anotar a nossa paisagem, a registar emoções e a apreciar o indumento das mulheres, suas contemporâneas, como faria em crônicas para o jornal *Constituição:* "N'uma coisa notei que a filha de Maranguape não tem quem a exceda; é no pé pequeno, fino, arqueado que vi ajeitar-se no setim de caprichosa botina, e que a fazia deslisar subtilmente, dando ao resto do corpo um ar de nobreza e altivez. Essa prenda é peculiar às brasileiras." A seguir: "Uma que trazia rico vestido bordado com sombra azul, chapéu cor *jeune-paille,* tendo a larga aza direita preza ao topo, donde flutuavam lindas piu. mas, soberbos botões de rosas *Souvenir de la Malmaison* no peito e punhos do casaco...

No mesmo "órgão conservador", a 1.º de junho de 1884, Antônio Bezerra – o primeiro irrepreensível cronista do mundanismo cearense – vem dizer-nos em "Scenas da minha terra", longo artigo de folhetim escrito com bastante espírito crítico, como ocorrem os preparativos e como sucede *um baile em palácio:*

"Há dias preparam-se as *demoiselles,* e as modistas não têm descanso.

A *Saison* e a *La Mode Française* andam de mão em mão para a escolha das *toílettes* mais modernas.

O setim, o blond, o gaze, os plissés, as flores artificiais, os colíarinhos de crochet e mignardise, as fitas irizadas, as essencias Jubin, que constituem em o cabedal de sua galanteria, dão o que fazer aos caixeiros do *Louvre, Libertadora, Boa-Fé* e *Estrella do Oriente.*

É só no que se falla, no que se pensa, no que se discute.

De seu lado a mocidade elegante anda atarefada; escolhe calça do *Bostock*, no Geraldo, luva Jouvin, no *Bon Marché*, chapéu de claque no Guarany, gravata chic, na Iracema e lenço de seda de cor, na Emancipadora.

De manhã à noite os operarios levam o tempo a passar a ferro as casacas, umas com as abas redondas em forma de abanos, outras finas e arrebitadas como as antigas espadas rabo de gallo.

Ha de todas as formas e feitios.

Chega afinal o dia almejado.

* * *

Oito horas da noite...

Palacio é um brinco.

Perfeitamente illuminado e enfeitado parece um capricho de fadas.

Uma banda de musica postada em frente à porta saúda com escolhidas peças a chegada das familias.

No topo da escada uma commissão de cavalheiros receba as senhoras e dá-lhes assento no salão.

Entra então o dr. Antão, sua senhora e dez meninos.

O commendador Vasconcellos, duas cunhadas e seis meninos.

O negociante Gomes, sua senhora, uma irmã e sete meninos.

O jornalista Dr. Alves, sua senhora, um filho academico e cinco meninos.

O capitalista Abreu, sua senhora, duas irmãs, duas cunhadas e sete meninos.

O inspector d'Alfandega, dr. Monteiro, sua senhora, três cunhadas e nove meninos.

O coronel Costa. duas sobrinhas e quatro meninos.

Enfim, para não cansar a paciência da amável leitora, dizemos que pelas 9 horas, o salão regorgitava de convidados sendo 89 senhoras, 67 cavalheiros e 154 meninos.

* * *

O presidente com sua habitual jovialidade cumprimenta as damas e demoiselles, distribuindo a todos palavras amáveis e de intima satisfação. Affavel sorriso illumina-lhe a simpathica phisionomia. Manda dar o signal para a dança e solicita da senhora do dr. Antão a honra da primeira quadrilha.

É-lhe cedida com prazer.

Ao som da musica os moços affluem ao salão e depois de prolongado arruido, organisam-se os quadros, onde difficilmente se podem executar as evoluções, em consequencia dos meninos que se intromettem e tomam com seus pares a frente dos cavalheiros.

É um verdadeiro atropello.

Nas idas e voltas muita senhora é machucada e abalroada asperamente.

D. Sinhá vê espedaçada a cauda do seu rico vestido de surá, de cor, e d. Aurelia tem o quadril contundido pelo cotovelo ponteagudo de um marmanjo. O presidente ri-se e como que se enleva no contemplamento geral.

Meirelles, caixeiro da casa Gomes & Irmão, para dar mostra de sua proficiencia na dansa, convida a uma valsa D. Izabellinha, uma das mais interessantes creaturinhas da sociedade cearense.

Com todo garbo e ufania percorre duas vezes o salão, e ao rythimo e cadencia da musica arremette em desparada. Arrasta nos rapidos volteios o par delicado que mal o pode acompanhar.

No seu enthusiasmo o moço esquece-se que tem ao braço uma debil creança, e atira-a ora para um lado, ora para outro, como se fora uma sacca de café ou fardo de jaborandy.

D. Izabeilinha é levada n'um vôo vertiginoso, roçando apenas com a ponta da botina o soalho que lhe foge. Exhausta as forças pede ao par valente a graça de senta-Ia. Pallida, dominada pelo cançaço, da fronte rorejam-lhe gotas de scintillante crystal, tem as mãos ardentes do arrocho do hercules cavalheiro.

O dr. Meirelles dansa perfeitamente bem!

* * *

Nos intervallos as damas e cavalheiros espalham-se pelas salas e passelos. Ao angulo de uma varanda o academico Arthur Alves entretem a d. Rosinha, a rainha do baule, com uma prelecção das doutrinas de Comte, que ella muito aprecia, mas que não entende, nem elle.

Aqui um moço do commercio demonstra com todo o rigor das formulas syllogisticas a um grupo de senhoras as vantagens da pretrolectrina, e alli outro, a superioridade das machinas de costura *IVew-Home* sobre as da *Singer.*

Além um estudante dirige madrigais a uma morenita, em que a compara a rosa de Alexandria; seus olhos a estrella d'alva, seu sorriso ao alvorecer d'aurora, sua voz ao cicio da brisa nas folhas do arvoredo.

Ella lhe responde enleiada; e o Sr. é doce como uma pedra de assucar candi.

Em torno da mesa profusamente servida e arranjada, as senhoras do Dr. Antão e coronel Moura, braços passados pela cintura uma da outra, vão ingenuamente comendo os doces que tem de mais nos pratos ou que não conservam rigorosa symetria. Ninguem reparou, porque as pyramides apenas baixaram de altura.

* * *

A noite corre sempre animada. Algumas jovens deleitam aos convivas com as douçuras de sua voz, ora gorgeiando as melodias

de Tosti, ora recitando com graça as melhores producções dos poetas brazileiros. O presidente sente-se satisfeito da alegria de todos. Dança-se a quarta quadrilha e a rapazeada desejosa de terminar a etiqueta observada até então, anceia por uma galopadasinha, mas o presidente...

Alfim um começa de vagar, outro o imita e com pouco a corrida é geral. O presidente, si não gostou, nada disse, o que é tomado por assentimento, e assim a multidão revoluteia surdamente no salão, como sombras chinezas ou figuras do inferno dantesco.

S. Exa. suppoz-se a principio transportado a Stockholm ou S. Petersbourg, mas depois lembrou-se que estava num canto da zona torrida. Riu-se a admirar a bravura dos cearenses.

* * *

Finda a quadrilha, offerece o braço a uma senhora e passa à sala do chá. Todos o acompanham. Há alli somente lugar para algumas senhoras. Os meninos antecipando-se, tem ocuppado todas as cadeiras e por via das duvidas, vão logo se servindo. O presidente fica fora da mesa. Pede a palavra o dr. Antão.

Dificilmente se pode conter a meninada: e logo que começa o illustre jornalista, saudando o aniversario natalicio de S. exa., prossegue o arruido dos talheres nos pratos, de sorte que muita vez é abafada a voz do orador.

O presidente agradece as delicadas expressões do Dr.; faz a apologia do povo cearense, mas a bulha não diminue.

Continuam os brindes.

Em breve a mesa é um destroço; tudo está derramado e revolto e a toalha é alagada de vinho e manteiga.

Os pequenos convivas porfiam qual mais destroe a ordem e symetria das iguarias.

As que não têm assento, retiram as mãos cheias dos pratos os bolos e doces em presença dos paes, que para não contrariá-los, guardam silencio e riem-se da vivacidade dos seus filhinhos.

São os homens d'amanhã.

Senhoras há que não poderam ser servidas de cousa alguma.

A um canto um velho capitão da guarda nacional arruma num lenço um banda de queijo e a senhora do empregado F. arranja uma troxa de bolinhos para os pequerruchos que não poderam vir.

S. exa. conserva a mesma jovialidade e volta ao salão onde continuam as quadrilhas.

D. Estephania retira-se por não poder estar mais alli; um desasado cavalheiro derramou um calice de vinho sobre o vestido de seda *grís-perle.*

Às duas horas termina o baile e todos levam saudosas recordações de tão aprasíveis momentos.

Ainda os relembra..."

Nem todos viam esses momentos sob mordente crítica. Havia os que se entusiasmavam com a atmosfera dos bailes, a presença de belas mulheres, quase sempre inteligentes e com irrepreensível bom gosto musical.

Não raras as inspirações poéticas, postas em versos, como neste soneto de Oliveira Paiva, dado à publicação pela *Constituição* de 24 de fevereiro de 1884:

"Balanceava a polka doce e doce,
Fervendo os sons nas cordas do piano;
Os dedos saltitando, *piano, piano,*
Como a nuvem que incerta ao vento fosse.

Como um velho que sempre se remoce,
Ou como sempre novo um novo anno,
Ou como um barco sempre a todo pano,
Cada compasso é novo e cada voce.

Vaes dando volta às vezes ligeirinha.
E outras vezes ficas peneirando
Como ao redor do ninho a avezinha.

Mau grado teu, menina, vaes cansando,
Mas não te importas, dansas mais doidinha:
Vão as orlas da roupa esvoaçando...”

SOCIEDADE MANÍACA PELOS RETRATOS
O CIRCO E AS CADEIRAS DE LEVAR
O GOSTO PELO PRETO
OS LEILÕES
MÓVEIS DA ÉPOCA
OS SUCESSOS LITERÁRIOS DE 1880
AS MÚSICAS

Nutre-se, até o final do século passado, uma sociedade apoiada nas relações familiares que começam com agradáveis reuniões dominicais, após assistida a missa, satisfeita pelos homens a devoção da freqüência a confraria religiosa, e aí discutidas suas obras ou desfiles processionais, nem sempre a traduzirem emoções de natural condicionamento de Fé.

Os da cidade geralmente vão aos seus arredores, de visita a parentes, ou a rever amigos, naquele "passar o dia", geralmente domingo, dia santo ou feriado, em que ocorre o prelúdio de namoros entre primas, o qual mais tarde conflui para venturosos casamentos.

Horas de intimidade diante de mesas bem servidas sob a assistência de escravas, em sua maioria já consolidadas em crias de casa, alertadas ao fazimento de guloseimas capazes de tornar tais momentos realmente apetecentes.

Comunidade maníaca por retratos; estão eles dependurados pelas paredes – bisavôs, avós, os próprios donos da casa e até os primeiros filhos, e quando não há mais espaço para essa exposição, em que se percebe certo sabor nobiliárquico, sobram as figuras reveladas em postais para os álbuns, ou simplesmente vão parar nas caixas de sapatos, amontoados, tal a quantidade de efígies sentimentalmente permutadas entre os da mesma família com "o abraço da prima querida" ou "com beijos da tua madrinha", etc., etc.

Instituição familiar de intimidades definidas; a da sala de visitas, quase sempre formal, pouco comunicativa, reservada aos

encontros de cerimônia, que pessoas, mais adentradas na amizade da casa, são encaminhadas para a sala de jantar, para a copa, ou ficam nas proximidades da cozinha onde não tardam os chás e os docinhos, e até capitosos vinhos e licores feitos sob irrepreensível arte doméstica.

Daí aos fundos de quintal ou jardins, mais raros a estes, e rigorosamente aos primeiros, fluem as relações estabelecidas entre amigos, encontrando assim local discreto para dar seguimento a assuntos despertados na convivência mundana, pública, de teatros, igrejas, clubes, procissões, etc.

Por volta de 1868, pode-se dizer: os fortalezenses principiam a ter o que ler com mais facilidade. Obras de Fenimore Cooper, como *O último Moicano,* ao lado das de Camilo Castello Branco – *A Queda de um Anjo, O Judeu,* etc. – são adquiridas à Livraria e Papelaria de Joaquim José d'Oliveira, instalada na Praça Municipal, n.º 10, onde se compram também a *Imitação de Cristo,* a *Eneida,* ou as *Lágrimas e Tesouro,* de Rabello da Silva; *A Moreninha, O Moço Louro,* de Manoel Macêdo, não faltando o *Formulário ou Guia Médico do Dr. Chernoviz,* àquele tempo em oitava edição, custando o volume, de 972 páginas, 7$000 rs.

À falta de assistência médica mais difundida, além da farmacopéia de fundo de quintal, funcionam à larga os ensinamentos do conhecido médico. Em discussões sobre enfermidades mais imbatidas, o infalível livro é sempre requisitado como palavra derradeira:

– "Vejam o Chernoviz!"

Os mais velhos, homens circunspectos, e naturalmente políticos, vão ao "Tamandaré", tabacaria da moda, abastecer-se de finos charutos, desde o "Flor do Brasil", "Riachuelo", "Voluntários da Pátria", até os "Argentinos" ou "Orientais".

A esses *amigos da fumaça,* como são chamados então, acrescente-se o vício da bebida. É tempo em que quase todos podem tomar cerveja *Bass,* beber o quente e agradável cognac *Martell,* ou

vinhos franceses, quando não ter à mão, e ao paladar, salame de Lyon, lagostas, ou línguas inglesas, em sal.

Os pencenez estão no auge da moda, assim como os "óculos côncavos", vendidos por Manuel Pereira Valente, que tem novidades para a mulher elegante: chitas de barra escura e clara, cretones, mariposas, e sapatos de trança, portugueses.

Essa sociedade vai também aos circos, de raro em raro na cidade, mandando antes pelos fâmulos as cadeiras em que tomarão assento. Nem sempre podem evitar equívocos, obrigados alguns, para não perder o que lhes pertence, a publicar aos jornais anúncios como este:

> "Quem hontem, por engano, levou do Circo Olympio, cinco cadeiras americanas, com o nome do abaixo assignado escripto em um pedaço de papel pregado no espaldar das mesmas, queira por bondade mandá-lo avisar, para mandar ver. Fortaleza, 26 de fevereiro de 1872" (ln *Constituição,* 29 de fevereiro).

Predominam os trajos escuros, principalmente os vestidos de chamalote preto, com os quais as representantes do sexo feminino comparecem às missas, onde, em momentos solenes, ouvem não apenas os sermões acompanhados de meias representações dramáticas, mas cânticos e músicas sacras muito bem tocadas por pessoas dessa mesma sociedade, portadoras de elogiável bom gosto artístico.

Tradição que se alongará anos afora, a ponto de não serem raros os conjuntos musicais, principalmente bandas de música no interior do Estado – como as viu Paulo Elpídio de Menezes (in *O Crato do Meu tempo,* p. 81), em Quixadá, já neste século executando trecho da *Traviata,* de Verdi, tudo com aprumo, com ordem, sem que os músicos saíssem de suas partes para improvisar floreios.

Durante anos, essa sociedade imponhe-se a si mesma a preferência por vestes escuras. Tem-se, por assim dizer, irresistível

atração pelo preto, como se a elegância só pudesse representar pelo indumento retinto, fosse vestido ou casaca, elementos de vestuário terrivelmente antiecológico.

Já por diante de 1870, tornar-se-á mais efetiva a influência da moda francesa. Anúncios divulgados aos jornais chamam a atenção para particularidade que cria hábitos: "Moda de Pariz", opção que estabelece profunda alteração no vestir, passando a prevalecer os ternos menos escuros

A rigor, começam a ocorrer certas alterações substanciais no vestir das elegantes um ano antes, a partir de 1869, quando *O Cearense* (7 de julho) transcreve na secção *Modas* a descrição das últimas novidades de Paris, chegadas ao Recife em notícias de jornais:

> "Os vestidos de cauda só se usam para grande *toilette*. Os *costumes* continuam a ser feitos com uma só saia e casaco, ou duas saias, com *fichu*, pelerim ou mantelete, tudo guarnecido de folhos estreitos ou largos; de ruches e de rendas. Os cintos já não têm grandes pontas como o anno passado. Usam-se pontas pequenas e o laço composto de uns poucos de *coques.*"

O branco – utilizado até então de preferência para vestidos de noivas e saias de anjinhos – "é muito usado com *chaliz, piqué* e cambraia".

Revela mais *O Cearense:* ..... vestidos de *piqué* branco ficarão muito lindos, enfeitados com entremeios de gripur, com uma fita de cor por baixo, ou tambem com tiras de borefor inglez."

Os de *toilette* são de "tafetá azul e branco; saia redonda, tendo em baixo um grande folho guarnecido de seda azul" e apresentando, "por um lado e outro uma estreita valenciana"...

A saia perde o dimensionamento exagerado; torna-se mais agradável, menor, formando um detalhe – a que chamavam camargo e que ia cobrir-se com outro folho, o de arremate.

Nota-se a descrição de novo costume, dessa vez de faya preta, impondo-se com sua saia redonda, onde se destaca um grande folho."

Esse folho é a característica predominante. Está em todos os vestidos, até nos de *foular*, aparecendo sempre ao capricho do corte, na primeira saia, exatamente na de baixo...

Mas o preto, de qualquer forma resiste; e só mais adiante, como se verá, esmorecerá na preferência da sociedade requintada, dando precedência ao branco, às cores mais alegres.

É tempo em que Jacques Weil vende capas de sedas; ditas de merinó, a última moda para senhora; "pele de cabra, gosto novo, berege e chita-cassa", além de luvas de camurça para homens...

Já por esses dias (Fortaleza está na década de 1870-79), vão os mais expeditos de sua geração ler *A Constituição* (23 de maio de 1870), que transcreve o *Jornal do Commercio* de Lisboa, onde se dão notícias de Paris com destaque para as saias de *tulle* branco, entufadas, e em que se diz vestir a condessa "de Primoli um traje..." de *faille* "cor de rosa, com cauda também da mesma fazenda, mas já agora cinzenta, presa aos lados por laços cor de rosa e cinzento...; o vestido da marechala Canrobert é de *tuíle* preto, com folhos guarnecidos com setim cor de palha, e a túnica" muito curta de *grosgrain* preto, enfeitada com ponto de Alençon...

O *faille* domina; brilham plumas entre os cabelos também guarnecidos de jóias; há echarpes de gaze branca, e tufos nos vestidos com "rosas amarelas e vermelhas ao lado do *corsage"*, e mais enfeites, corpetes talhados com *plastron* de cores alegres; uma ou outra túnica de cetim verde...

O mesmo jornal, a 26 de abril de 1872, tem boletim de moda transcrito do *Correio de Lisboa*, com sugestões para essa sociedade que cada vez mais se capacita ao exercício da vida mundana, agora intelectualizada.

E tudo lhe é ofertado qual modelo digno de seguir, enquanto gozam todos o clima de Otimismo, uns anos de ventura e prospe-

ridade que atravessam, sem adivinhar os três terríveis e penosos momentos da grande estiagem que se abaterá sobre o Ceará de 1877 a 1879.

Há, em 1872, abundante inverno; ocorrerá assim no ano seguinte. Até 1876, o ritmo das águas copiosas corre por igual, dando de, no último, a anteceder a grande seca de 77, caírem chuvas torrenciais em pouco mais de sessenta dias, a ponto de prejudicarem em muito os campos lavrados.

Mas é o caso de experimentar o Ceará o áspero ano de 1877, seguindo-se-lhe o de 1878, sem que, como era de esperar, arrefecesse o entusiasmo pelas grandes comemorações sociais e artísticas. É quando acontece, nesse último ano, a inauguração do Teatro São Luís, subindo à cena pelo Recreio Familiar, em seu 45.º espetáculo, a peça em três atos de Arthur Rocha – "Anjo do Sacrifício" –, precedida de "linda ouvertura composta pelo insigne maestro Manoel Magalhães".

Dias de glória para o teatro da província, os de atuação da Sociedade Particular Dramática Dous de Fevereiro, encenando seguidos e diferentes espetáculos (como o drama em 4 atos do dr. Francisco Augusto Borges – "Pedro, ou A Aventura de uma Família"), e o Recreio Familiar atingindo a meia centena de representações só num semestre, com obras de autores portugueses, a partir do drama (igualmente em 4 atos) de Camilo Castello Branco: "O Condenado".

Por emulação, é distinta a iniciativa de se fazer encenações quer domésticas, quer públicas, de pastoris geralmente escritos à mão, peças que se assemelham, pelo seu formato – *in 16* –, aos livros de receitas culinárias, documentos manuscritos passados de mãe para filha, ao suceder de gerações que, de maneira bastante lenta, alteram seus hábitos.

Faz sucesso o *Baile das Flores*, cujos personagens são a Rosa, o Cravo, o Lírio, a Sempre-viva e a Flor de Laranja, a exibirem-se em trajos assim descritos: A Rosa deve ter saieta (tecido grosso de algodão, mais apropriado para forramento de vestidos, – informa-

mos) verde, “e corpinho cor de rosa; o Cravo, calções curtos, verdes, e blusa encarnada; o Lyrio, calções verdes e casaquinho branco; a Sempre-viva, saieta verde e corpinho amareilo; a Flor de Laranja, saieta verde e corpinho branco. Cada um deve trazer na mão a flor que representa”.

A certa altura desse ingênuo pastoril, canta o Lírio:

“Minhas caras companheiras
Não se zanguem por piedade.
Hoje é noite de alegria,
Noite de riso e de amor.
Cessem disputas e enfados
Em honra do Salvador.”

Há muitos termos franceses, inclusive nos comentários feitos aos jornais, de festas realizadas em clubes sociais da cidade. Mas à mesa, à qual chegam inevitavelmente os vinhos importados de Paris, competindo com os de origem portuguesa, imperam “entremédios de doce”, principalmente filhós – bem lusitanos, e receitas via de regra, obtidas a livros especializados, como o *Novo Manual do Cozinheiro*, de Constantino Carneiro (Garnier Irmãos, Editores, Paris, s. d.), que os ensina preparar.

“Diluida sufficiente porção de boa farinha em agua, junte-se-lhe um pouco de assucar, uma colher de azeite, e uma ou duas colheres de agua de flor de laranja, mesclem-se-lhes logo claras de ovos batidas em neve, advertindo-se ser necessario que a massa dos filhós tenha bastante consistencia para tapar com uma só immersão a camada de maçãs ou de qualquer outra substancia de que se fará uso para se findarem os filhós.” (p. 298)

O café é servido geralmente em grandes xícaras, acompanhadas de pires e colherinhas. Segundo o mestre Constantino Carneiro – devia de ser adoçado com açúcar retirado de açucareiro, “com a colher geral”, mas se fosse ali posto em torrões.

Recomendava mais: “Enchão-se depois os copos de licores, distribuão-se a quem os pedir.”

Encerrado o ágape, que obedecia rigorosamente a 23 regras de etiqueta, tinha-se a última; assim explicitada:

> “Use de palitos, limpa-dentes, e enxague a boca, segundo o estylo da mesa, mantendo sempre a compostura, decencia e opportunidade em tudo. Com estas qualidades e a exata observancia de todos os preceitos anteriores da gastronomia, desfructarão os que seguirem esse salutifero systema os veros prazeres da mesa, e desfuctal-os-hão muito mais celebrando-se com os encantos da poesia festival, volvendo-se por isso às delícias da sociedade.” (Ob. cit., p. 32, 33.)

Davam de aparecer, já aí, em lojas como a *Novo Mundo*, os “espartilhos de baleia”. Os tecidos, daí por diante são tendentes aos “arrendados”, destacando-se “zephiros e fichús”

Feitio de barba fica em 200 réis, e por 300 obtém-se “uma lavagem de cabeça, para evitar caspas e amaciar o cabelo”, conforme aviso de Costa & Leite no *Libertador.*

Enquanto isso as senhoras da sociedade são convocadas, como acontece a 19 de junho de 1890 *(Libertador)*, para ver coleção de vestidos e novidades da moda:

> “MEETING
> Convida-se o belo sexo d’esta Capital para comparecer hoje e amanhã, às 7 horas da tarde, no estabelecimento *Ville de Ceará*, para tratar de negocios tendentes às *Modas* e apreciar o grande e variado sortimento de fitas, tecidos e phantasias, chapéos para Sra., etc., etc., etc., que se achão em grande exposição.
> Rua Major Facundo, 57.”

A cidade descobre outros divertimentos populares, como os fandangos que dançam nos Oiteiros, “havendo ali bancada à disposição das exmas. famílias”.

A sociedade de gosto mais apurado toma-se de entusiasmo para experimentar aguardada noite de ópera. Estará em peso na platéia do modesto Teatro São Luís para aplaudir de Carlos Gomes: "O Guarany".

Mas a década de 1880-1889, a rigor, não agradará a observadores exigentes. É como se dá com alguém que, escondido sob as iniciais D. H., em missivas públicas dirigidas a E. P. w., freqüenta a secção de folhetim da *Gazeta do Norte* (22 de Tevereiro de 1881), a julgar a sociedade fortalezense de modo áspero, sem perdoar nem mesmo o aspecto de suas igrejas e teatros:

> "Vê o templo e o theatro na capital. A cathedral é o unico que mereça esse nome. É uma massa informe de tijollos, balôfa, acaçapada. Os outros templos são pequenos, inacabados. O cearense – parece ter pressentido o desmoronamento do culto divino; edifica às carreiras, para poucos dias.
> O theatro não existe. É uma das maiores faltas da capital. As duas cochias pequenas, sordidas, emphaticamente decoradas com o nome de Theatro S. Luiz e Theatro S. José, não entram na ordem dos edificios regulares; são pequenos documentos que atestam o gosto cearense."

Em outra carta, a segunda, publicada no mesmo jornal, a 8 de março de 1881, D. H. investe com incontido azedume contra tudo e contra todos:

> "A sociedade cearense data de hontem; toca com a mão, por assim dizer, em seu horizonte occidental. A vida intelectual tem-se-lhe desligado nessa bem aventurada penumbra do espinto, que, no dizer do divino marthy do Golgatha, conduz ao reino dos céus.
> "A tradicção..., ou também não existe, ou é de formação recente, propagada atravez de um meio já reflectido, sem aquele perfume poético, que rescende symbolo e mythos dos povos infantes."

“Achamo-nos em face de uma sociedade nova, exhuberante de seiva, rica de aspirações, porem reproduzindo, modificados pelo modo e pelas luzes da civilização, os vicios e as virtudes do typo ancestral.

D’ahi essa physionomia complexa, de extrema mobilidade, de difficil producção na tela: inteligencia prompta, vivaz, pouco extensa, menos cultivada, admiravel aptidão para todas as funções medias.

A sociedade cearense é naturalmente scpetica, motejadora, maliciosa, pouco entusiasta.

....

“À primeira vista, tem o brilho aparente e superficial das joias francesas: um tom obsequioso, affavel, piegas, que decahe logo na trivialidade pela ausência absoluta de destinação nas maneiras. Seu trato, inteiramente burguez, tem todos os ressaibos das origens de que provêm.

Nota-se aqui um pendor irrestivel para a exageração, uma admiração ingênua de todas as phosphorecências.

Falla-se o portuguez, ou antes, um dialecto em via de formação.”

“As letras têm pouco apreço; os gênios da terra se dispensam de cultivá-las. Algumas phrases retumbantes, apanhadas aos romances franceses, algumas blasphemias, bem grosseiras e sordidas atiradas à religião e a todas as cousas divinas, umas citações de theologos, ou de padres de egrejas, um pouco de philosophia escolastica, levantam pedestal de sciência a qualquer ignorante.

É a terra dos positivistas de calçada, dos publicistas de insulto, dos estadistas de rua, a mór parte dos quaes nunca leram uma pagina de A. Comte, uma linha das Constituições dos povos livres, nem aprenderam a historia do paiz.

Essa facilidade de firmar reputacções é altamente prejudicial às letras pátrias: as ilustrações assim improvisadas jamais farão cousa alguma de solido e duravel.

Foi em um outro meio que se desenvolveu o talento brilhante de José de Alencar; o Senador Pompeu cresceu, porem, no estreito recinto de seu gabinete, sobre sua meza de trabalho, mais desejoso de saber, que de receber aplausos."

Nesse exato momento de sua apreciação, dá o sr. D. H. o primeiro balanço dos livros mais vendidos, listagem que se antecipa, no tempo, ao que fazem hoje as revistas nacionais e os suplementos ou publicações literárias.

"A estatística de venda que nos forneceu a casa (livraria) de Joaquim José de Oliveira & Companhia, gradua o gosto do cearense pela leitura:

Anno de 1880:

Romances de Escherich	54
Idem, de P. du Terrail	20
Idem, de P. de Kock	30
Idem, de J. Verne	25
Idem, de Zola	10
Fios sanctorum	150
Livros de praxe forense	8
Folhinhas de Laememert	29
Almanach Luso-brasileiro	35
Horas Marianas	88
Escudo Admiravel	91
Historia de Carlos Magno	20
Bossuet	1
Balmés	1
Missão Abreviada	101
Historia da Princesa Magalona, da Thereza Philosopha, etc.	33
Spencer (por encommenda)	1

Livros em branco, papel, compendios, etc., completam a venda da casa.

Quanto à arte, já te disse (dirigindo-se a E. P. W.) na primeira carta, que a sociedade cearense a desconhecia. A paixão do trivial e do vulgar, a cultura exagerada da animalidade a da natureza humana, atrophia-lhe o sentimento do ideal."

Acuda-se a tempo: no início de 1866 (veja-se a exemplo qualquer publicação do jornal *A Constituição* da época), o já referido livreiro recebia diretamente da França quase uma centena de obras impressas em francês, destacando-se entre estas, citadas ao acaso: *Des délits et Paines*, de Beccaria; *Anthologie de l'Amour*, de vários poetas, a coleção *Causes Célèbres*, de A. Fouquier, dicionários, como o de Bouillet, obras de Virgilio, Ovídio, de Santo Tomaz de Aquino, etc., etc.

De verdade, à falta de outros cronistas temos de aceitar as rudes observações do colaborador da *Gazeta do Norte*, certamente impiedoso, mas presente aos acontecimentos de sociedade indiscutivelmente muito provinciana e bastante apegada a exagerado espírito de religiosidade exterior, de pouca profundidade, que chegaria até os nossos dias.

Já pelos últimos anos do século passado, a sociedade a que nos vimos referindo ainda sabe divertir-se à larga com os sucessos musicais desses dias, dançando as quadrilhas "De Paris a Madrid", "Recreio Familiar", "Grand Duchesse", ou as polkas "Só para ti", "Mudos Olhos", passando pelo "schottisch" mais conhecido, "Echos do baile", ou o famoso galope: "Laminas electricas".

Persistem os quadros pendurados nas paredes, e a guarda de álbuns. A três de maio de 1895 *A Republíca* anuncia:

> "Vende-se tambem um rico album contendo os retratos de muitas celebridades, nacionaes e estrangeiras", o que remete o leitor para os anos de 1866, quando a *Constituição* publicava reclame dizendo que "retratos de S. Exa. Rvdma. o Sr. Dr. Luz Antônio dos Santos" podiam ser adquiridos pelos interessados.

> "Na livraria de Joaquim José d'Oliveira tem à venda retratos do Exmo. Sr. Bispo do Ceará, lytographados em Paris, proprios para ornar salas." (6 de março)

Alguns hábitos retornavam possivelmente mais aperfeiçoados, enquanto praticamente o "turf" arrebata boa freqüência ao Campo do Prado.

"Esplendida a corrida que no proximo Domingo pretende dar o Prado Cearense.

Alem dos pareos communs bem organizados, há um para amadores da elite da sociedade cearense, cujo vencedor receberá das mãos de gentis patricias lindos bouquets e delicados mimos."

"Consta-nos que mais de uma representante do bello sexo cearense preparou uma *toilette* para esta festa."

Pessoas da alta sociedade participam das corridas, quais árbitros de partida ou de chegada, como para as disputas anunciadas para o dia 1.º de fevereiro de 1895 pelo jornal *A República*, em que se viam os nomes de Alfredo Salgado, Oswaldo Studart, dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil, Carlos Studart, etc., figurando igualmente por juizes de arquibancada o senador Antônio Pinto Nogueira Accioly, o cel. Guilherme César da Rocha, etc.

Sucediam então, mais freqüentes, concertos vocais e instrumentais, como o registrado por aquele jornal a 12 de fevereiro de 1895:

> "No dia 17 do mez que corre se realizará no palacete em que vai funcionar o Correio, à praça dos Martyres, um magnifico e surprehendente concerto, organisado e dirigido pelo illustre maestro sr. Jorge Victor, com o auxílio de suas interessantes e gentis discipulas e algumas declamadoras."

O programa elaborado incluía de J. Rossini, a ouvertura do "Guilherme TelI", a três pianos e doze mãos; de S. Gastadon, "Musica Proibida", melodia para canto; acompanhamento de flauta,

violino, violoncelo e piano; de Fréres-Billena, “Rigolleto”, fantasia para piano a 4 mãos; de R. Wurst, “Ninon dich in Acht”, em desempenho de canto e piano, e mais outros números de flauta, clarineta, piston, violino, violoncelo e contrabaixo de cordas.

Eram os executores: Caetana Porto, Minna Peters, de Hamburgo, e M. Amelia Ferreira Lopes, canto; Julieta Motta, mandolina; Beatriz Simões, M. Adélia, Emilia Mamede, Diva Montenegro e outras, piano; Maria Georgina Ferreira Lopes, mandolina, violoncelo, orquestrina e piano. Além das senhoras e senhorinhas, participavam do concerto Aarão Amaral (piston), João Bonifácio (flauta), José Moreira (clarineta) e Alfredo Victor, (contrabaixo).

A quadra ia carnavalesca, podendo-se ver ao mesmo jornal deste mês o anúncio de “grande acontecimento” assim explicado: “Aproximam-se os dias dos delírios, passeatas, bailes e o mais que se segue para estas funcções: o cabelereiro Teixeira tem um completo sortimento de mascaras de setim, e meias marcaras de velbotina, marcarões e barbas, bigodes, etc”, prevenindo “mais a rapazeada do bom tom que o seu atelier estará aberto na noite de carnaval para os característicos”.

A Livraria de Joaquim José d’Oliveira & Cia. elastecia o domínio no mercado de sua especialidade ainda por esses dias. Já agora parecia atender a uma clientela de melhor nível e gosto; pois avisava a esta que recebia “assignaturas para todos os jornaes da Europa e América e com especialidade para *A Revista Ilustrada, A Semana, O Ocidente, Mala da Europa, Correio da Europa e Madrugada,* e de modas *A Estação e Moda Illustrada.”*

A família tem horário tradicional, que vem de passado mais recuado, para fazer refeições. Acorda, levanta cedo. Entre sete e oito horas da manhã já se acha à mesa – e esse modo de dizer não explica tudo, pois nem todos a possuem, ajustada à idéia de princípios ordenados às regras da arte de comer.

O jantar dá-se por volta das duas da tarde, e aí já predominam as carnes, a de gado ou de criação, dando de suceder a

chamada ceia – refeição final – perto das dezenove horas, acompanhada de chá.

Ainda em 1918, indo a Soure, localidade próxima à Capital, Manézinho do Bispo, curiosa figura desse tempo, segundo relato próprio, conta: "Era uma e meia da tarde, quando eles (os donos da casa, na qual se albergava), começaram a jantar." Adiante explica os alimentos: "feijoada, carne, arroz, poucas frutas."

A moda engendra idéia nessa coletividade, que torna temerário o casamento; a de que os maridos não podem suportar as despesas cumpridas pelas mulheres desejosas de serem elegantes. Nem sempre Paris, responsável pelos novos hábitos e costumes da vida em sociedade, mas a França, é referida amiúde nos noticiários dos jornais e nas várias que se publicam então, como vai suceder no jornal *A Republica* (17 de janeiro de 1893), espicaçando as preferências femininas:

"Marido

Ainda há homens
que querem casar?
Quem pode c'o modas,
mulher aturar?!
Quer hoje um vestido,
quer outro amanhã,
quer chales de lã,
quer leques, quer luvas,
quer meias, quer saias,
quer fitas, quer rendas,
requifes, cambraias,
quer mais um collete,
quer voltas, pulseiras,
quer quantas asneiras,
a França cá mette
e o pobre marido
tudo há de pagar!
Quem pode co'as modas
mulher aturar?!"

Essa moldura social, principalmente a da década de 1890-99, não está completa sem os leilões que dão de suceder, a mais freqüência, a começar de 1890, esquisitamente apregoados a partir de meio-dia. Motta e Joviniano Moraes, leiloeiros credenciados,

ao correr do martelo vendem tudo o que pode ser desejado para guarnecer a casa. São, a mais das vezes, lares que se desfazem por essa ou aquela circunstância, como a de d. Francisca Salgado Couto, por desgosto ausente do País, em viagem pela Europa, como registra o próprio anuncio do jornal.

É quando se vê o que os abonados possuem, enriquecendo-lhes as moradas: mobílias austríacas, aparadores com espelhos, lavatórios, cômodas, camas com tela de arame, espelhos, filtradores, aparelhos de porcelana, etc.

Os mais situados na vida exibem móveis de mogno, próprios para sala de visitas, modelo a Luiz XV, então na moda, constituído de 12 cadeiras, sendo duas de braços, além de sofá "todo de encosto de medalhão duplo" (um luxo para aqueles dias!). E mais os procurados dunquerques, geralmente escuros, assim como os "étagéres de vinhático e jacarandá", ou simplesmente os *toilettes* de vinhático com tampos de mármore branco, importado. São comuns os guarda-roupas de cedro, e não raras as chamadas conversadeiras, cadeiras com dois assentos opostos indicados para quem desejasse conversar com mais intimidade, tudo conforme relação, p. e., de leilão da mobília do dr. Torres Portugal, anunciado pelo *Libertador* do dia 5 de fevereiro de 1890.

Mas onde se constata de maneira bastante elucidativa, como eram os móveis da década, é no inventário de peças pertencentes ao dr. Mendes Pinheiro, que se retirando "para o sul da Republica", entrega-as ao agente Severino para leiloá-las *(A Republica,* 4 de fevereiro de 1897):

> "Uma riquissima mobilia austriaca de flores, perfeitamente nova; uma meza oval, um porta-album, lindos jarros fortuna, jarros para sala, diversos quadros, estatuas de *biscuit*, finissimos étagéres com espelhos de bisontte (sic), um espelho, dois ricos porta-flores, 6 busios, trez jogos de escarradeiras finissimas, um porta-escovas, diversos enfeites chinezes, o que há de mais *chic*, uma

lanterna chineza, um grande tapete, uma cama de madeira para casal, uma (ilegível), um magnifico *tollette*, pedra marmore, duas lindas carneiras, um lavatorio de madeira e seos pertences, diversos ditos com pertences e sem elles, um tapete pequeno, uma commoda, um guarda-roupa, uma mezinha de campo, doze cadeiras austriacas novas, um guarda louça, 7 vistas do Paraná, uma importantissima meza grande redonda com marmore, uma meza de jantar, um fogão a gaz, 6 vasos de barro com fortunas, um importante filtro de pedra, um armario, um importante berço para creança, uma cesta de ferro para papeis e muitos outros objectos que serão patentes no acto do leilão."

Quem não se ausenta da cidade, para passar o domingo com amigos, em visita a parentes, já agora tem mais uma opção dé entretenimento. É que por volta de 1897 passa a funcionar o Club Cearense, a promover animadas *matinées*, como a que ocorre a 10 de janeiro desse ano (domingo), às 11h30min. A programação tem vários atrativos, alguns interessando diretamente o homem, como o torneio de bilhar daquele dia, "em que estavam inscriptos diversos caraduras, e, ao findar a *par tida"*, sob "uma chuva de abraços", conheciam-se os vencedores: Luiz Nogueira, *Papi Junior* (grifamos), Dr. Carlos Rodrigues e João Bayma. *(A Republica,* 11 de janeiro).

Depois de outros desafios, com Papi Junior novamente sagrando-se vitorioso, acontece "torneio à bagatella; partida em 1 500 pontos", saindo vencedor o dr. Francisco Salgado.

Em seguimento transcorre animada "festa musical, tomando parte o maestro Jorge Victor, Henrique Jorge e Oscar Feital que foram muito aplaudidos. Mademoiselle Adelina Baptista toca ao piano uma musica doce e embaladora, pelo que tem innumeros aplausos. Madelle. Lira, piano e canto – muito boa execução; voz educada e dum amavio communicativo, arrebatando, conduzindo almas e pensamentos pelos campos infinitos e estrelados do sonho..."

Sucederam-se sortes, com “distribuição de brindes de 12, que couberam mais ou menos na seguinte ordem: a Madelle; Gabriella Rocha e Alice Rocha; Mme. Sinhá Pio; Mme. Jovina Papi; Mme. Mercês Fernandes Vieira; Mme. Dulcinéa Alencar; Mme. Maria José Gondim; e mademoiselles – Marie Ribeiro, Maria Pio de Castro e Elysia Sousa”.

Diz a notícia do jornal que o *buffett* irrepreensível esteve sob a direção de Mme. Ritinha Simões.

Pouco antes das 4 horas – está consignado – começaram a sair as exmas. famílias dos srs. sócios e convidados...

ANTES DE O LUXO CHEGAR A FORTALEZA JOÃO BRÍGIDO, CRONISTA MINUCIOSO DO INDUMENTO A CASACA. UM MILITAR ENTUSIASTA DE PROMOÇÕES PÚBLICAS...

Para compreender-se como eram e como folgavam os fortalezenses à início do século passado, mais precisamente em 1810, temos de recorrer a João Brígido (veja-se *A Fortaleza em*

1810, a partir da página 189 in *Ceará, Homens e Factos,* Rio de Janeiro, 1919). Conta o grande historiador-jornalista que, por aquele tempo, "o luxo ainda não tinha transposto o oceano, aguardando o dia do superfluo". – Os que viajam até Pernambuco vêm trazer à província as novidades, ou por intermédio da dita praça, que se previne dos artigos de moda chegados de Lisboa.

Dominam as "casacas de pano fino e azul" nos indumentos masculinos, como são de uso os "calções abotoados junto aos joelhos, dando entrada por um alçapão", além de "meias de seda, sapatos de entrada baixa com fivelas de ouro e prata, colete abotoado acima dos peitos", etc., etc.

A gente comum veste "rudaque, espécie de casaca de abas curtas e robissão de duraque ou lila. Os pobres faziam-no de xila e d'outras fazendas de menor valor.

Usavam também a jaqueta e o timão; em certas ocasiões, o capote de barragana, fazenda de lá áspera e espessa de quadros encarnados ou azuis, ou de ambas as cores.

A xila, decorrente de algodão liso e fino, igualmente com quadrados azuis, mas em padrões diversificados, é pano de aceitação popular.

As senhoras ricas, refere o cronista, naturalmente de maiores posses e prestígio, "faziam vir de Portugal suas roupas de gala e as meninas guardavam em tudo, salvo as proporções, os usos das mães".

Era o tempo, como se vê descrito, do cetim, da nóbrega, do veludo, da sarja, do tuquim, da cabaia, do guingão e das chitas importadas da fndia. Havia também apropriado com freqüência o "chamado sitoé, capa longa de durguete (fazenda de seda) com punhos e golas de veludo", peça que dada "em quinhão à herdeira" de quem a possuía antes.

Os sapatos, de velbutina com enfeites de fivelas; as "chinelas de marroquim, camurça, etc."

"Ao pescoço traziam cordões de ouro, colares, gargantilhas e riquififes ou cordões de ouro cheios de emblemas e enfeites; pendentes das orelhas, grandes brincos, argolas ou placas, nos dedos anéis de peso chamados – memórias."

Transcreva-se mais um pouco o que informa João Brígido: "As mulheres de classe imediata vestiam xila, guingaus (chitas de ziguezagues), chitas federais ou douradas. As mais pobres traziam saia e cabeção, as da última camada vestiam algodão, por elas mesmo fiado e tecido. O fuso e tear eram por toda a parte."

Adiante: "O povo tinha seus folgares, rudes como ele."

"Alguns caíram em desuso: o papangu, procissão camavalesca; o pajé, representação de cenas da vida selvagem, na qual fazia de protagonista uma serpente que acabava às mãos dos índios; o batuque, dança africana; o fandango, cenas do mar, as *touradas*, as corridas à argolinha; as danças de corda nas ruas e praças.

São instrumentos desses dias: a viola, a guitarra, o rabecão machimbo e outros. 'As festas de igreja e quaisquer outras do mato não dispensam o tiro de roqueira ou de bacamarte, etc."

Tudo indica que João Brígido não gostava de reescrever os seus trabalhos, dando impressão, em alguns casos, que em vida nada teria a acrescentar capaz de alterar o firmado antes. No tocante aos trajos do século passado, quem não conhece sua crônica sobre a casaca (in *Unitário*, 26 de março de 1913), fica a imaginar que até o esmorecer do século XIX, cumpria-se a mesma maneira de vestir, sem maiores alterações, o que não se dá.

A Casaca é descrição importante para a compreensão do mundanismo cearense daqueles idos, razão porque, sendo de pouco trânsito junto aos leitores, permitimo-nos transcrevê-la na íntegra:

"A suntuária antiga, que as leis romanas regulavam, existiu, por ventura, ao menos como costume, até pouco tempo.

Há dois séculos atrás, um homem que pudesse dispender consigo, trajava, ordinariamente, jaqueta. Os opulentos ou de elevada categoria social, envergavam casacas, ou, quando menos, jaqueta.

O povo usava de um *timão* sobre o camisão e a ceroula, esta quase sempre de meia *coronha*, isto é, descendo pouco abaixo do joelho. Esse *timão*, que era aberto, foi se convertendo em camisola, e esta vinha a ser a mesma coisa, apenas fechada na frente. À camisola sucedeu o chambre, já uma francesia, consistindo numa jaqueta terminada por um saiote, fechado ou não. Em 1840 já era muito usado esse traje francês na aula de latim de Quixeramobim e em todo sertão do Ceará. A ralé nem do *timão* fazia uso; vestia camisa sobre ceroula.

E como se obtinha uma casaca?

Vinha de Lisboa, que tinha o cetro das modas, ou da Bahia e Pernambuco, para os altos sertões.

Na Fortaleza começaram a fazê-la mais tarde, de pano fino de seda, que hoje não se veste, mesmo nas grandes cidades, visto a carestia da fazenda. Usavam-se casacas de todas as cores: preta, azul ferrete claro, roxo e até verde.

Nas de cores, empregavam-se botões amarelos, o peito e a gola eram endurecidas com estopa pospontada, tocada de cera e batida a ferro quente, de modo que ficava como se fosse madeira; a gola alcançava a nuca.

Figuremos um janotem ou seja um capitão-mor dos tempos antigos como ainda hoje se vê das telas de S. Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, e da S. Casa de Misericórdia, de Campos, uma casaca de cores com botões amarelos, às vezes de ouro fino, por

sobre um colete (colete de dentro ou *quatrinhos)* que descia até abaixo do umbigo, subindo até perto do gogó; gravata formada dum lenço de seda preta muito flácida não deixando ver o colarinho e apertada por um laço de pontas; calção curto e estreito de flanela branca, ligado à curva da perna por uma liga que, ao mesmo tempo, sustinha por baixo uma meia de seda. O calção era fechado no alto, não por uma braguilha como hoje, mas por um alçapão, tapando a fissura. À cabeça um chapéu de feltro, tendo a entrada menos diâmetro do que o fundo, de forma a aparecer uma barretina. Em conclusão, o janota calçava sobre a meia de seda uns sapatos de entrada baixa, apertados no alto do pé por uma fivela de ouro. Completava a figura, para de todo não parecer um galo, uma bengala de mais de metro, com castão de ouro na ponteira de ferro.

A roupagem de luxo, em 1845, já vinha quase toda do Maranhão: as calças eram de casimira, cores diversas com braguilhas e vivos laterais, descendo até ao salto do coturno de polimento, atadas por uma presilha por baixo do pé, formando uma espécie de polaina. Chamavam-nas *calças de pé.* O colete era de seda, bordado a retrós de cor; a gravata, estreita, deixando ver o colarinho; finalmente a casaca, já sem *intertella*, era de cor, com botões amarelos, a cartola de pelucia, a inglês, e a bengala, fina e amolgável; tudo dava elegância *e gamentismo* ao pimpão.

Assim, os noivos recebiam do padre o respectivo: *conjuge.*

II

No tempo da Independência já corria com a casaca da moda Lisboeta, o rodaque, espécie de casaca de abas curtas que vinha terminar na frente. Apareciam também as sobre-casacas que eram quase sempre, de duraque, fazenda dura e agastada que por pouco não permite guardar-se em pé. Adiante, 1830 mais ou menos, apa-

receu o robissão, que quase vinha a ser a mesma coisa e se fazia de riscado de algodão, a que davam o nome de xila.

Ainda em 1850 os poucos criadores e os empregados das fazendas, aos domingos, concorriam às missas conventuais, nos povoados do interior, vestindo peles curtidas, de cabras ou veados, de guarda-peito, perneiras, gibão e chapéu de couro.

Paris, pouco a pouco, foi senhoreando-se das modas e surgiram os *blazulaques*, as casacas de fazendas de lã, às vezes coloridas, como fossem alpacas, lapins, princesas, etc. O palitot veio de após e mais uma derrama de *croisés*, mais ou menos a velha sobrecasaca, com a diferença de trazer-se abatoada; o frack, *smokings* e outras espécies.

Mas a casaca sobrevive a tudo, apenas dormitada no fundo dos gavetões, ou pendurada num guarda-roupa, esperando os jantares, recepções em palácio e missas de defunto rico. E muito feliz se sente quem tem um traste semelhante para emprestar aos vizinhos, embora não valha tanto como no tempo da colônia, quando era descrita nos inventários e nas respectivas partilhas e dada em quinhão ao filho ou genro do defunto. No Rio de Janeiro e em outras grandes cidades figura de bem de raiz; aluga-se."

Quanto aos folgares do tempo, isto é, dos primeiros trinta ou quarenta anos depois do início do século, só se vai ter exposição mais esclarecedora através de diligente promotor de festas', o oficial José Gervásio de Queiroz Carreira, comandante das armas da Fortaleza, em 1830, espécie de primeiro organizador de espetáculos públicos do Ceará, bem sucedido.

A 29 de junho do ano referido, esse brioso militar, para usar sua própria linguagem, ajustou-se com ele mesmo e seus comandados "um festejo pelo faustíssimo consórcio de Sua M. o Imperador e em aplauso a Soberana Pessoa de S. M. A Imperatriz", mandando "acabar um campo nas immediações da cidade, que tinha principiado a abrir fachinas da tropa de primeira linha para sua instrução e solenemente se lhe dar o título de – Campo d'Amelia".

Levantadas ali as fachinas, o comandante acampou sua tropa (de primeira e segunda linha) “aonde se foi romper a alvorada”.

“Teve lugar, depois das tropas terem entrado em parada, uma solemne missa de três sacerdotes na barraca do general, que se achava militarmente ornada e toda forrada de bandeiras nacionaes”, tudo com a presença do presidente da Província e do novo comandante das armas, chegado de véspera. Seguiu-se bênção religiosa concedida aos estandartes e bandeiras, toando-se após o Hino Imperial. Não tardaram as salvas, três, “dadas pelo corpo de artilheiro 10 e Fortaleza da cidade, e três descargas de mosquete” pela tropa, que logo desfilou em continência da barraca principal, onde estava o presidente da Província, depois do que se retirou “aos abarracamentos”, pondo-se à vontade. Sucedeu o rancho e, do meio-dia para a noite “foi entretido o tempo com differentes danças de mascarados e carvalhadas jocosos, que bastante tornou-se agradavel o lugar, a imniensidade de povo de ambos os sexos, parecia pela sua constante assistencia que igualmente havia acompanhado durante a noite, alem da agradavel vista que apresentou o campo com todo o abarracamento iluminado, com especialidade as barracas dos commandantes de corpos, o grande barracão de vivandeiras e lojas de fazendas, que tomavão quasi uma das faces do campo com gosto e luxo arranjados, apresentava uma vista de uma magnitude respeitavel”.

Virão todos a encenação de Marte recitando “um elogio aos militares”, e, a mais, “drama dedicado a SS. MM. II, acabado com a exibição da Sagrada Effigie do Soberano”. Foi hora de se efectuarem “as danças de todos os corpos”, havendo “um não pequeno fogo de artificio”.

As senhoras de primeira linha, informa o comandante José Gervásio de Queiroz Carreira, estavam “ricamente vestidas, e autoridades da Provincia e mais convidados, e que havião sido servidos de um bem arranjado chá; e pelo outro povo os ranchos de senhoras e homens a cruzarem a alegria que brilhava em todos”.

Desceu gente das vilas e povoações: “a longitude não privou do prazer de espectadores”, não tendo se registrado “a mais pequena desordem”, acontecendo de chover “já depois das duas horas da noute”, circunstância que apressou o final do festejo, mas que, mesmo assim, “não foi capaz de separar do campo e das locandas das vivandeiras a gente mais ordinaria”. (Narrativa extraída de ofício ao Exmo. Sr. Conde do Rio Pardo, então Secretário d’Estado dos Negócios da Guerra, passado no Quartel General do Ceará, a 30 de junho de 1830, e publicado na *Gazeta do Norte*, a 1.0 de abril de 1881).

Voltando à casaca: esta atravessaria os anos, arrostando as alterações impostas pelo costume – monstro que devora o senso, como nos lembra Shakespeare (Hamlet, III, 4) –, senhor de caprichos que, não obstante sua ação modificadora, vagarosa, acaba por conferir nova feição às coisas, principalmente a indumentos.

Permanecem os saudosistas, renitentes, a reagir de modo inútil em insegura resistência.

As mulheres, salvo raríssimas exceções, vão todas pôr-se submissas aos recentes preceitos que inspiram a maneira de se vestirem as mais elegantes. E entre os homens estão os que, em maior número, por vezo ou economia, agarram-se à feição antiga da moda. Encastelam-se em princípios fatalmente expungidos.

Assim se vê curioso, ao expirar do século, exatamente a 9 de fevereiro de 1898 *(A República)*, em crônica de primeira página *(Cousas à toa)*, ardoroso defensor da “jaca e jaquetão”. percebível admirador da casaca, manifestar aos leitores o seu veemente desabafo.

Página curiosa, ilustrativa, histórica, sem dúvida alguma de João Brígido, a se tirar pelo estilo e maneira como o autor discorre sobre tema que, como vimos linhas atrás, sempre foi, de modo afortunado para nós, de sua particular eleição.

“Quando nos entendemos... e não somos lá dos mais velhos, onde vive o cabo de Mucuripe e outros que taes; quando nos entendemos.. . dizíamos, erão só batinas! Hoje, são fardas!

Leigos e clérigos trajavão officialmente, a batina. O hábito tomava formas variadas, consumindo toda ordem de fazendas, desde o burel e a lila, até a chita e a xila, fazenda que já não vem ao mercado. As mulheres usavão vestidos, a que chamavam – batinas, e os homens – timão, que descião até aos calcanhares. Os robissões, hoje chamados croisés, erão tão compridos, que batião na barriga das pernas.

Os padres andavam de batina, os frades também, os seminaristas, os sacristães, os membros das confrarias, os apagavelas, os serventes de egrejas, os professores e estudantes das universidades e coliegios, os juizes, os escrivães, os jurisconsultos, etc. Só os carrascos usavão de camisa e calça."

Mais na frente:

> "Os padres derribaram os frades, os doutores derribaram os padres, e os soldados derribaram os doutores não só de prender, como o de curar e de construir. Doutores, dizemos nós, em direito, medicina e engenharia."
> "E foi um dia a batina, que já andava vasqueira."
> A farda, esclarece o cronista, "avassalou os *toilettes* do começo do século".
> "As mulheres mesmo derão aos corpinhos dos vestidos a forma de fardões, e os bebés tomarão librés de marujo. De java e jaquetão, existimos nós e meia duzia de jarretas."

Conclusivo, na sua maneira curiosa de observar e inventariar:

> "Para que diabo pôr a gente sobre si 13 peças – botas, meias, calças. ceroula, flanella, camisa. punho, collarinhos, collete, sobre-casaco, gravata, chapéo e por cima uns óculos, ou pecenez?"

Nessa oportunidade, domina principalmente a farda como elemento moderno. transformador do vestuário masculino, – e degradante para ele sob ponto de vista estético –, que não apenas

parece mas é a mais nova opção de vestir de considerável parcela dos habitantes da Fortaleza ao final do século.

A população do Ceará, a esse tempo, é de 805.686 pessoas existindo na capital 40.902, incluindo aí aquele insubmisso cronista que se cobria com o pseudônimo de Peripipao.

Os jornais da época anunciavam sedas, desde as brancas, pretas, até as de muitas cores; havia então o brim branco especial; chitas, cassas, cassinhas, que vinham mais aperfeiçoadas. As mulheres passavam a usar "pentes para os lados", desse modo anunciados à venda na loja *Libertadora,* onde podiam ser adquiridas "escovas inglezas para dentes". Estavam em voga as 'pulseiras de correntes, de prata lavrada"; os vestidos, na descida para cobrir os pés, encurtavam. Mais redondos, acabavam parando a "tres dedos de altura do chão", pois assim, dizia-se pela *Republica,* "triumpham em toda a linha na grande capital da moda – Paris". Não há mais cauda, aquele encompridamento desnecessário depois dos entufados, até certo ponto desgraciosos.

A *República,* de 1892, conta tudo isso. E encerra aviso, a propósito, com um "fique-se sabendo" suficiente para alertar as elegantes.

Mais curtos iriam surgir adiante os vestidos. E só quando descessem até o chão, na ocorrência de bailes, é que se combinariam com a elegância apenas pretendida pelos que, como João Brígido, eram indiscutivelmente jarretas, não obstante proclamarem a ideal adequação de batinas e casacas.

A FORTALEZA MUNDANA DO FINAL DO SÉCULO FESTIVAIS DE BENEFÍCIO. AS INEVITÁVEIS DECLAMAÇÕES...

Tanto quanto possível, entrelaçavam-se nas encenações teatrais, nas reuniões sociais em que predominavam as danças, as declamações, não raro acontecendo de destacadas personalidades da capital usarem da palavra para recitativos, principalmente quando o ocupante de cargo administrativo era tido e havido por homem de cultura.

De 1880, por diante, Fortaleza entremostrar-se-ia mais mundana, e a tanto arrebatada aos espetáculos artísticos, que se sucediam como nunca, conquanto, em alguns momentos, os anúncios desses eventos não escondessem pecularidades sobremodo provincianas, como se vê a aviso publicado por volta de 1881 (16 de janeiro) pelo *Recreio Familiar,* a anunciar o seu 89.0 espetáculo:

> "Roga-se (aos sócios) o favor de remeterem suas cadeiras em tempo para os camarotes, e estas não serão reservadas, em vista do que se deu no espetáculo passado, as quaes serão entregues no dia seguinte às 5 horas da tarde."

Era costume da época, ao final de sua temporada, ou em dia previamente anunciado, o artista ter noite especial de exibição, cuja renda nem sempre arrecadava, a seu interesse, para uso próprio, mas destinada à obra filantrópica ou de objetivos sociais.

Por esses momentos animavam-se todos, principalmente os poetas, apaixonados ou sensibilizados como X. de Castro (in *Gazeta do Norte*, de 22 de janeiro de 1881), autor de versos consagrados à Idália França "por ocasião de seo concerto em beneficio da Sociedade Libertadora Cearense":

“De teu piano nos hymnos
Ou na canção merencória.
– Cada uma nota é uma ave.
Cada uma ave – uma glória!
C’o a musica em doce abrace
Vai tu’alma pelo espaço.
Como buscando o regaço
Do leito augusto da Historia.”
....
“Um bando d’almas escravas
Beija-te as plantas de huri,
– Homens nascidos na patria
Onde a cascata sorri...
Cá no paiz das palmeiras
Ao som de canções fagueiras
Suspira livre o Tupy!”

Em outra memorável noite, quando se dá *festa de benefício* a favor também da Sociedade Cearense Libertadora, no Teatro São Luís, promoção da empresa Ribeiro Guimarães, a sociedade cearense ouve o poema *Liberdade e Gratidão* recitado pelo autor, Justiniano de Serpa, do qual transcrevemos os últimos decassilabos:

“Devemos-te dupla esmola,
– Dupla é a gratidão,
Como tal feito consola!
Como falla ao coracão!
– Por nós um tributo novo!
Vencendo a alma d’um povo
Por estas ações tão bellas,
Não voltarás ao proscênio
Sem a coroa do gênio,
– Um diadema d’estrellas!

E vós, que hontem, captivos
Vertíeis prantos de dor,
Hoje, livres, redivivos,
Choraes lágrimas d'amor;
Nesses transportes dilectos,
Da urna sancta de affectos,
Que fazem da terra o céo,
Tirai aquelles mais santos
E, com as dos prantos,
Dai a quem vida vos deu!"

Não só a declamação, mas a oração vibrante que estimularia o cearense à oratória, como a dança programada para celebrar grandes acontecimentos culturais, jamais falharam nos dias que haveriam de ser de bastante convivência social em 1882.

ver a exemplo o jornal *Constituição,* do dia 2 de fevereiro de 1882, narrando toda a solenidade de inauguração do *Reform Club:*

"No dia 28 do mez, findo, às 8 horas da noite, realizou-se a festa da instalíação d'esta distinta associação no novo predio, que para esse fim elIa fez construir à Rua Formosa d'esta Capital.

Um concurso extraordinario de senhoras e cavalheiros dominava os vastos e bellos salões do grande edificio, esplendidamente illuminados, e com todo o gosto preparados, sobresahindo aquelies destinados à bibliotheca, onde se observava postos na melhor ordem, e em regular classificação, milhares de livros.

A sessão solemne começou pelo offerecimento de um retrato a óleo e um busto ao sr. Eugênio Marçal, ex-presidente da digna associação. Por essa occasião o sr. Francisco Rosas proferiu uma breve e expressiva allocação, a que o sr. E. Marçal agradeceu com palavras ungidas de funda emoção e amizade.

D'esta forma eloquente os sócios do *Reform Club* tributaram ao esforçado companheiro e intelligente moço o testemunho solemne de seu reconhecimento e união fraternal.

Depois, uma commissáo, composta dos srs. Confucio Pamplona, Antônio Amaral e Arnulpho Pamplona, tendo quatro cartas de liberdade entre mãos, – declarou livres os escravos:

Francisco Antonio, Quitéria e Francisca. Este ato de generosidade, que altamente traduzia a grandeza dos sentimentos abolicionistas da illustre associação, foi estrondosamente applaudido.

Finda tão entusiastica cerimônia, usaram da palavra muitos oradores, como: L. Pessoa, por parte da Cearense Libertadora, Antonio Martins, representando a Perseverança e Porvir; Dr. G. Studart, o Gabinete Cearense de Leitura; Dr. H. Theberge, a Sociedade Artística Conservadora; Antonio Mattos, o Instituto de Humanidades, mais os srs. L. Miranda, Correia Lima, Dr. Amaro Cavalcante, C. Bussienne, Julio Cezar Filho, Henrique Arraes e General Tiburcio, que proferiu um discurso elevado e feliz.

Recitaram poesias os srs. F. Severo, Costa Nogueira, L. Perdigão e o sr. Souza MelIo, que agradou imensammente.

Não havendo mais quem ocupasse a tribuna, o sr. José Dias, digno presidente do *Reform Club*, em poucas e eloquentes palavras agradeceu a sociedade cearense em geral o acolhimento, que dera ao convite, que aquella associação havia feito para aquella solemnidade.

Terminado o sarao litterário, dançou-se até horas adiantadas da noite, reinando sempre a maior cordialidade e cavalherismo dos dignos sócios do *Reform Club*, de modo que todos, ao retirar-se, levaram grata recordação d'aquella festa, mostrando-se reconhecidos pela urbanidade e delicadeza de tão estimados cavalheiros.

E, pois, altamente justa a sympathia que goza o *Reform Club;* e agora com o serviço verdadeiramente insigne, que acaba de prestar à sociedade cearense, montando uma excelente biblioteca em um elegante palacete, os seus serviços são do mais acrysolado patriotismo e de tanto mais merecimento quanto maior é a abnegação com que são prestados.

Nossas saudações à Benemérita associação."

Mas onde se vai sentir com mais propriedade o entusiasmo da sociedade por acontecimentos em que se mesclam artistas e espectadores, é na circunstanciada crônica – "Theatro Lyrico" – estampado à página 3 da edição d'O *Commercial*, de 4 de dezembro de 1856:

"Teve lugar no dia 2 do corrente o beneficio das senhoras d.d. Adele Rebussini, e Angiolina Remorini, as quaes nada pouparão para brilhantemente solenisarem o anniversario natalicio de S. M. o Imperador.

O theatro esteve como nunca primorosamente ornado, e à chegada de S. Exa. o Sr. Presidente da Provincia, ellas e o sr. Tancredi, perante a Augusta Efigie, cantaram o hymno nacional; no fim do qual deo S. Exa. os vivas do estylo, que foram geralmente applaudidos, bem como os dados em seguida a S. exa., e ao sr. dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães, o qual estava em um camarote custosamente ornado em troféo, offerta de seos numerosos amigos como prova de que gosa nesta cidade.

A concorrencia foi por de mais extraordinaria, chegando a comprar-se bilhetes da geral pelo duplo e triplo do seu valor devido isto não só ao dia, como a gosto de ouvirem as melodiosas vozes dos excelentes cantores, que actualmente possuimos.

E, sem exageração, diremos que todos desempenharam suas partes o melhor possivel: a propria orquestra nada deixou a desejar.

Cantores de merito, bem e já do nosso publico avaliados, forão por elle freneticamente applaudidos do começo ao fim do espetaculo. Sonetos, corôas, e bouquets de flores naturaes em grande quantidade, forão arremessados às primas-donas da platéa ao palco; não cessando de ouvir-se de todos os angulos do theatro bravos! – muito bem! – e outros signaes de approvação.

No fim foram chamados à scena os três cysnes, e, depois de serenadas as estrondosas ovações, o sr. Antonio Joaquim Barroso de MelIo recitou um soneto dedicado ao insigne tenor Tancredi Remorini, cuja producção foi muito applaudida pelo nosso ilustre publico.

Amantes como somos dos bons artistas, folgaremos que às beneficiadas recebão offertas dos seos proctetores, em relação à concorrencia.

Breve, temos de passar pelo despraser de ausencia de quem tanto nos tem deleitado, pois nos consta que partirão no proximo vapor que se espera do sul, tendo apenas de darem dous concertos, um em beneficio do tenor, e outra repartidamente pelos orphãos pobres desta cidade e artistas dramaticos aqui em disponibilidade.

Ja que tratamos de theatro, não podemos deixar de lembrar ao Governo e Assembléa Provincial, que bom seria edificar-se na nossa cidade, que é uma das primeiras nas de segunda ordem, um que tal nome merecesse. A Praça de Pedro II, para nós, é o melhor local que se pode escolher, e até nos consta que o sr. tenente-coronel Ferreira, para um tal fim, venderia em conta um grande terreno que ahi tem.

Um bom theatro regularmente trabalhando, alem de deleitar e instruir o augmento da civilisação do publico que o possue; e nós o podemos ter com trinta e quarenta contos, uma vez que a sua construção seja encarregada a pessoa entendedora da materia, e não a charlatães q' perdem todas as obras que administrão, em detrimento dos cofres publicos. Voltaremos a questão."

O CARNAVAL: DO ENTRUDO À FOLIA MASCARADA – AS PASSEATAS. A DISPUTA DAS AGREMIAÇÕES CARNAVALESCAS: OS DRAGÕES DE AVERNO E CONSPIRADORES INFERNAIS – QUEM LIDERAVA A PÂNDEGA DESSES DIAS

O carnaval, em seu nascedouro, como não podia deixar de ser, tem lugar bem definido na evolução do exercício mundano da Fortaleza, obrigatoriamente nutrido ao uso de disfarces e máscaras, como vimos anteriormente, a ponto de exigir a autoridade policial, zelosa de suas obrigações em favor da sociedade, todo um estatuto de regras disciplinadoras a respeito.

Coibido o divertimento do entrudo, do modo como se fazia pelos anos de 1850 na Corte, a prática conquanto também obstada entre nós, ainda se manteria acesa pelos reincidentes, estando sempre vigilante a polícia municipal, a encarecer a atenção dos transgressores, a prometer penalizações para quem desobedecesse as posturas, e, inclusive, como se daria em alguns casos, mandando arrecadar as laranjas que serviam de instrumento ao entusiasmo da brincadeira.

Não há dúvida: o carnaval declinando a prática do entrudo já pela metade do século, ganharia todas as condições para sua apresentação mais disciplinada por parte da sociedade. Chega o tempo, a exemplo do que sucederia na Corte, dos primeiros desfiles de rua, tímidos aqui, mas com a participação de grupos de foliões bastante animados a se exibirem para os que se postavam às janelas ou vinham ficar nas calçadas.

Tudo, então, refira-se a tempo, diferente do que havia antes, quando o entrudo imperava, visto por João Brígido como “a sublevação, a licença na sua mais alta expressão, o desaforo e a porcaria triunfal”. Adiante, ainda conta o cronista desses dias, era pela Quaresma que “começavam os sintomas. Apareciam as molhadelas

parciais à laranjinha de cera branca, ou à seringa com água de cheiro. Os ricos arranjavam para os seringatórios, aparelhos de flandre, e os pobres, de taboca; havia também o polvilho para mascarar. Recrudescia a folia, com as cuias d'água à traição, e as tinas às portas dos foliões, para batizamentos e mesmo imersão total dos transeuntes;.. e disparava o folguedo numa orgia formal". (Jáder de Carvalho, in *Antologia de João Brígido*, p. 335).

Vencidos esses dias pelo bom senso, que não podia mais suportar tantos excessos, principalmente brincadeiras exageradas e prejudiciais levadas a cabo na via pública, desandaram os mascarados. Eles estariam percorrendo as ruas nos três dias reservados à folia, a assustar meninos e a persistir em arruaças às vezes atrevidas com os adultos. E ainda praticando parcialmente o entrudo, procedimento que levaria o Secretário de Justiça, em 1893, publicar nota a respeito, com outras recomendações especiais:

"Edital:

O Illmo. Sr. Secretário dos Negócios da Justiça manda fazer público o seguinte: 1.º "Que é proibido por meio de máscaras, ou qualquer disfarce, fazer-se alusão a qualquer corporação civil ou religiosa, ou autoridade legalmente constituída. 2.º Que é proibido às pessoas mascaradas se apresentarem em público, de forma indecente, ofendendo à moral e bons costumes. 3.º Que é proibido o entrudo nas ruas e praças desta cidade. 4.º Que nenhum bando carnavalesco pode exibir-se em público, sem aprovação prévia do seu programa de licença do dito Secretário, sob penas do art. 135 do Código Criminal. Secretaria de Justiça do Ceará, em 10 de fevereiro de 1893. O Diretor Geral João Batista Perdigão de Oliveira."

Já por perto de 1860, os bailes enobreciam o uso da máscara, então de uso corrente. Quando Fortaleza atinge a década de 1870-79, esse tipo de comemoração social é ponderável realidade.

A 10 de fevereiro de 1876, o *Cearense* vem anunciar para os seus leitores o "Baile Masqué Familiar":

"O proprietário do Café Cearense tem a honra de annunciar que nos dias 27, 28 e 29 do corrente e em 4 de março, pretende dar bailes masqués familiares, tendo para esse fim um importante salão de seu estabelecimento, achando-se nestes dias preparado decentemente.

As sras. de família que quizerem honrar com sua presença a este baile, lhe serão concedidas as entradas gratis.

Todos os mascarados serão reconhecidos antes de entrar para o salão, (grifamos), entregando nesta ocasião os cartões de entrada.

As entradas dos cavalheiros será de 5$000, e querendo cear acharão uma importante meza preparada das melhores comidas, constando assados e outras iguanas, mediante o *l'argent,* contando que sem elle nada se faz.

À meia-noite haverá esplendido chá grátis.

O baile principiará das 8 horas em diante.

Ficarão de todo suspensas as vendas de café nas noites. Os cartões que se passarem quer as famílias quer a homem solteiro serão transferíveis, visto que são pessoas escolhidas.

Viva a pandega! Viva a folia! Viva o carnaval!"

Alguns anos mais, crescido o interesse social por festejos desse tipo, tem-se pelo *Libertador* (1.º de fevereiro de 1886) coluna dedicada aos fatos mundanos, com crônica sobre animado baile de máscaras levado a efeito dessa feita num clube de elegantes, o Iracema:

SALÕES

O baile de mascaras que deu ante-hontem o Clube Iracema esteve na altura de todos os grandes adjectivos consagrados à qualificação de uma boa festa, como era de esperar. A Directoria esmerou-se em fazer o primeiro baile carnavalesco do Clube um

prólogo digno do carnaval que projecta e na altura das tradições dessa distinta sociedade.

Vistosamente decorados e ostentando uma opulência de luzes e flôres capaz de deslumbrar e entontecer, os salões do Clube Cearense receberam n'aquella noute uma grande parte do que mais chik e espirituoso pode dar a família cearense.

Às 9 horas da noute todas as salas apresentavam um aspecto verdadeiramente feérico. Toilettes custosas, phantasias de apurado gosto, intrigantes dominós, allegorias grotescas, narizes colossaes, e tudo isso acompanhado de uma musica de falias alegres, ditos engraçados, sorrisos bons, verdadeiros, sadios.

As 9 1/2 organisaram-se os quadros de danças, e graças à perfeita ordem estabelecida podemos então apreciar e tomar nota de algumas phantasias.

Arranquemos, pois a folha da carteira, onde lançamos em abreviatura e cifras mais ou menos intraductiveis estas notas:

Divorçom: magestosa *toilette.*

Mephisto: muito graciosa e mais graciosa ainda a gentil menina.

Hespanha: tout a faít chick.

Bailarina de Megara: fasia honra à belesa grega.

Servente: em tamanha simplicidade mal se comprehende tanto gosto e espirito.

Noite de neve: deslumbrante; mais do que a *neve* de arminho e a *noite* de seda, era alvo o collo cysneo e negros os olhos suaves.

Noite escura: phantastico; quanta imaginação não ardeu com a idéia de ser pyrampo!

Camponeza Austrica: magnifico toilette-alegria, a que grande relevo à graça natural da bella senhora que a trajava.

Bohemia: carnavalescamente vistosa.

Dominó negro; companheiro inseparavel do primeiro *pschut.*

Oito dominós, de diversos gostos, deram entrada no salão depois da primeira quadrilha. Só elles eram uma festa. Riram, dan-

çaram, fizeram espirito e retiraram-se depois da quarta contradança, deixando intrigada a curiosidade de todos.

Muitas outras senhoras trajavam ricos vestidos a moda de diversas cortes celebres, e algumas toilettes modernas de apuradissimo gosto.

Foi pequena a concorrencia de cavalheiros mascarados.

O baile durou até 2 1/2 horas da manhã. Além da cordialidade e alegria que reinaram em toda festa foi notavel a ordem irreprehensivel que se observou no serviço."

Mas o ano áureo da competição dos clubes de foliões mascarados e fantasiados, dar-se-á em 1893, quando os blocos Dragões de Averno e Conspiradores Infernais vão às ruas da cidade, a atrair a consagração da comunidade.

Podemos afirmar que nada houve de mais competitivo e que chegasse a apaixonar tanto os fortalezenses mundanos do que esses dias animados pelos que formavam sob o entusiasmo das duas agremiações diversionais.

A *República* narra, a 16 de fevereiro daquele ano, o que foram a passeata e o grande baile de máscaras dos Dragões; algo aparatoso, soberbo, inexcedível na vida provinciana:

"Como prometemos aos leitores, vamos fazer hoje uma descrição minuciosa da imponente passeata e do sumptuoso baile dos Dragões do Averno, que foram a nota culminante do carnaval deste anno. Às 5 horas da tarde de ante-hontem partia da caverna dos Dragões, mais conhecida por Clube Cearense, o deslumbrante prestito, tendo na frente uma banda de clarins e uma banda de musica uniformisada de barrete e blusa vermelhos e polainas brancas.

Seguiu-se o rico estandarte da sociedade galhardamente condusido por um elegante cavalheiro de casaca e guardam por quatro Dragões. Vinha depois um magnifico carro allegorico em forma de um elevado throno, no alto do qual se via uma interessante creança representando a Rainha dos Dragões. Guardavam o

throno collocados em cada angulo do mesmo quatro gentis meumos vestidos de Dragões, e empunhando lanças.

A estes seguiam-se diversos carros conduzindo senhoras de nossa melhor socied8de, ricamente fantasiadas.

Num carro enfeitado com gosto e denominado "Celebridades Musicais", alguns distintos amadores de musica, vestidos de casaca e caracterisados, compunham deliciosa orchestra que executou durante o trajecto algumas excelentes peças..

Entremeiavam o prestito alguns carros de critica, alusivos ao "Cambio", à "Padaria Espiritual", à "Exposição de Chicago", à "Loteria Cearense", à secção "Bons, Burros e Bravos", e aos "Conspiradores Infernaes".

Todas as criticas estavam traçadas com espirito, mas as melhores eram sem duvida a do "Cambio", onde havia um John Bull impagavel, e a dos "Conspiradores", que constava de um alto carro denominado "Na Bagagem" e encimado por uma enorme tartaruga montada por um creança vestida com as cores dos conspiradores.

Aos lados do extenso e brilhante prestito alinhavam-se os Dragões, na esplendida vestimenta de Beduino, que dava ao conjunto uma feição extremamente pittoresca com seus turbantes tremulando ao vento.

....

Terminado esta defficiente descripção, cumpre-nos affirmar que a passeata dos Dragões foi o maior sucesso carnavalesco destes ultimos annos, pelo que enviamos aos bravos rapazes os mais afectuosos parabens."

O baile dos Dragões, pelo que nos expõe o cronista da *Republica*, foi algo fora do comum. Estão a seguir alinhadas algumas fantasias de mais destaque dessa festa que se prolongou até as 4 1/2 da manhã: "O Fogo", "eclattante toilette" fulva, listrada de labaredas; "Vivandeira", "toilette" simples mas "ressaltada pelas graças naturais de quem a vestia"; "Chrisanthemo", "esplendida", cortada em "faia azul salpicada de chrisanthemos amarelos,

lindissima"; "Pescadora de Camarões", mimosa, com sua saia vermelha e seu "landuá" de malhas de seda; "Rainha de Sabá", "imponente fantasia de seda branua sobre a qual cahia um complemento de purpura escarlate"!

Outras fantasias de bom gosto anotadas pelo cronista; "Camponesa", com o detalhe: "saiote róseo, corpete negro e touca, formando um conjunto chic e modesto"; "Perola" representava a foliã uma "grande concha bivalva entreaberta, deixando uma perola humana envolta em verde fugitivo, recamado de perolas", etc., etc.

Os Conspiradores Infernais houveram-se com igual êxito, fazendo com que a população se dividisse em preferência, a ponto de os cronistas registrarem como está dito na *Republica* a 29 de março de 1893, dia dos festejos da Aleluia, o interesse despertado pelo novo confronto clubístico:

"Sobre a epigraphe *Salões* registram-se hoje, leitores, as festas dos foliões – Dragões e Conspiradores.

As moças formam partidos, e uma faina jovial vai aprompt-ando os vestidos para o novo carnaval.

Em discussão diuturna a gente moça se interna: uns vão ao baile das *Furnas;* outros vão ao da *Caverna*, denominações que caracterizavam então, e respectivamente, o Clube Iracema e o Clube Cearense.

Os Conspiradores Infernais, mais táticos em sua publicidade, foram aos jornais, surpreendendo os Dragões, com anúncio que aqueles chegaram a comparar aos de circo, crítica que pareceu ao outro bando um insulto.

Começava assim o anúncio dos Conspiradores, publicado na *Republica* do dia 22 de março de 1893:

"CONSPIRADORES INFERNAES

Sabado, 1.º de abril de 1893.

Ruidoso Sucesso de Momo. Radiante e Infernal.

BAILE À PHANTASIA para comemorar o grande dia da Alleluia."

Ao final do reclame, num "Note Bem" estava escrita esta picuinha que enfureceu ainda mais os adversários:

"Os *Dragões* farão guarda de honra... na porta da rua." Sucederam-se as tricas, os atos de hostilidade, dando de cada agremiação, em seus clubes, denominar salas com nomes dos diretores do clube adversário, prática que resultou favorável para nós, pelo conhecimento que se ficou tendo dos que se envolviam na folia daqueles dias. Representavam os Dragões: Guilherme Perdigão, Luiz Furtado, Olympio Barreto, Abilio Noronha, Herminio Pinto, Raymundo Cicero, Lindolfo Gondim, Eduardo Salgado, Gustavo Sampaio, Papi Junior, Joaquim Albano e outros.

Pelos Conspiradores formavam, dentre outros: Arnulpho Pamplona, Arthur Amaral, Antônio Martins, Heraclito Domingues, Antonio Brazil, Jorge Fiusa, José Bruno, Filinto de Abreu, Oliveira Netto, etc.

Todos os bailes eram, quase sempre, precedidos de convites publicados aos jornais, como o que está inserto na *Republica* do dia 6 de fevereiro de 1893:

"BAILE CARNAVALESCO

A Directoria do Clube Cearense manda convidar aos srs. Sócios e exmas. famílias para o baile carnavalesco que se realisará nos salões do mesmo clube no dia 14 do corrente, às 8 1/2 horas da noute. É director do mez o Exmo. Sr. José Pires Pio de Moraes e Castro.

Opportunamente serão publicados os nomes dos cavalheiros que compõem as comissões de recepção, *reconhecimento de mascaras e directores de Sailas.* (Grifamos).

O Secretario G. Perdigão.

Para o historiador Raimundo Girão, o maior carnaval daqueles tempos foi o de 1896, quando os mesmos clubes adversários porfiaram com "luxo e ostentação", luta que "tocou à loucura".

E acrescenta, adiante, em plaqueta por n9's referida *(A Princesa Vestida de Baile*, p. 44): "Com efeito, nunca mais Fortaleza assistiu igual procissão da folia, cuja refulgência se realçava ainda com as diabradas críticas do "Clube da Lapiação", composto de caixeiros dirigidos por Vicente de Castro, Martiniano Silva, Fenelon Morais e *magna caterva* e que mereceu capítulo especial de Gustavo Barroso nas suas dolçurosas *Memórias do "Consulado da China"*, do "Clube dos Gaiolas", dos cadetes da Escola Militar, e da "Legião Negra" dos estudantes do Liceu."

O que não se pode é precisar ao certo que desencontro houve entre esses pândegos ao final do século. Verdade seja dita a tempo: já no ano seguinte os integrantes d"'Os Dragões do Averno", altercando entre si, iam engrossar as fileiras de nova agremiação carnavalesca, exatamente a que passaria a arrebatar a atenção dos fortalezenses de então.

Referimo-nos aos "Companheiros do Silêncio", que, considerados em notícia de importância, vão às páginas d'A *República* (2 de março de 1897), contando-se aí de onde debandavam os seus membros e como se apresentavam (imaginamos pela primeira vez em público).

"COMPANHEIROS DO SILENCIO

Sociedade muito nova ainda, *organisada ha poucos dias com elementos dispersos dos heroicos foliões Dragões do Averno* (grifamos), – retirados por enquanto das lides camavalescas, os sympaticos Companheiros do Silencio não fizeram, nem podiam fazer agora, pela exiguidade do tempo, uma passelata que se impozesse pela magnificencia e profusão de carros allegoricos.

A marcha de domingo foi apenas a apresentação solemne do

bello estandarte do Clube. Seriam 5 horas da tarde quando assistimos o importante desfilar dos Companheiros...”

Linhas à frente:

“Rompia o sumptuoso prestito uma infernal charanga, à qual seguiam-se guapos batedores trajando casaca preta, calça branca e collete azul, e cavalgando garbosamente fogosos corceis, sob cujos sellins appareciam belías mantas de setim azul.

Logo após, guarnecida de uma luzida guarda de honra, vinha o majestoso carro allegorico, portador do soberbo labaro dos Companheiros.”

No carro, estavam figuradas várias liras. Na maior de todas, como se fosse um trono, via-se “uma gentil senhorita, garridamente phantasia da, empunhando o victorioso estandarte”.

Seguiam-se mais “carroagens”, e nestas muitos sócios do clube e “mimosas *demoizelles*, portadoras de lindas *toilettes* carnavalescas...”

À noite, como era de bom4om, dar-se-ia “feérico Bal Masque”.

O MINISTÉRIO DA FÉ
A MORTE: COMO CHEGA AO CEMITÉRIO
AS CONFRARIAS RELIGIOSAS: OS IRMÃOS
MISSAS E INFORMAÇÕES DE UMA PASTORAL

O exercício religioso dos que vão à igreja, principalmente em dias consagrados ao santo de culto principal; ou simplesmente dos que se sensibilizam por procissões, ou ao apelo da freqüência às confrarias, acaba gerando comportamento que resulta, ao passar dos dias, um elenco de normas de etiqueta social. Não se negará a existência de moda. Esta é percebida fácil na preferência por determinados indumentos, tipo de fazendas apropriadas a trajos, ou na maneira como as pessoas piedosas ou não, chamadas "de bem", apresentam-se em público.

O espírito devoto desses dias, ou de seguidos anos do século passado, está como que sempre alertado, vivo, no próprio recesso dos lares, precisamente na primeira alcova onde demora à noite o casal, e se situa o oratório de madeira com porta de vidro, geralmente figurando pequena capela com imagens tradicionais, entre as quais se contará sempre São José ao lado de Maria Santíssima, e na frente destes o delicado Menino Jesus.

Tem-se acesso ao oratório, para movimentação interna, pela aludida porta envidraçada, emoldurada em madeira escura, ou trabalhada em cedro, opção, a última, que restará até o final do século. E ali, por trás das imagens, vão cair moedas, pequenos papéis de economia ou de sorte lotérica – sem que se admita o sacrilégio; e lembretes, medidas de santos, orações, e o escapulário de Nossa Senhora da Conceição.

É contemplado, na sala de visitas, o Coração de Jesus, quadro que muda de lugar, depois, cedendo o pano de mais destaque da parede para ir ficar por cima do portal ou arcada de acesso ao corredor da casa, quando começam a subir de modo decidido, à exposição, os retratos dos donos da casa.

E vai acontecer de não parar em nenhum momento, nas relações comunitárias, a influência da Igreja que se vale necessariamente do chefe da família para figurar numa de suas irmandades, como simples irmão ou como autoridade maior – juiz ou tesoureiro –, postos pretendidos pela maioria.

Será necessário atentar para essa circunstância, porque ela explica de modo claro tudo que dai por diante dá de ocorrer com o católico praticante, principalmente se se torna personagem de eventos religiosos, tendo ao seu redor e na sua esteira todos os componentes do ato religioso público, que não opera com regras de piedade, de modéstia, de adoração apenas, mas excede-se, transfigura-se nas exteriorizações de vaidade e afetação, quando não em afirmação de poderio ou importância social.

A religião, sem pretender, fomenta essa sociedade que almeja melhor posicionamento no corpo da Igreja; e mais atenções de suas figuras de liderança; e direito de desfrutar nos desfiles processionais localizações de maior merecimento, ou o privilégio de ter "parada" da Procissão dos Passos, que caminha sobre flores, folhas e palmas. E mais: disputar a outros a iniciativa de organizar leilões, de abrigar padres e bispos, principalmente o provincial de visita à cidade, como ocorre com o Bispo Diocesano, de Olinda, que esteve entre nós em 1839 apaziguando casais desunidos e consertando outros despudorosamente cínicos, como a um que, tendo mulher válida, acudia-se dos carinhos de sua própria escrava.

A morte nessa comunidade tem características de drama. Não transcorre sem o preto das solenidades mais importantes. Chega ao cemitério em "carruagem a quatro cavallos devidamente ajaezados de mantas pretas, orladas de galão de ouro entre fino, com as cocheiras de libré agaloada", tudo isso, em serviço de primeira classe, por 160$000.

Ou, em se tratando de criatura mais modesta, da chamada classe B (como organiza o decreto n.º 48 de 9 de junho de 1892, aprovando novas tabelas "para o serviço funerario a cargo da San-

ta Casa de Misericordia"), vai nas mãos de "quatro pagens trajados de jaqueta e calça de panno fino preto com listras e divisas de galão de ouro entre fino, chapéo preto de pello com divisa do mesmo galão e talabarte coberto de veludo preto com borlas de ouro entre fino".

A morte propicia velórios encompridados, com muito chá, e às vezes a muito vinho "para reanimar"; residências põem panos pretos desfraldados nas janelas, a demonstrar ostensivo pesar, que só sé dissolverá após a missa de sétimo dia, terminado com café bastante gordo na casa do falecido.

E ao depois tudo vai retornar o ritmo normal de existência. O mesmo mundo de devoção, de prática religiosa, prossegue. Há procissões a testemunhar; e reuniões nas sacristias, de confrarias que discutem as festas anuais. Há intrigas; desgostosos ou inconformados indo aos jornais para narrar algum escândalo sucedido, como se dará na Sé com os membros da conceituadíssima Irmandade do Sacramento, quando a assembléia ao vetar o nome de certo dr. Carvalho para juiz, descompassa-se então em "calorosa discussão, que se tornou depois em uma ingrizia, e formal descompostura, ouvindo-se reciprocas imputações, – *és um assassino, e tu és um roubador de mulheres casadas, – és este, tu és aquelle* – e toda esta balburdia no recinto do templo..." *(O Sol,* 24 de maio de 1863).

E na corrida que empreende quem deseja mostrar prestigio entre os seus parciais, transformando sua moradia em altar para a solene Procissão dos Passos, das mais concorridas das desses dias, dão-se impropriedades que ensejam a crítica dos jornais: "Sabemos que entre nós não há bastante igrejas, nem nichos proprios para neles se apresentarem os Passos da Paixão, mas essa falta não deve ser suprida erigindo-se altares no lugar que o dono da casa destina para seo escravo, e o seo cão." *(Ibid.,* 29 de março de 1863).

Por outro lado os irmãos de confraria quando a esmolar pelas ruas, em exercício de obrigação estatutária, devem obedecer a

certos procedimentos éticos, sendo-lhes interdito agir como o sr. Pedro Miriú, denunciado pelo jornal que vimos citando, a 23 de fevereiro de 1862, por desrespeito aos "objetos", isto é, bolsa e opa com que se apresentava, indo visitar a uma leviana (depreende-se) "em caza de Januario de tal, no Garrote".

As esmolas obtidas. e não só por esse meio mas através de prendas, leilões, listas, rifas, etc., não apenas suprem as despesas de preparação dos desfiles religiosos, mas dos indefectíveis anjinhos que deles participam, como se verá pela prestação de contas do sr. Francisco José Pacheco de Medeiros, nas páginas *d'o Sol,* a 5 de julho de 1863.

O indumento de sete anjos, para a procissão do Senhor dos Passos, custou exatamente 131$040, assim discriminados:

"Por 99 covados de tafetá roxo para tunicas	61$860
Olanda roxa para os forros das tunicas	11$000
Por sete cinteiros para as ditas	19$600
Linhas roxa e retroz	$880
Por 26 folhas de papel dourado	7$040
Ao pintor por preparar as azas	14$000
Por 36 covados de detrina para enfeites	5$760
Por 15 varas de arame	$900
A Sra. D. Mariana, por apromptar e vestir os supraditos	10$000"

Possuir retrato nas dependências de entidades, principalmente as de caráter filantrópico, é exibição de prestigio no seio da comunidade. Quase sempre a homenagem vai obtida sob ajuste de determinados favores ou contribuições. O ex-provedor da Santa Casa de Misericórdia, por exemplo, é ridicularizado pela imprensa *(ibid.*, 31 de maio de 1863), que atribuía a aposição de seu retrato, naquela casa, às despesas que ali efetuara:

“Duas duzias de cadeiras	100$000
Quatro ditas de toalhas	36$000
24 pares de sapatos	36$000
Uma commoda	60$000
	232$000”

A nota do jornal *O Sol* não é intempestiva. É que outras pessoas, por falecimento, haviam deixado maiores donativos, e nem por isso viram-se reconhecidas, *post-mortem*, pela diretoria da Misericórdia, como ocorrera com o finado José Correia de Melo, legando 600$000 para essa instituição.

Aquele sr. Vasconcelos, como de costume, além do retrato colocado na sala foi “proclamado na ata – Irmão Bemfeitor, decretando a irmandade “se fizesse uma mensagem de honor, e se attestasse com especial apreço” os serviços dos que assim procediam.

Mas a sociedade não parecia perdoar esses abusos, se pudemos considerar. A “questão-retrato , então chamada, vai arrastar-se por mais alguns dias pelo mesmo jornal. O esmoler-tesoureiro da Misericordia, em sessão tumultuada, reclama contra o abuso “da mesa anterior, prestando a homenagem ao sr. Smith Vasconcellos”.

O jornal já citado, a 3 de maio do ano em causa, escreve mordaz:

> “O retrato de um homem bem apessoado (Vasconcellos), mocetão, calvo, rubicundo, olhos azues, fisionomia mixta de portuguez e inglez, collocado como primeiro bemfeitor do novico estabelecimento de caridade do Ceará, é alguma cousa imponente para gloria da provincia. Os vindouros que visitarem-no, e ao entrar na sala das sessões, virem aquelle painel, se encherão de certo amor proprio por depararem com tão elegante figurino, como primeiro bemfeitor da casa. A historia, a historia provinciana em seos annuaes contemplará com ufania a veronica de quem dotou a Santa Casa com 750 cruzados em boa especie de lençoes, camisolas de algodáozinho americano, e cousas algures.”

Essa sociedade religiosa, com os seus momentos de vaidade, comparece às missas solenes e aos dias de festa da Igreja, metida em sua melhor indumentária, contemplada no interior dos templos com flores que lhe são atiradas por ocasião do *gloria in excelsis.*

Às vezes dão-se incômodos por essa prática, indo as flores utilizadas, estando molhadas e com espinhos, ferir o rosto de pessoas ou lhes molhar as vestes, como em episódio narrado pelo jornal *O Commercial*, a 7 de fevereiro de 1856, na secção Folhetim.

O ministério cristão, que transcorre na metade do século passado, não se faz sem limitações ponderáveis. O Bispo da Diocese do Ceará, D. Luiz, indo em pastoral ao interior, em certo lugar é recebido por homens ainda vestindo camisa e "serolla"; em outra localidade, não há mesas na casa onde S. exa. rvdma. se alberga. Malas se prestam a tanto, pondo os da residência sobre aquelas os pratos, a comida. Adiante, o Bispo é levado a sentar-se numa rede, à falta de cadeiras.

Em Santa Quitéria, o pároco nos concede, na medida exata, idéia da precariedade do exercício religioso de então. Não havendo música por ocasião da missa ali oficiada, o "vigario e uma sua irmã suprirão bem esta falta. ElIe de capa de Asper-ges, no altar, servia de Preste, e ao mesmo tempo de músico; e ella embaixo das grades, acompanhava com sua voz angelica; elle fazia a primeira, e ella a segunda".

O vigário Peixoto de Alencar, autor da plaqueta – *Itinerário da Visita do Bispo da Diocese Cearense* –, exaustivamente criticado pelas páginas d'O *Sol* (n.^{0} 328 e seguintes), é quem nos conta mais que no "*Salve* e *insensação* que incarnão em uma só pessoa, o Rvd. achou-se só n'esse transe; cantava ao mesmo tempo que insensava da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita. Esse amalgama me fez lembrar das danças de S. Gonçalo em que o sujeito que tangia a viola é o mesmo que dança e puxa a jornada".

O Bispo fazia-se acompanhar de "creados e escravos", que conduzia um fogão de viagem assim mesmo referido onde estes "cosinhavão alguma cousa" para aliviar o passadio.

O chá comparece às refeições, e não falta a carne de vaca, de carneiro e peixe fresco, então abundante. Nem todos, no entanto, estão dispostos a servir bem ao pastor dos cearenses, como se verifica com um tal Agostinho de Sousa:

> "Ahi não ficamos devendo outro favor mais do que nos abrirem as portas da casa velha desbaratada, para pousarmos; porque quanto ao mais comemos do que levamos, e do que *compramos ao proprio dono da casa* (grifamos).

Na proximidade do assunto, convém realatar: em algumas cidades importantes do interior, os atos religiosos nem sempre eram destituídos de brilho e imponência. Às vezes podiam compararem-se aos da Capital, assemelhados em tudo, qual a solenidade da Semana Santa, em Canindé, em 1898.

Que exagero de ritual! Quanta exibição propositadamente dramática na apresentação, aos fiéis, do sofrimento de Nosso Senhor! E que *mise-en-scéne*, até certo ponto curiosa, desenvolvida a esses momentos na intimidade dos templos, a provocar efeitos, a surpreender, e estupefazer.

A República daquele ano (1898) conta os solenes momentos da Semana Santa ali celebrada:

> "Um grande panno preto descendo do arco da capella-mor até ao tapete estendido entre os altares iluminados, foi num instante erguido a um aceno à ordem do pregador, para mostrar aos ouvintes a imagem do Rei dos Judeus que, de cruz ao hombro, uma coroa de espinhos entrançada na cabeça, injuriado, açoitado, condenado à morte, ia seguir a caminho do Calvario."

A banda de música comparecia com "som de peças sentimentais", complementando a maior parte dos ofícios, e a se ouvir, em toque de funeral, na cauda da procissão do Senhor Morto, precedida pelo "cadaver do Nazareno, adiante da imagem de Mãe Santissima, conduzida em andor".

O procedimento religioso atingia o ápice, pelo sábado. Às 6 horas, dava-se a "benção do fogo novo, à porta da matriz, e benção do cirio". Processava-se então o cerramento das portas laterais da igreja, contendo em espaço insuficiente verdadeira multidão que lhe tomava todos os lugares. "O ar, viciado pelo halito de cada um, pelo cheiro do incenso e pelas luzes que os castiçais erguiam dos altares, rareava." Devia de ser terrível, abafante, constrangedor, esse instante, como se todos ali presentes estivessem próximos a se consumirem à contemplação do inferno. "O calor subia até o coro, às tribunas e coretos."

Mas só depois de cantado o *Exultet;* e só quando eram lidas, pausadamente, as profecias; ouvidas as ladainhas, que se alongavam exacerbantes, efetivada a benção da pia batismal – e ao redor do povo, em crescendo, imperava a mesma atmosfera de desconforto, de exaurimento – acontecia, soava alfim o rompimento da Aleluia.

A um sinal abriam-se então todas as portas do templo, não já sem tempo, que, de ar puro, renovado aspirado do exterior, careciam os que praticamente se prostravam nauseados, e amolentados.

Ah, o esperado, aguardado alento! O prelibado contentamento para a multidão que temera sucumbir.

E sobre a densidade mística de tantas almas em provação, derramavam-se os sons do *Magnificat.*

O Senhor acudia os pecadores arrependidos. Estendia-lhes a mão, providencial.

Valera tão medonho sacrifício

Estavam todos salvos.

OS SENTIMENTOS POPULARES NAS PUBLICAÇÕES EM VERSOS, PELOS JORNAIS A ILUSTRAÇÃO ZOOMORFA DOS DESAFOROS A POÉTICA DE FUNERAIS E NATALÍCIAS

Nessa sociedade do século XIX, dizer versos é bem. Há quadras, sonetos, longos poemas, a propósito de tudo. Apregoam-se trivialidades, irreverências, melosas emoções em peças poéticas geralmente pífias, e de mau gosto, acolhidas pelos jornais em secções como a d'A *República*, na década de 1880-89.

Não importa serem poucos a esse tempo os nossos poetas a nível de exercício literário apreciável. Há-os, em abundância, se fazendo ao público sob canhestra inspiração, a externar emoções, atitudes e posicionamento crítico puramente pessoal, a mais das vezes através de matéria paga, circunstância que sublinha a má qualidade dessas produções.

Acontecem fatos curiosos, como o de certas pessoas, desgostosas com a própria família, mudarem o próprio nome. Nem sempre explicações desse modo de agir chegam ao conhecimento de todos, concebidas em versos. A maioria prefere divulgar avisos a respeito, usando prosa adaptada a propósito. No entanto, é possível encontrar nas páginas do *Cearense* (16 de maio de 1866), a mais curiosa de todas as comunicações de alteração de nome, iniciativa de morador da Imperatriz, que se chamando Antônio Fortunato de Oliveira, decide descartar-se do último apelativo. Tudo contado em verses e sob a classificação de *Annuncios:*

"Por causa da malvadesa
Dos parentes, que contava,
Reneguei de tal familia
E do nome, que assignava.

Sou *Antonio Fortunato*
Sem mais ter o *Oliveira;*
Saibam pois esses judeos,
Saiba a terra toda inteira.

Acrescento o nome *Só,*
Por que só quero viver;
Longe pois meu nome antigo,
E com este hei de morrer.

Antonio Fortunato Só.
Imperatriz, 7 de maio de 1866."

Ao descobrir a função do desenho em matérias publicadas aos jornais, a comunidade provinciana se dá então à utilização irreverente, maldosa, de avisos ilustrados (com desenhos), a debicar de desafetos, prática que se torna comum ao longo do ano de 1883, servindo de exemplo, tomado ao acaso, anúncio inserto no *Libertador*, do dia 26 de outubro, (p. 3), em que se pode ler, sob reproduções zoomorfas (um porco, um cão e um burro), mensagem consagrada a devedores de João Augusto

Marques:
"Manel – Luiz – Cavallo" – "Fallou-se no seu respeitavel nome, temos a distincta honra de cumprimenta-los".

De verdade, o jornal no século passado, não é apenas o instrumento de exercício político de seus donos, mas porta-voz de acolhimento democrático dos desabafos dos leitores, de suas críticas, de suas tricas, de suas acusações e pleitos. Tal desempenho, tão abrangente, não impede a publicação de aleivosias, como a que se esconde por trás de anúncio publicado ao *Libertador* (23 de agosto), também de 1883:

"ESCRAVA EM CASA

Em 20 de julho deixei em sua casa no Maranhão (cidade de S. Luiz) a mulata Honoria Honorata Correia de Faria, a qual só se ocupa em fallar da vida alheia, mentir, e dormir deixando de cumprir as suas obrigações de ama de leite que é da criança Sidonis.

Quem agarrá-la pelas orelhas e trouxer ao abaixo assignado, nesta capital, será recompensado.

A sujeita tem 52 annos de idade.

A annunciante protesta contra quem por ventura a estiver desfructando.

Sabina H. H. Correia de Faria. Ceará, 1883."

Repetem-se os desaforos. Pessoas se hostilizam pelas páginas da imprensa. O leitor *Pinheiro* faz publicar (27 de outubro de 1883) anúncio ilustrado com animais (peixe, galinha *e* peru), designados por Antonio, Diabo e Palhabosta, encimando a mensagem que se segue: "Tenho nojo de *tu*, banda cega, és muito infame, os typos iguais a ti eu detesto."

Outro leitor tem acesso ao *Libertador* (30 de outubro de 1883), mandando publicar a figura de terrível cachorro, com os dizeres: "N'uma Formosa rua, lá pelos 37, habita um cão leproso que tem por costume atacar a todos os transitantes, que não são da origem animal. Recommenda-se ao publico que passe de largo d'esse cão leproso, que alem da lepra tem a baba mais venenosa. Para traz cão, para traz. Olha que a Camara pode botarte uma fucinheira, e qualquer curioso pode também dar-te uma *bolla* (pitomba) para saber-se como morre um cão sem dono."

A resposta a tais insultos não demora. Estará inserta na edição de 5 de novembro, ainda do *Libertador*, encimada pela reprodução gráfica de um burro:

“MOFINA PARA ACABAR A QUESTÃO

Meus Senhores, com licença dos leitores, fallou-se, cumprimenta-se.

Fugio ha dias desta cidade um, com o ferro M.L.C. e os seguintes signaes:

Tem a fuça muito comprida, é muito orelhudo, os cascos de Rhinoceronte, tem muitas mataduras e bicheiras, devido ao *vidro moido* que tem comido; é muito couceiro e lerdo; ruim de esporas como todos os diabos.

Além d’isso é muito manhoso e de má catadura, gosta muito de capim e farelo misturado com jurrapa do Rio de Janeiro.

E quando come murcha as orelhas, depois morde e escourceia aos seus bemfeitores.

Finalmente, este animal é do sertão dos *Carvalhos e da raça dos arrene gados e reformados* e conhecido entre os seus por Mané Cambrone Lulu.

Quem o pegar e trouxer à rua Formosa n.^{0} 37 será bem recompensado.

Esse Mané Cambrone Lulu não é outro se não Manoel Luiz de Carvalho, que, na troca de desaforos pela imprensa contra o português Palhabote, dono de acreditada casa comercial na cidade, pessoa abonada, espicáça-o em novo ataque, utilizando a métrica, no dia 6 de novembro. A poesia vem abaixo de respeitável cabra de leite, figurada no jornal:

‘Ei-lo, o bruto, *palhas bote*,
Que elle bem pode ceder: –
Gênio do mal e calote
Tem podido se manter...
Mas um dia... essa *trindade*
Feita de lama e maldade
Pode as *faces* ter no chão...

E o *bruto,* que hoje escoceia,
Talvez seguro a cadeia
A todos peça perdão.

Nos *pinheiraes* da miséria
Ainda havemos de o ver.. (etc., etc.).”

A morte de pessoas gradas não exige apenas o ritual das exéquias, como o descrevemos em capitulo anterior. Quer mais. Manda que os inspirados, donos do estro, sabendo escrever, façam versos pesarosos para divulgação destacada aos jornais. Pululam os sonetos de lágrimas, de dores incontidas, apregoando a partida irreversível dos entes queridos. Velhos e moços, principalmente crianças, têm afetos e bondades ressaltados por esses versejadores de ocasião.

E a tanto, também, notas de protesto aproveitando desenhos que dão de aparecer encimando mensagens desse tipo, geralmente representando velórios com velas acesas, acrescidos de garrucha, vindo por baixo as frases alusivas ao morto:

“Por alma do infeliz Leandrão barbaramente assassinado na vila de S. Francisco.

Justiça Divina.” *(Libertador,* 14 de novembro de 1883).

Nesse mesmo diapasão, e não é raridade, está publicado no *Libertador* (26 de novembro de 1883) outro aviso mortuário com desenho de anjo orando ao pé de túmulo, e de trabuco. Os dizeres são os que se seguem:

“P.N. e A.M.

Pelo eterno repouso do infeliz Manoel Braz cruelmente assassinado na Pedra Aguda.

Justiça do Lindolpho Capella Gondim.”

Na exteriorização através de poesia, o autor erudito não deixa de se fazer presente aos jornais, como se dá com Juvenal Galeno, pranteando o desaparecimento do major Leandro Custódio de Oli-

veira Castro Jucá, fato noticiado pelo *Cearense* (13 de novembro de 1864) com linguagem cheia de preciosismos, natural daqueles dias: "Seu invólucro terrestre desceu à campa entre lágrimas, que vinhão da alma."

Intitula-se *Jucá*, "poesia americana – à memória de meu amigo Leandro C. de O. C. Jucá", o longo poema do autor de *Lendas e Canções Populares*, acolhido pelo jornal mencionado, cujo Canto I começa deste modo:

"Luto e tristeza, consternação e mágoa,
Agros gemidos, pela dor creados,
na taba d'Inhamuns!"

Sucedem-se os cantos. No VI, é figurada a taba d'Inhamuns sob as novas dos triunfos de Jucá, tribuno que "honrara a tribu, a defender pujante / os seus direitos..." Os guerreiros aguardam que "Tupan conserve / nas vossas glórias, o tribuno ilustre!" Há o apelo para que "fervam nas taças, de sapucaís feitas, / Cauins ardentes!" São todos chamados à festa, à dança, ao prazer!

Canto VII

"Mas, eis que chega
Um novo expresso! Porventura as novas
de mais triumphos? Que bem vindos sejam!
Que falle embreve... pois não vê que todos
Ora as esperam.. que as espera a festa?!

Que falle o expresso... Mas que torvo aspecto
O seu agora! E que pranto aquelle
Que traz nos olhos! ... Toda a tribu aflicta
Delle se acerca, mil perguntas faz-lhe...
T'é que'elle fala... ai, não fala, geme

Em curtas frazes:
– “O maldito fogo,
“Que o sangue abraza... lá na grande taba...”
“Agora reina... e Jucá...”
– Dizei-nos...
Todos supplicam... que o tribuno ilustre,
E nossa gloria... o guerreiro bravo...
É são... não sente d’esse fogo as lavas
Dentro das veias... Repeti... dizei-nos..
Que vive o chefe...
– “Já não vive.. . é morto!”

Mas quando os versos saltam fáceis, indo emoldurar-se nas secções sociais dos jornais, é por ocasião das comemorações de aniversários natalícios. Dá-se a freqüência incrível de poetastros, como o sr. Souza W., a 11 de junho de 1892, ofertando uma sextilha ao amigo Francisco Oliveira:

“Amigo, o teu natalício
Por mim não fica olvidado
Se bem que para a “soirée”
Não me tenhas convidado.
Aceita pois em “teus annos”
Um meu abraço apertado.”

Não faltam acrósticos, como o que o jornal referido diz te sido distribuído entre os presentes ao festejo do natalício de D. Hermelina Valente, esposa do capitão Hemetério *(A Republica*, 17 de junho de 1892):

D eus que sois um pai omnipotente
O rnae a sublime festa grandiosa,
N ascida como nasce lindosa;
A inda em botão sempre inocente.

H ermel inda seu nome é – Valente,
E filha, esposa, mãi tão estremosa,
R oga de joelhos a poderosa
Mão d'uma... luz resplandecente,

E rguer a si, Senhor, um bell-altar,
L á eternamente há de ficar
I nda mesmo que suba ao Calvario!

N ão nego que como vós elle nasceu
D ivina como sois, ela cresceu.
A té hoje o glorioso anniversario.

Há saudações a aniversariantes, em francês. É como vai saudada jovem Sinhá pelas páginas d'A *Republica* (23 de junho de 1892):

"Etan demain l'heureux et brillant jour de ton aniversaire je t'embrasse du plus profond de mon coeur.

Ta soeur Emelia."

A 19 de janeiro de 1893, pelo mesmo jornal, Josepha de Souza Lima pontifica na pieguice desse tipo de registo em louvor à amiga Izabel Taboza Filha:

"Hoje que a aurora surgiu sorridente de luz para saudar-te, eu venho tambem trazer-te nas azas da briza um beijo para depor em tua fronte aureolada de luz. Recebe, boa amiga, um abraço pelo dia em que completas mais uma venturosa primavera."

Não nos cabe ficar admirados diante dessa maneira com a qual as pessoas, em sociedade, exteriorizavam sentimentos. Cada época conhece elementos novos de confraternização, ou de demonstrações de pesar, mas assemelhados.

Antes do advento da televisão, no Ceará, a radiodifusão intermediava mensagens dos leitores para seus amigos, como ocorria com a Ceará Rádio Clube através do programa "Mensagens

sonoras", quase todas revestidas do mesmo espírito de comunicação bem a nível do entendimento popular.

Os jornais, registre-se, nos últimos trinta anos, praticamente tornaram-se fechados a esse tipo de veiculação poética, ou de mensagens a que vimos referindo. Mas até o primeiro quartel deste século não eram raros os versos (pelo menos terrivelmente fúnebres), produzidos por poetas provincianos (o ano de 1915 está referto destes), como se dá com o sr. Nunes Weyne, autor de "No Cemitério", divulgado ao *Correio do Ceará* de 13 de julho de 1915:

"Ali tudo é silente:
Apenas, noite e dia
Ouve-se a enxada, fúnebre, dolente
Cavando a terra fria!

Nem um beijo de amor, nem uma só risada,
Fazem-se ouvir dos brancos mausoléus
Quebrar a paz da noite enluarada
Indo morrer nos céus! (Etc., etc.).

INDICATIVOS DO COMPORTAMENTO COMUNITÁRIO, SOCIAL E ARTÍSTICO DOS FORTALEZENSES, PELA AGENDA DE ANÚNCIOS DO SÉCULO XIX

CORREIO DA ASSEMBLEIA PROVINCIAL – 1839

ANUNCIOS

Antonio Narcizo de Barros e Freitas, Relojoeiro, mudou-se para a rua do Quartel, para defronte do sr. Albuquerque: tem de venda relogios novos francezes, e tambem chaves e vidros. (23.03)

Francisco Pacheco de Medeiros, na Cidade de Fortaleza, oferecendo à venda o Sitio do Alagadiço Grande, na estrada nova que vai para a Vila de Soure, tendo Caza, etc. *(Ibid.*, 09.06)

CORREIO DA ASSEMBLEA PROVINCIAL – 1840

Na loja de Jozé Dias Macieira, na Rua Formoza, achão-se *à* venda os generos seguintes: assucar a 120 rs, a libra; sabão a 180 rs, a libra; spermacete em~vellas a 1$200 a libra; Vinho 20 rs, a garrafa, agoa-ardente 160 rs, dita, assim como Genebra em botijas, e fumo Mapinguim em rolos, doce de goiaba, barris de mel de furo, e varias fazendas seccas, tudo por preços commodos. (16.04)

O COMMERCIAL – 1857

BOM E BARATO

Na loja d'Albano & Irmão tem para vender-se cortes de lã adamascada para vestidos a 4 rs, cortes de xitas cassas, cores fixas, 3$; cortes de sarjão de lá preta adamascados para ves tidos com 12 covados 6$ a vara, chitas finas, côres escuras e fixas, 200 rs, o covado, sarja hespanhola a 3$200 o covado, alpacas preta, de sêda e de lã, lapins pretos e de côres par-das para paletós, princesas preta e de côres para vestido de montaria, lindos chapéos de

senhora, para montaria, ricos cortes de vestido de gorgorão e sêda, cortes de vestido de alpaca de sêdas de cores com 16 covados, pelo barato preço de 6 rs, cortes de colete de gorgurão de cores, bom-gosto, a 4$500, cortes de coletes de setim de Macau, bordados a agulha, 8 rs, ditos verdes escuro, cor de rape e preto, pelo commodo preço de 4$500, proprios para paletós, gasemira fina, preta, a 3$500 o covado, brins pardos de linho muito superior, por commodos preços, bretanha de linho, riscadinhos para paletós de *andar* a *fresca* (grifamos), brim Hamburgo muito fino para ceroulas a 560 a vara, chailes de lã de varias qualidades, pano adamascado de linho de duas larguras para tolhas, pano de linho a 4 larguras para lençoes, chapéos finos franceses, e chapéos de sol, de seda; que sendo a dinheiro promete vender-se tudo por menos do que em outra qualquer parte." (27.08)

O COMMERCIAL – 1857

Chegou a este mercado, para a loja de Silva & Manelão, defronte do sobrado do Sr. Justa, um lindo e variado sortimento de fasendas finas... ... Lindos cortes de sêda, ditos de gaze e sêda, sedinha Larga de quadros para 1$280 o covado, sêda lavrada e em flores para 1$600 o covado, chamalotes preto, amarelo, verde, e côr de rosa de superior qualidade, filó de linho com flores, preto e branco, setins de todas as côres, toucado~ muito ricos para senhora, etc., etc. (17.12)

O SOL – 1862

LOUÇA AZUL – Terrinas, pratos com tampa, ditos para mesa, saladeiras, molheiros, &c, &c. Promette-se vender tudo por menos que em qualquer parte. A DINHEIRO; tambem vende-se vinho de Lisboa a 640 réis e vinagre pagão a 320 réis a garrafa, na Praça da Municipalidade, estabelecimento que foi do Sr. Bernardo J. de Mello. (02.02)

***O SOL* – 1862**

O Alfaiate Mariano de MelIo Nery continua a rezidir na rua da Palma, defronte ao palacete do Sr. Albano, onde seus freguezes o encontrarão prompto para desempenhar qualquer obra de sua profissão. (02.03)

***O SOL* – 1862**

Victor Augusto Nepomuceno continua a residir nesta capital onde se offerece para leccionar as pessoas que desejarem applicar-se à Arte de Musica (sua profissão) e dispondo de suas habilitações para o fim, que sejão julgadas pelas pessoas que como elle sejão professor da mesma Arte.

Obrigando-se assim a restituir toda e qualquer quantia que houver percebido quando por falta sua deixe de ser aproveitado em benefício de seus alumnos. (06.04)

***O SOL* – 1863**

NOTICIARIO

Baile. – Em a noite do dia 28 do corrente teve lugar no quartel do corpo de guarnição o baile offerecido pelo Exmo. Sr. deputado Figueira de Melio aos seos amigos, e que annunciamos em outro numero. O edificio esteve interiormente bem iluminado, e as salas elegantemente decoradas. O concurso foi copioso. O regozijo completo, e demonstrativo das sympathia3 que merece o illustre parlamentar Cearense. (01.01)

***O SOL* – 1863**

FALSIDADE, MENTIRA

Dizem alguns, a Cidade da Fortaleza é uma capital balda de distrações, não há em que se gaste dinheiro ainda tendo-o para gastar. Mentira monstruoza! Falsidade inaudita!

Vejão lá se há ou não há, em que distraia dinheiro aquelle, que o tiver. Temos companhia dramatica, temos, (ou teremos brevemente, segundo os annuncios) companhia ginastica, temos subscripçáo nacional, tivemos masqué, temos colera, temos quebradeira de negociantes, temos capinhas, e missas pedidas, temos subscripçóes de todo o genero, temos soirées familiares, e temos farinha e bacalháo de elevado preço, e então em vista de tanta couza absorvente de dinheiro, há quem diga o contrario?

Não creio, e se dizem, mentem. (22.01)

O SOL – 1863

Manoel Maturino de Barros, estabelecido na quina do Pimentel, vende os seguintes generos: – chapéos do Chile, da moda, 9$; aparelhos brancos, finos, 7$; charutos Suspiros, Guanabaras e Sulfirinos, em meias caixas, 1$000 e 1$600; ditos Regalia a 3$ e 2$200, e Amor do Brazil a 3$400 a caixa; vinho tinto superior a 640, e branco a 800 réis a garrafa; dito do Porto, engarrafado a 1$600; libra de velas de spermacete a 760 réis; dita de sodas a 500 réis; dita de bolacha a 320 réis; dita de assucar refinado a 200 e branco a 160 réis; dita de herva-doce muito nova a 600 réis; dita de manteiga ingleza a 1$280 e franceza a 960 réis; dita de bom bacalháo a 140; assim como arroz do Maranhão, sebolas, &c. (03.05)

O SOL – 1863

O PASSATEMPO DIVERTIDO contendo sorte para os que se juntão em sociedade, e recreio de familia em as noites de 5. Antonio, 5. João e 5. Pedro, obra primorosa: 2$000 réis, nas lojas dos senhores Luiz Ribeiro da Cunha e Diogo José da Silva, e nesta typographia. (07.06)

O SOL – 1863

Delfina Maria da Conceição, moradora na rua de Baixo, tem doces à venda de todas as qualidades, assim como apprompta qualquer encommenda com aceio e promtidão. (09.08)

A CONSTITUIÇÃO – 1865

VENDA

Vende-se quatro moradas de casa, cobertas de telha, uma com frente de tijollo e as outras de taipa, todas em bom estado, comprehendendo as ditas casas 120 palmos de terreno, e porção de fructeiras, bem como: coqueiros, laranjeiras, limoeiros, araçazeiros, sidreiras, condeceiras, gravioleiras, e outras mais desfructaveis: uma excelente baixa para capim, e banhos, na rua do Livramento desta cidade. Quem pretender, dirija-se a esta tipographia.. que se dirá com quem deve tratar. (19.09)

CEARENSE – 1865

ESCRAVOS

O abaixo-assignado compra e paga uma escrava de. 14 a 20 anos de idade, sendo de bonita figura, e que tenha alguma idéia de engommado e cozinha. Ceará, 28 de agosto de 1865. José Luiz de Sousa. (01.09)

CEARENSE – 1865

ANUNCIOS

Cirurgião-dentista de confiança para as familias: Samuel Huggios, norte-americano, oferece ao respeitavel publico seu prestimo em todos os ramos da profissão. Coloca dentes artificiais por todos os sistemas até hoje conhecidos. Dentadura completa de vulcante, melhor sistema. Estrahe dentes em sua casa por 1$000. Tem pós americanos para conservar os dentes para sempre. Tem ouro e platina para chumbar os dentes, que conserva por toda a vida. Rua das Flores, 32. (30.05)

***A CONSTITUIÇÃO* – 1865**

FESTAS

Sendo usual em muitas provincias do Imperio pedirem-se festas por meio de cartões, participamos ao bello sexo e aos jovens cearenses – que temos à venda nesta typographia ditos cartões em versos bem rhimado, por onde qualquer pessoa pode pedir annos bons, festas e reis. Preço de cada cartão nitidamente impresso, réis 80. (17.12)

***CEARENSE* – 1866**

ANNUNCIOS

Ao amanhecer do dia 1 do corrente mez encontrei em minha salla uma porção de dinheiro; quem o tiver perdido apareça para lhe ser entregue; e, se por ventura é alguma restituição oculta, o sujeito, que pretende fazê-la, procure-me para explicar-se, certo de que n'este negocio serão guardadas as necessarias conveniencias. Fortaleza, 2 de fevereiro de 1866. O vigario Miguel Francisco da Frota. (02.02)

***PEDRO II* – 1867**

AT TAMANDARÉ

To the englishmen in Ceará

This establisment is a first class place for the English resedent of Ceará to enjoy themselves as ali Kinds of refreshments can be obtained cheaper than at any other establishment is haíl feel gratfull if they will kindly honour me with their partonage. AlI orders Families, or vessels will be punctually attende to. 87 Beautiful Street 87

Ceará, 14 de outuber, 1867. (15.10)

***PEDRO II* – 1867**

COSMORAMA

Mudança das seguintes vistas para Domingo, 8 do corrente:

Vista geral de Trieste

Vista do Golfo de Napoles
Vista do Porto de Argel
Vista geral de Barcelona
Vista de um pé buliçoso em um baile de Paris (grifamos)
Vista dos prazeres de Paris, entre duas corridas
Vista da Praça do Commercio em Lisboa
Vista de um encendio no mar
Vista da entrada da Bahia e do Rio de Janeiro, llhas das Cobras
Vista de Lisboa, n.º 6
Vista do Porto Semanario
Vista do Palacio da Opera
Vista de Lisboa, n.º 7
Vista da ultima parte de Paris, tirada em 1867
Vista das llhas Barromeas (Iluminadas)
Vista de Granada, tomada de Albiqum (Iluminada). (08.12)

JORNAL DO CEARA – 1868

(São divulgadas, a 26 de maio, disposições de posturas municipais, da cidade da Fortaleza, sobre licenças para levantar, reconstruir casas ou qualquer outro edifício; que sejam as construções de tijolo ou pedras e cobertas de telha, com calçadas de 7 palmos, das ruas principais, e as de beco com apenas 5; tenham muros, estejam alinhadas, proibida a construção de choupanas sem aviso à fiscalização, que só as consentirá, também alinhadas. Os habitantes estão obrigados, a partir daí, a "mandar varrer no fim de cada mês a frente de suas casas até o meio da rua", e a extinguir formigueiros, proibido lançar na rua animais mortos, – despejo de materias fecais, ou de lixo, "em lugares que não os marcados pela Camara para deposito..." O artigo 15 tem antecipações de defesa ecológica: "Aquele que arrancar ou destruir alguma das arvores que se acham plantadas nas praças desta cidade por ordem da Camara, será multado em dez mil réis, ou dez dias de prisão, e obrigado a plantar outra e conservá-la até se pôr no mesmo estado

em que se achava a que foi destruida, sendo livre o infrator; se porém for escravo, será seu senhor o responsável pelo plantio de outras arvores." (26.05)

JORNAL DO CEARA – 1868

No levantamento estatístico das possibilidades industriais e comerciais da Fortaleza, da década 1860-69, tem-se informações importantes publicadas sob a assinatura de José Nunes de Mello, oficial-maior. Assim, pode-se saber que em Fortaleza "não há grandes fortunas acumuladas". Em 1865, éramos 46.935 pessoas, sendo escravos: 1.470. Funcionavam fábricas: de açúcar, aguardente e outras bebidas espirituosas; de farinha de mandioca, de sabão, de velas, charutos, olarias (tijolos e telhas, e outros objetos cerâmicos), padarias, fogos artificiais, fundição, e fábrica de gás hidrogênio. Existiam oficinas de alfaiate, de marcenaria, bem como se podia encontrar na cidade a sapateiros, ferreiros, torneiros, ourives, funileiros, etc.

Eram estas as madeiras trabalhadas pelos marceneiros: cedro, pau d'óleo, cumarú, coração de negro, angico, acende-candeia, jucá, peroba, violeta, Gonçalo Alves, pereiro, mutamba, rabugem.

O informante esclarece que os engenhos de açúcar "preferem fabricar açucar mascavado, o qual é em quase a sua totalidade exportado para Liverpool, a preço de 1$200 a 2$ reis a arroba". São duas, por esse tempo, as fábricas de frutos do pais: a do sr. Francisco Luiz Carreira e a do sr. Antônio Paes da Cunha Mamede. "Classifica-se o líquido (vinho de caju) com o bucho da pescada." Colhe-se a declaração de um insatisfeito, o sr. Carreira, que deixou de fazer o seu alambique funcionar "em virtude de uma postura municipal, que proibe os alambiques dentro dos limites da cidade". Diante do embargo, vai transferir a fábrica para o Jacarecanga. Outro estabelecimento fabril, de sabão, naquele bairro, importava táboas de pinho de Portugal, América e Hamburgo. Possuía máquina movida a vapor, de 5 cavalos. Tinha-se em fun-

cionamento 10 padarias, três fábricas de charutos. As fábricas de farinha eram todas movidas a força de bois ou cavalos. (16.04)

***PEDRO II* – 1868**

ANUNCIO

Achão-se à venda na botica do Ferreira, além de outras muitas coisas chegadas no último vapor, as melhores pilulas para sezões, assim como pilulas depurativas, reguladores, etc., etc., água ante cancrosa, ótima injeção para gonorréias recentes e velhas, e remédio o mais eficaz para mordidas de animais venenosos. (17.07)

***PEDRO II* – 1868**

SANGEXUGAS HAMBURGUESAS

Adriano José dos Reis vende-as e aplica-as por preço comodo, em porção e a retalho. Rua da Palma, n.º 54. *(Ibidem,* idem)

***PEDRO II* – 1868**

(Listagem de produtos importados)

Azeitonas; ancoreta, 1$000; Azeite doce, barris de 1/8, a 70$000; molho de alhos, a 70 rs.; bacalhau, 10$000; batatas, arroba a 2$500; banha de porco, libra a 450 rs.; carvão de pedra, ton., a 16$000; cerveja "T", dúzia, a 7$000; champanha, dúzia, á 24$000; chá "Hyson", a libra a 2$200, manteiga inglesa, libra a 1$000, idem, francesa, a 240 rs., pimenta da índia, a 360 rs., etc., etc. (07.02)

***JORNAL DO CEARA* – 1868**

EDITAIS – SECRETARIA DE POLICIA

O sr. Dr. Chefe de Policia interino da provincia manda fazer publico pela imprensa, para pleno conhecimento dos interessados, as proibições constantes dos artigos das posturas municipais desta capital, abaixo transcritas:

Art. 27 – É proibido esquipar-se ou correr a cavalo ou em burro pelas ruas desta cidade. O infrator incorrerá na multa de 2$000, alem das penas a que ficar sujeito por qualquer dano causado.

Art. 120 – São proibidos dentro da cidade tiros de roqueira, ou de qualquer arma de fogo, assim como bomba e outros projectis possam produzir estragos. O infrator incorrerá na multa de 4$000. Secretaria do Palácio do Ceará, 15 de junho de 1868. O secretario Manuel de Sousa Garcia. (16.06)

***PEDRO II* – 1868**

ATENÇÃO – Para o baile do Clube chegaram para o Bazar Cearense as verdadeiras luvas de pelica, de Juven, para homem e senhora. Rua da Palma, n.º 93 (26.09)

***A CONSTITUIÇÃO* – 1874**

ANUNCIO

PARA A SEMANA SANTA

Uniformes de casimira e panno fino preto por preços commodos. Vende-se a rua Amélia, n.º 145 (27.03)

***CONSTITUIÇÃO* – 1874**

PARA A SEMANA SANTA

"Manual dos Ofícios da Semana Santa" – "Manual do Christianismo", aprovado por S. Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa – "Manual do Christão Devoto", para Missa e Semana Santa – "Horas da Semana Santa", Fr. J. M. Sarmento –"Historia da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo", (por) Anna Catharina Emmerich – "Relogio da Paixão" – "Thesou-ro do Christo" – Vende-se na livraria Joaquim José d'Oliveira & Cia. (29.03)

***A CONSTITUIÇÃO* – 1875**

LITEIRA

Em casa de Oreano & Irmão diz-se quem tem uma para vender em bom estado. (24.07)

GAZETA DO NORTE – 1881

RECREIO FAMILIAR – 47.º espectaculo – Theatro S. Luiz. Esta sociedade dará seu 47.º espectaculo, o deste mez, quinta-feira, 30 do corrente, levando à scena o mimozo drama em 3 actos, composição do eminente dramaturgo brazileiro, Arthur Rocha.

O FILHO BASTARDO

concluindo com a engraçadissima comédia

O DIABO A QUATRO NUMA HOSPEDARIA

Pede-se todo o silencio aos srs. socios, na occasião em que se estiver trabalhando, e aos mesmos se previne, que o toque de campainha nos corredores será o annuncio para o começo dos trabalhos. Só terão ingresso os que estiverem quites, e éexpressamente proibido levar pessoas que não morão debaixo do mesmo tecto. O Director do Mez F. J. 5 Tiago. (26.05)

CEARENSE – 1878

ESCRAVO FUGIDO

No dia 10 do mez corrente, fugiu o moleque Antonio, idade de 13 para 14 annos, cabra, baixo, olhos muito vivos, tem num dos braços a marca por elle feita com as iniciais AR em tinta azulada; foi vendido com calça e palitó de americano vermelho escuro. Tem sido visto no Outeiro d'esta cidade. Quem o aprehender será gratificado. Fortaleza, 11 de junho de 1878. Domingos José Pinto Braga Junior. (11.06)

CONSTITUIÇÃO – 1880

(Trecho de Folhetim: *Algumas horas em Maranguape*, por Jocelyn)

"Enquanto o trem rolava puxando uma longa fila de carros de 1.ª e 2.ª ordem, eu reflectia sobre esse meio facil de locomoção. Lembrava-me que ainda há bem pouco tempo gastava-se um dia de viagem a Maranguape.

Como era longe!

Em compensação, porem, como era agradavel o trajecto feito em carros puxados por bois, quando se podia apreciar em toda a sua extensão as variadas perspectivas da natureza! Quando sentados no mesmo carro ao lado de graciosas companheiras, abreviava-se a distancia ao som de cantos alegres e divertidas anedoctas." (27.01)

GAZETA DO NORTE – 1881

THEATRO 5. JOSÉ – Sociedade Particular Dramatica, RECREIO FAMILIAR; 90.º sabado, 26 de fevereiro de 1881. Ultimo espectaculo da directoria.

GRANDE NOVIDADE!

Representação do importante drama sacro de grande espectaculo em 3 actos e 12 quadros, intitulado

OS MILAGRES DE SANTO ANTONIO

Pela ultima vez a directoria chama a attençáo dos Srs. Socios para o artigo 5 § 1, 2 e 3 dos respectivos estatutos. Roga-se o *favor de remeterem suas cadeiras em tempo para o camarote,* (grifamos) no dia do espetaculo pelas 4 horas da tarde; estas serão entregues no dia seguinte às 8 horas do dia. Fortaleza, 20 de fevereiro de 1881. O Director do mez, Bruno Barrozo. (20.02)

***GAZETA DO NORTE* – 1881**

THEATRO S. LUIZ

Companhia Dramatica Dirigida pelo artista Rodrigues Sampaio. Dous unicos espetaculos.

Em consequencia de ter de se armar o theatro para os bailes de carnaval, só pode haver espectaculo hoje e quarta-feira 23, em beneficio do actor Santos, com o drama em 4 actos:

A MÃE DOS ESCRAVOS.

Domingo, 20 de fevereiro de 1881, 1.ª representação do importante drama em 5 actos e 6 quadros de Alexandre Dumas, pae:

KEAN ,etc., etc. *(Ibidem*, idem)

GAZETA DO NORTE – 1881

MEETING COMMERCIAL

Comunica-se a briosa classe de empregados do commercio que a reunião annunciada para domingo 15 do corrente, ao meio-dia, terá lugar no Theatro S. Luiz, por oferecer melhor vantagem. Espera-se que os agentes do commercio tomem em consideração este apello.

O fim da reunião será manifestado convenientemente por uma comissão constituida.

O nosso convite é extensivo aos collegas do primeiro districto eleitoral da Capital, Maranguape, Pacatuba &.

Fortaleza, 13 de Maio de 1881. (15.05)

CONSTITUIÇÃO – 1884

Tabella de passagens deste porto para vapores do *Correio Imperial Allemão.*

	1.ª classe	3.ª classe
BRAZIL		
Para Bahia	80$000	15$000
Pernambuco	60$000	12$000
Maranhão	30$000	10$000
Pará	40$000	12$000
EUROPA		
Para Madeira	200$000	100$000
Lisbôa	200$000	100$000
Havre	250$000	120$000
Bremen	280$000	125$000
Hamburgo	300$000	130$000

As passagens de ida e volta têm um abatimento de l0% e prazo de 12 meses. Agentes: Joaquim da Cunha Freire & Irmão. (14.12)

CONSTITUIÇÃO – 1885

ANUNCIO

A MÃE E A FILHA

Mamãe, não tenho vestido
E Barros & Irmão annuncia
Cretones de todas as cores
E fustões à fantasia.

Então, já sei o que queres:
Um vestido de fustão?
É cousa muito barata
Pouco mais de um patacão!?

Não, mamãe, o Barroso
Tem um pandego, o caixeiro.
Vende tudo muito bem
Por muito pouco dinheiro.

Pois bem, manda comprar
Um vestido deste panno.
Já vou à rua da Palma,
Junto a Loja do Albano. (13.06)

***LIBERTADOR* – 1886**

(Anuncio)

Ahi... ladrão!

Venha deixar na rua Major Facundo, n.º 56, o chapéo de sol de seda preta e novo, que você carregou hontem pelas 6 1/2 da noite.

Olhe bem. Você é conhecido, e si não restituir o objecto furtado, publicarei o seu nome nos jornaes.

O dono do chapéo. (26.03)

CEARENSE – 1891

ATHENEU CEARENSE

Os abaixo assignados resolveram manter em vigor os estatutos deste collegio, publicados em janeiro de 1884, modificando-os na parte relativa às contribuições trimensaes, do seguinte modo:

Cada interno do curso secundario	120$000
Cada interno do curso primario	1 10$000
Sendo menor de oito annos	90$000
Cada semi-interno	60$000
e mais, pela frequencia de uma aula	9$000
de duas	15$000
de tres	18$000
Cada externo, por uma aula	12$000
por duas	20$000
por tres	24$000

Os internos e semi-internos menores de dez annos terão refeições juntamente com a familia do primeiro abaixo assignado, e todos serão tractados como fazendo parte da mesma. A passagem nos bonds para os alumnos deste colegio, será concedida com o abatimento de 600/o sobre o preço commum. Fortaleza, 20 de janeiro de 1891. Manoel Ambrosio da Silveira Torres; Raymundo de Farias Brito. (27.01)

CEARENSE – 1891

FATOS POR FIGURINOS

Fazem-se vestidos para senhoras, meninas e fatos para meninos pelos figurinos mais modernos e por preços modicos.

Garante-se prestesa e aceio. Rua D. (An. Sampaio) n.º 1. (06.02)

***CEARENSE* – 1891**

Diagonal preto para a Semana Santa. Preços antigos de 4$000 a 8$000 o metro, directamente da fabrica, Albano & Irmão.

Grande Estabelecimento do Povo, Exercito e Armada!

MERINOS PRETOS – De l$300 a 4$000 o metro. Preços sem alteração para dar conta de venda a um fabricante. Albano & Irmão. (17.03)

***CEARENSE* – 1891**

HOTEL DO COMERCIO – Rua Formoza, 59, Ceará.

Este grande estabelecimento assobradado tendo passado por uma completa reforma desde o andar terreo até aos mais altos aposentos, acha-se caprichosamente asseiado e de forma a satisfazer aos mais exigentes freguezes. O habil mestre culinario de que fez acquisição este estabelecimento, não trepida diante do paladar o mais esquisito a satisfazêl-o na extensão da palavra. As Exmas. familias que viajarem de passagem, ou mesmo por longa estadia neste Estado, não poderão encontrar melhores acomodações, meza, aceio e barateza nos preços nesta casa. Para os Srs. empregados, viajantes e representantes estrangeiros, este é o mais apropriado dos hoteis já por suas commodidades, já por sua collocação entre o commercio em pezo deste Estado.

Assignantes mensaes	35$000
Um almoço ou jantar	1$000

Aos domingos e quintas feira à noite se encontra sempre empadinhas de camarões e a bôa canja de gallinha, fiambre, peixe, chocolate, bollos, café, chá, etc. Rua Formoza, 59. Ao Hotel do Commercio. (02.05)

***CEARENSE* – 1891**

LOJA REPUBLICANA, Rua do Major Facundo, 93.

Esta popularissima loja de modas, convencida das vexações porque passa o POVO CEARENSE pela escassez do trabalho e pela repentina alta das fazendas, resolveo agora, em plena festa dos populares S. Antonio, S. João, S. Pedro, fazer grande reducção nos preços de suas mercadorias e tem a subida honra de convidai-os a vir quanto antes fruir das verdadeiras pechinchas, como passa expor:

1 album de velludo para 28 retratos, 3$000; 1 aspa para vestido, 20 rs.: 1 bengala, 1$000; etc., etc.; 1 camisa pra homem, custo 4$000 por 3$000; 1 corte 20 metros seda café, 27$000; 1 corte vestido cores, 14$000, etc, etc.; 1 metro zephiro listado de 900 rs. por 560; 1 met. de cambraia listada, 300 rs., etc., etc.; 1 met. de creguella para ceroulas, 500 rs.; 1 metro de casemira preta, 4$000, etc., etc. (12.06)

A REPUBLICA – 1892

OLIVEIRA PAIVA

A comissão encarregada da subscripção, promovida n'esta Capital, da viuva do saudosissimo amigo Manoel de Oliveira Paiva, não tendo podido até agora prestar suas contas por estar esperando o resultado de uma outra subscripçáo que mandou abrir entre os cearenses residentes no Rio de Janeiro, resultado que ainda não tiveram conhecimento, resolveu entregar à mesma viuva a importancia que tinha em seu poder, conforme se vê o recibo que abaixo vai publicado.

Esses 737$000 são provenientes da subscripção e do producto liquido do espetaculo em beneficio da viuva por alguns amadores.

Fortaleza, 15 de março de 1892.

Ciro Monteiro – Antonio Salles.

Recibo:

Recebi dos srs. Ciro Monteiro e Antonio Salles a quantia de setecentos e trinta e sete mil réis (rs. 737$000) proveniente de subscripção promovida pelos mesmos entre os amigos de meu finado marido Manoel de Oliveira Paiva.

Fortaleza, 14 de março de 1892.

Thereza de Oliveira Paiva. (15.03)

***A REPUBLICA* – 1892**

CLUBE CEARENSE

Esta distinta sociedade atravessa uma phase de animação e prosperidade extraordinarias.

As festas succedem-se alli rapidamente e cada qual mais encantadora. O saráo-concerto de domingo foi uma festa deliciosa pela sua simplicidade e bom gosto.

Nos intervallos das danças, fizeram ouvir diversos trechos musicaes, nos quaes tomaram parte Míle. Julieta Cunha e Míle. Yayá Jorge ao piano. Míle. Dondon Jorge cantando um bello trecho, Henrique Jorge no violino e distinto barytono Lima Braga, que a pedido do director do mez, cantou uma bellissima romansa, que valeu-lhe os mais espantosos e enthusiasticos aplausos. Ao maestro Jorge Victor, director do mez, enviamos parabens pelo brilho da festa de domingo. (07.12)

***A REPUBLICA* – 1893**

PARA O CARNAVAL

O cabelereiro Teixeira Leite tem um sortimento de pós de ouro e escarlate, bisnagas de borracha com pós de arroz e estracto, mascaras de seda. Tudo vende barato para dar a respectiva conta de venda.

Rua Formosa, 74. (07.02)

***A REPUBLICA* – 1893**

FABRICA DE LOUÇAS FUSCAS E VIDRADAS de Joaquim Antonio Correia.

Boulevard da Conceição – Preços baratissimos.

Os produtos desta Fabrica – INDUSTRIA NOVA – neste Estado, achão-se expostos à venda no estabelecimento CONFUCIO. – Deposito geral.

Grande Sortimento: Quartinhas, Jarras, Filtros, Copos, Ourinóes, Paliteiros, Botijas, Vasos, para flores, Brinquedos para crianças, Fregideiras, Panellas, Fogareiros, Resfriadores, etc.

Variedade em bilhas e Talhas.

Recebe-se encommendas para grandes quantidades destes productos no deposito geral.

Estabelecimento CONFUCIO.

Fabrica e Louças de Joaquim Antonio Corrêa. (10.02)

***A REPUBLICA* – 1893**

CERVEJA FRANCEZA

GELADA

Rs. 1$200 a garrafa

Não há borrador no PAVILHÃO FRANCEZ

36 A – Rua da Boa Vista. (10.03)

***A REPUBLICA* – 1895**

Trecho de artigo:

"Attendendo-se as grandes considerações pelas quaes condenamos o *banco* aos partos como um *instrumento prejudicial* e *nocivo* (pois é causa das quedas uterinas, que se nota tanto no Ceará) é natural que indiquemos o meio mais pratico e racional. Toda vez, pois, que uma parturiente estiver prestes a dar à luz, deverá ser collocada numa cama, tendo as nadegas um pouco elevada por um calço (que poderá ser um cobertor dobrado diversas vezes).

Antes de ir para a cama será de grande conveniencia sentar-se n'água morna. Si as contrações uterinas retardarem, fazer ligeiras fricções sobre o utero, dar um pouco de vinho do Porto, chá de canella, café forte &, &, com esses cuidados as contrações uterinas reapparecerão e o parto seguirá sua marcha natural."

Dr. J. Nogueira (05.03)

***A REPUBLICA* – 1895**

CARTOLLAS

a Prudente de Moraes, ultima moda de Paris, recebeu

A FAVORITA. (20.04)

***A REPUBLICA* – 1895**

CLUB CEARENSE

A *soirée* dançante que este venerando Club proporcionou ante-hontem aos seus convidados e socios sob a digna e sympatica direção do estimavel Sr. Dr. Francisco Rocha Junior, honra, sobremodo, as suas gloriosas tradições de emerito propugnador de alegrias santas, de aureo centro, onde brilham sempre as mais gentis deidades de nosso *high-life*.

A concorrencia, com quanto não tenha sido grande, foi, no entanto, bem regular e selecta para que nós os felisardos que lá passamos uma noitada feliz, cheia de alegrias e de danças, de risos e de flores, de harmonia e de luzes.

.....

A orchestra, dirigida pelo provecto maestro Z. Gondim, esteve sublime. A ceia, opima e profusa, foi servida com extrema amabilidade e sollicitude pela distinta e incansavel madame Ritinha Simões e pelos amáveis *meninos* Alfredo Victor e Henrique Jorge.

Fotos de Elegantes
e Anúncios do Século XIX

Figura 1
Toda a imponência da moda, como era, por volta da década de 1880-89. Predominavam os fofos, e a cauda já agora erar arrepanhada, como se vê. Note a saia rendada, a sombrinha e as rosas. Dama não identificada.

Figuras 2 e 3
Senhoritas da sociedade sobralense ao final do século. Fotos obtidas no mesmo ateliê. Seguramente são irmãs. Não identificadas.

Figura 3

Figura 4
A fotografia da prima... A família compunha-se, reunida, para ser fotografada em Recife, para onde viajava. Tudo leva a crer que a senhorita é parente próxima das duas moças da página anterior.

Figura 5
Severidade no olhar da jovem senhora, não identificada. Fotografia de estúdio, como as demais. Note-se a riqueza dos detalhes: o móvel, a ânfora, a cadeira, a coluna.

Figura 6
Poetisa Francisca Clotilde.
Foto de J. A. Cordeiro.

Figura 7
A encantadora Torquata Rodrigues, da sociedade de Sobral.
Retrato Photographia Allemã, Alberto Henschel & Co.
Pernambuco. Fim de século.

Figura 8
D. Maroca, esposa do sr. Paulo José Rodrigues, de Sobral.
Foto da Fotografia Artística Americana – Júlio dos Santos Pereira.
Rua do Imperador, Pernambuco.

Figura 9
Maria Lou, de Sobral. Foto de N. Olsen, Fortaleza.
Último quartel do século passado.

ANNUNCIOS.

Manoel Theofilo Gaspar d'Oliveira, Bacharel formado em Sciencias Sociaes e Juridicas, e Proffessor de Rhetorica e Poetica desta Cidade propoem-se a advogar quer no civel, quer no crime; e por isso quem quiser utilizar-se de seu prestimo, procure-o na Rua Formosa na casa pegada à do Escrivao' dos Orfãos José Maximiano Barroso. O mesmo avisa, a quem convier, que no dia 4 de Fevereiro, vindouro, ha de dar principio à sua Aula; por tanto quem quiser ouvir suas preleçoens, se matriculará atè o dia 3 do supra dito mês, aliás só ouvirà explicação do principio do compendio, que serà o Latino, ordenado por Soares Barbosa, na recordaçao'.

—Antonio Narcizo de Barros e Freitas, Relojoeiro, mudou-se para a Rua do Cotuvelo.

—Motivos urgentissimos obrigam o abaixo assinado a pospôr a reuniao' dos accionistas da Typographia, que foi do — Clarim da Liberdade —, para Domingo 27 do corrente, pelas 11 horas da manha'.

Jorge Accursio e Silveira.

ESCRAVO FUGIDO.

No dia 4 do corrente fugio da Villa da Imperatriz hum Escravo Cabra de nome Francisco, com idade pouco mais ou menos de 20 a 22 annos, com os signaes seguintes:— estatura ordinaria, seco do corpo, cabello preto hum tanto crespo, os dentes da frente abertos, cantador, falla fina, entende do serviço do Sertão, intitula-se forro, principia a barbar. Roga-se a qualquer pessoa que o pegar, entregue em Sobral ao Sr. Domingos José Pinto Braga, em Granja ao Sr. Ignacio José Roiz Pessoa, no Ceará P. J. Fonlkes e C.ª, Baturité ao Snr. Antonio Ricardo Bravo Sussuarana, Maranguape Affonço José d'Albuquerque, Canindé Snr. Zacarias Vieira da Costa, e na Imperatriz a seu Snr. Bento Antonio Alves, que se lhe pagarao' todas as despezas que com a captura do dito Escravo tiverem feito. Imperatriz 10 de Janeiro de 1839.

Ceará, Typ. Patriotica de Accursio. 1839

Figura 10

Correio da Assembléia Provincial do Ceará (19.01.1939). Começam assim os anúncios no Ceará.

O Commercial.

BOM E BARATO.

Na loja d'Albano & Irmaõ tem para vender-se cortes de las adamascado para vestidos a 4$ rs, cortes de xitas cassas cores finas 3$, cortes de serjaõ de lã preta adamascados para vestidos com 12 covados 6$, cambraias lisas finissimas e muito largas a 800 rs. a vara, morçalinas brancas 500 a vara, cassas lisas finas 640 a vara, chitas finas cores escuras e finas 200 rs o covado, serje hespanhola a 3.200 o covado, alpacas preta de seda e de lã, lapins pretos e de cores partidas para paletós, princesas preta e de cores para vestido de montaria, lindos chapeos de senhoras para montaria, ricos cortes de vestido de gorgoraõ e seda, cortes de vestido de alpaca de seda de cores com 16 covados pelo barato preço de 6$ rs, cortes de colete de gorgoraõ de cores bom gosto a 4$500, cortes de colete de setim de Macau bordados a agulha 8$ rs ditos de dito lisos muito bom qualidade 5$ rs, panos finos preto muito bom 8$500, ditos verde escuro, cor de rapé e preto pelo comodo preço de 4$500 proprios para paletós, casimira fina preta a 3$500 o covado, brins pardos de linho muito superior por comodos preços, bretanha de linho, lencadinhos para paletós de andar a fresca, brim hamburgo muito fino para ceroulas a 560 a vara, chailes de lã de varias qualidades, pano adamascado de linho de duas largoras para toalhas, pano de linho a 4 largoras para lençoes, chapeos finos francezes, e chapeos de sol de seda; que sendo a dinheiro promete vender-se tudo por menos do que em outra qualquer parte.

Na Alagadiço-grande, distante desta cidade meia legua, vende-se um bom sitio com muito terreno proprio para plantação de cana: a tratar com Simaõ Barbosa Cordeiro.

Na loja de Desiderio Antonio de Miranda, tem cambraias francezas muito finas e lindas, de cores fichas a 400 rs. o covado, chitas francezas muito finas e largas a 300 rs o covado, nova e linda fazenda nunca vinda a este mercado, capello de Paris a 1300 rs. o covado, congreve a fazenda mais linda possivel a 1600 rs o covado, sedas de quadros grandes a 1500 rs. o covado, chalés de mirinó, ditos de seda ditos de mirinó bordados, ditos de mirinó e seda, ditos de lã e seda, chapeos para senhoras, luvas de todas as qualidades, e apenas para montaria &

João W. Studart tem a venda em seu armazem por mui commodos preços os seguintes generos de estiva

Manteiga inglesa, vinho branco em barris, vinagre finto, vinho tinto, ferro queiras com genebra, barricas com ... de Olanda, a de pimenta, cravo, sardinha em latas, garrafinhas de genebra, ditos vasios, canella, farinha de trigo inglesa Hiscow, dita S S S F, latas de graxa, massas finas, bolazinhas americanas em caixas e barricas, licores finos, espermaceta, erva doce, papel de diversas qualidades, e muitos outros generos.

Avizo

O sr. Manoel Antonio Tutoeq tem uma carta em poder de Antonio Bernardino Jorge Sobrinho que ignora se o mesmo sr. ainda existe nesta cidade

Figura 11

Anúncios d'*O Commercial*, de 27.08.1857, dos quais está fotocopiado o da loja d'Albano & Irmão, famoso estabelecimento graças ao seu famoso sortimento de peças da moda. Note-se a ilustração, em desenho, da venda de sítio no chamado Alagadiço-grande.

ANNUNCIOS.

ATTENÇÃO.

O Piraõ acaba de receber de Pernambuco no patacho Santa Cruz, um completo sortimento de calçado francez, assim como diversas fasendas de gosto modernas, tambem recebeu alguns generos de estiva, sendo farinha de trigo de 3SS E manteiga francesa, vinho, genebra de Holanda, serveja branca, e alhos muito novos, tambem tem ricos aparelhos de procelana dourado e jarros para flores os mais ricos vindo neste mercado, tem taõ bem chapeos de sol ingleses, e chapeos proprios para pages, assim como um completo sortimento de miudezas; promette vender tudo mais barato que em outra quelquer parte.

Sortimento de barriga.

Vinhos, champagne, muscatel, e de muitas outras qualidades, tanto engarrafado como sem ella: e o liquido, vinagre cidra, sardinhas, conservas, serveja preta e branca, mostarda em frascos, e pimenta tambem, cogneque, o bello licor de marras kim, prezuntos, paios, chouriças, charutos, genebra em frascos e botijas e em frasqueiras e barricas, cha de optima qualidade, macarraõ, aletris e talherim, tanto em libras como em caixaõ, sendo a caixa a 7$000, e a final o bello biscoito d'ovos entitulado lingoa de moça. Neste estabelecimento taõbem se haviaraõ pedidos, fasendo se comprar fora o que naõ existir em casa. Rua da Palma no Ceará.

Francisco Dutra Macedo.

Para o Rio de Janeiro.

O veleiro brigue escuna —Carolina— capitaõ Joaquim Antonio dos Santos vai seguir brevemente para o Rio de Janeiro. Recebe carga e passageiros para o que tem excellentes comodos: ajustar com o consignatario Francisco Luiz Carreira.

Figura 12
Diversos reclamos (como se dizia então) d'*O Commercial* no dia 17.12.1857, com Francisco Dutra Macêdo apregoando seu curioso "sortimento de barriga". A peça teatral, *Antônio José*, seria apresentada no dia 19. (5.º ato)

O Commercial

O veleiro, patacho «*S. Cruz*» recebe carga para Pernambuco, com escala pelo Assú, sai com muita brevidade.

Loteria do RiO de Janeiro
Aos 26:000U000!!

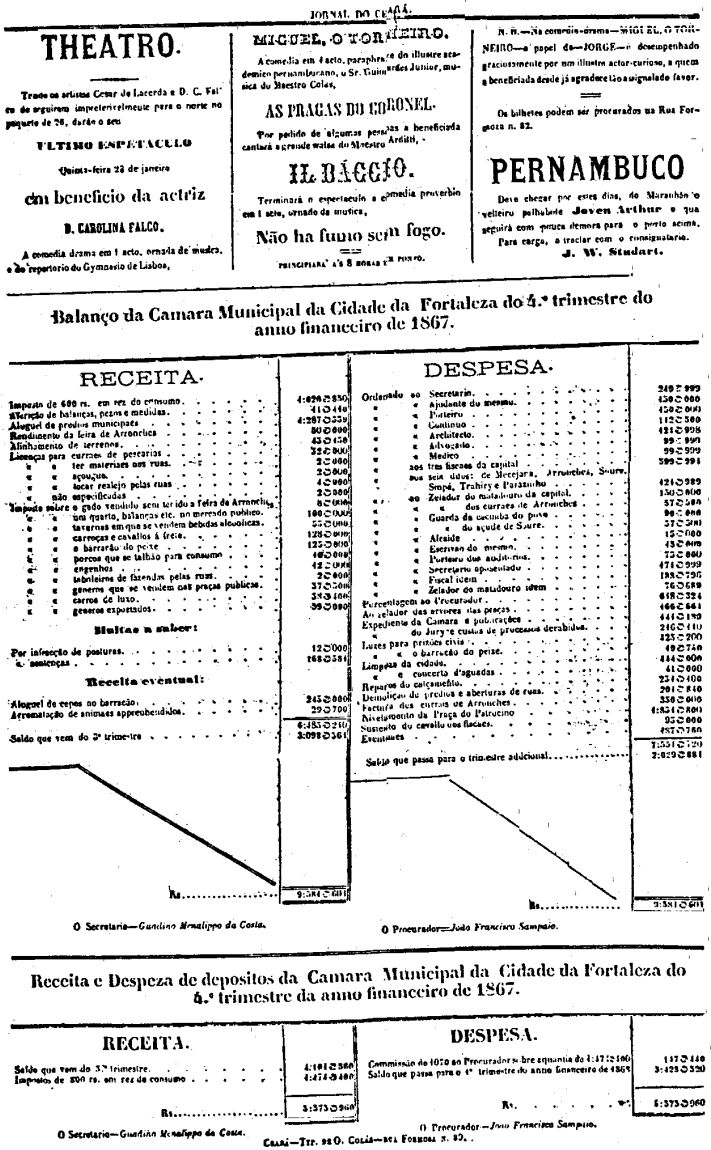
No vapor Tocantins, vieraõ bilhetes inteiros, meios e quartos da 20ª loteria para a construcçaõ de um theatro lirico na Côrte; que se achaõ à venda no escriptorio de Manoel Antonio da Rocha Junior, pelos preços do costume.

Vende-se

Uma excellente morada de casa sita na rua Formosa, pertencente a Manoel Jacintho Ferreira de Menezes, junto ao sobrado de Frederico José Pereira: quem a pretender dirija-se ao escriptorio de Mendes & Irmaõ.

O negociante desta praça que quizer contractar o fornecimento de carvaõ de pedra para os paquetes da companhia brasileira, queira fazer suas propostas por escripto ao abaixo assignado. Ceará 9 de Dezembro de 1857

Francisco de Souza Teixeira.



JORNAL DO CEARÁ.

THEATRO.

Tendo os artistas Cesar de Lacerda e D. C. Falcão deseguirem impreterivelmente para o norte no paquete de 28, darão o seu

ULTIMO ESPETACULO

Quinta-feira 26 de janeiro

em beneficio da actriz

D. CAROLINA FALCO.

A comedia drama em 1 acto, ornada de musica, e do repertorio do Gymnasio de Lisboa,

MIGUEL, O TORNEIRO.

A comedia em 4 acto, parophrase do illustre academico pernambucano, o Sr. Guimarães Junior, musica do Maestro Colas,

AS PRAGAS DO CORONEL.

Por pedido de algumas pessoas a beneficiada cantará a grande valsa do Maestro Arditi, -

IL BACCIO.

Terminará o espectaculo a comedia proverbio em 1 acto, ornado de musica,

Não ha fumo sem fogo.

PRINCIPIARÁ ÁS 8 HORAS E 3/4 PONTO.

N. B.—Na comedia-drama—MIGUEL, O TORNEIRO—o papel de—JORGE—é desempenhado graciosamente por um illustre actor-curioso, a quem a beneficiada desde já agradece tão assignalado favor.

Os bilhetes podem ser procurados na Rua Forquetta n. 82.

PERNAMBUCO

Deve chegar por estes dias, do Maranhão o veleiro pilhabote Joven Arthur e que seguirá com pouca demora para o porto acima.

Para carga, a tratar com o consignatario.

J. W. Studart.

Balanço da Camara Municipal da Cidade da Fortaleza do 4.º trimestre do anno financeiro de 1867.

RECEITA.

Imposto de 640 rs. em rez do consumo	4:096$850
Aferição de balanças, pezos e medidas	410$440
Aluguel de predios municipaes	4:287$250
Rendimento da feira de Arronches	80$000
Alinhamento de terrenos	43$150
Licença para carroas de pescarias	252$000
« « ter materiaes nas ruas	2$000
« « aguaças	2$000
« « lavar roupa pelas ruas	4$000
« não especificadas	2$000
Imposto sobre o gado vendido sem ter ido a feira de Arronches	8$000
« « uns quarto, balanças etc. no mercado publico	100$000
« « tavernas em que se vendem bebidas alcoolicas	55$000
« « carroças e cavallos á frete	125$000
« « o barracão do peixe	125$000
« « porcos que se talhão para consumo	46$000
« « engenhos	42$000
« « tabuleiros de fazendas pelas ruas	2$000
« « generos que se vendem nas praças publicas	37$500
« « carros de luxo	34$000
« « generos exportados	39$000
Multas a saber:	
Por infracção de posturas	12$000
« sentenças	168$581
Receita eventual:	
Aluguel de cepos no barracão	245$000
Arrematação de animaes apprehendidos	29$700
	6:483$241
Saldo que vem do 3.º trimestre	2:098$361
Rs.	8:581$611

O Secretario—*Gundino Menalippo da Costa.*

DESPESA.

Ordenado ao Secretario	240$999
« « Ajudante do mesmo	450$000
« « Porteiro	450$000
« « Continuo	112$500
« « Archeiteto	421$998
« « Advogado	99$999
« « Medico	99$999
« aos tres fiscaes da capital	599$991
« aos seis idem de Messejana, Arronches, Soure, Sepé, Trahiry e Parazinho	421$989
« ao Zelador do matadouro da capital	150$000
« « dos curraes de Arronches	57$240
« « Guarda da cacimba do poço	96$000
« « do açude de Soure	37$500
« « Alcaide	15$000
« « Escrivão do mesmo	43$000
« « Porteiro dos audiencias	75$000
« « Secretario aposentado	471$999
« « Fiscal idem	188$795
« « Zelador do matadouro idem	76$689
Percentagem ao Procurador	618$324
Ao zelador das arvores das praças	466$661
Expediente da Camara e publicações	441$190
« do Jury e custas de processos derabidos	216$110
Luzes para presos civis	125$200
« « o barracão do peixe	49$740
Limpeza da cidade	444$000
« « concerto d'aguadas	41$000
Reparos do cacimbão	234$400
Demolicão de predios e aberturas de ruas	201$840
Factura dos curraes de Arronches	350$000
Nivelamento da Praça do Patrocinio	1:824$800
Sustento do cavallo nas fiscaes	95$000
Eventuaes	487$760
	7:551$729
Saldo que passa para o trimestre addicional	2:029$881
Rs.	9:581$611

O Procurador—*João Francisco Sampaio.*

Receita e Despeza de depositos da Camara Municipal da Cidade da Fortaleza do 4.º trimestre da anno financeiro de 1867.

RECEITA.

Saldo que vem do 3.º trimestre	1:101$560
Imposto de 200 rs. em rez do consumo	2:274$400
Rs.	3:375$960

O Secretario—*Gundino Menalippo da Costa.*

DESPESA.

Commissão de 10% ao Procurador sobre a quantia de 1:372$100	137$240
Saldo que passa para o 4.º trimestre do anno financeiro de 1868	3:238$720
Rs.	3:375$960

O Procurador—*João Francisco Sampaio.*

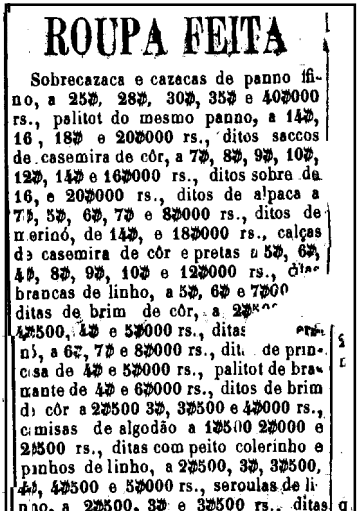
CEARÁ—TYP. DO CORREIO DA FORMOSA N. 82.

Figura 13

Fotocópia de página (reduzida) do *Jornal do Ceará*, do dia 23.11.1868, com receita e despesa do balanço da Câmara Municipal da cidade de Fortaleza. César de Lacerda retira-se com a sua companhia de teatro...

Figura 14

Extenso anúncio ilustrado de Fonseca (sic) Irmãos, estabelecidos na Praça d'Assembléia. A firma, como dizia, se achava "sempre em dia com a última moda do *mundo civilisado*." Basta conferir. (*A Constituição*, 16.03.1867).


ROUPA FEITA

Sobrecazaca e cazacas de panno fino, a 25$, 28$, 30$, 35$ e 40$000 rs., palitot do mesmo panno, a 14$, 16, 18$ e 20$000 rs., ditos saccos de casemira de côr, a 7$, 8$, 9$, 10$, 12$, 14$ e 16$000 rs., ditos sobre da 16, e 20$000 rs., ditos de alpaca a 7$, 5$, 6$, 7$ e 8$000 rs., ditos de merinó, de 14$, e 18$000 rs., calças de casemira de côr e pretas a 5$, 6$, 4$, 8$, 9$, 10$ e 12$000 rs., ditas brancas de linho, a 5$, 6$ e 7$000 ditas de brim de côr, a 2$500 4$500, 4$ e 5$000 rs., ditas pretas, a 6$, 7$ e 8$000 rs., ditas de principe de 4$ e 5$000 rs., palitot de brim mante de 4$ e 6$000 rs., ditos de brim de côr a 2$500 3$, 3$500 e 4$000 rs., camisas de algodão a 1$500 2$000 e 2$500 rs., ditas com peito colerinho e punhos de linho, a 2$500, 3$, 3$500, 4$, 4$500 e 5$000 rs., seroulas de linho, a 2$500, 3$ e 3$500 rs., ditas de algodão a 2$ e 2$500 rs., camisas de franella branca, a 3$, 3$500 e 3$000 rs., ditas de côr, a 2$500, 3$, 4$500, 4$ e 4$500 rs., colletes de casemira de côr e pretos, a 3$, 3$500, 4$, 5$ e 6$000 rs., ditos bordados para noiva a 10$ e 12$000 rs.

Figura 15

LENDAS
E
CANÇÕES POPULARES
DE
JUVENAL GALENO.

Acha-se no prélo esta obra e breve será publicada, formando um volume de mais de 300 paginas, em 4.° nitidamente impresso. Recebem-se assignaturas na typographia Brasileira de João Evangelista, nas livrarias de Joaquim José de Oliveira e Alio Bezerra de Menezes & C.°.

Preço de cada exemplar para os assignantes..... 4$000.

PHOTOGRAPHIA ARTISTICA.

—Pedro Ignacio de Souza Rabello tendo de ir percorrer alguns pontos da provincia, avisa as pessoas que quizerem se utilizar de seu trabalho artistico, que só terá a sua galeria aberta até 20 do corrente.

Ceará, 9 de novembro de 1865.

ENCANAMENTO
D'AGUA.

Precisa-se trabalhadores, a entender-se com o engenheiro das obras no sitio — BEMFICA.—

(8—7)

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA

DOS

COMMENTARIOS

DE

C. JULIO CESAR

Recebem-se assignaturas n'esta typographia a 6$000 por 6 livretes, de maneira a formar um só volume, em oitavo francez.

ANNUNCIOS.

—Kalkmann, Irmãos & C.ª compram castanhas de Cajú, a 1:600 rs. a arroba.

INSTITUTO ARTISTICO.

—Alcino & Irmão, retratistas pelos diferentes systemas de photographia, tem aberto seu laboratorio no largo de Palacio n.° 10 onde poderão ser procurados para qualquer trabalho de sua arte todos os dias, das 8 horas da manhã ás 2 da tarde; por serem as horas em que dominam os raios brancos da luz, assim como são, sendo a luz geralmente muito energicas nas regiões equinoxiaes, os dias annunciados são os mais aproveitaveis para os trabalhos de photographia.

Os preços são por uma dusia de retratos em cartões de visita . . . . 10$000
Meia dita . . . . . 6$000
Dusias de bustos em cartões. 12$000
Meia dita . . . . 8$000

Os grupos e os retratos em coloridos a olio ao agua silla em differentes tamanhos terão outro ajuste.

(4—6.

Figura 16

Aviso de que *Lendas e Canções Populares*, de Juvenal Galeno, já estão no prelo. Pedro Ignácio de Souza Rabello anuncia seu trabalho fotográfico (artístico), como se dá com Alcino & Irmão, "retratistas pelos diferentes sistemas de fotografia"... (*O Cearense*, nov. de 1872).

JOÃO ..) AMARAL & FILHO.

(1—5)

ATTENÇÃO

Azeite-doce, garrafa. .	1$000
Kerosene dita. . . .	400
Vinho do Porto, dita. .	1$400
Dito branco, dita. . .	800
Genebra Ald, dita . .	1$000
Espirito de vinho dita .	500
Cidra, dita	1$000
Serveja bass, dita. . .	1$000
Tinta para copiar 3 cophias, dita. . . .	1$400
Dita violeta dourada, dita.	1$800
Tapioca do Pará 450 grammos	320
Araruta para 450 grammos.	480
Sabão Pacatuba, lib. .	240
Arroz dita.	120
Bacalháo, dita. . . .	160
Figos novos de comedores, dita.	400
Feijão, litro	200
Azeitonas, ancoreta . .	1$800
Em latas	640
Doce de pêra, lata . .	640
Rainha Claudia, dita. .	«
Precego	«
Biscouto, latas de superior qualidade	1$500
Dito de meias. . . .	1$000
ucar fino 1/4 barrica, ...	440
dito dito, . .	500
arinas, pacote.	800
, bom ta-	

que sera generosamente recompensada.

Fortaleza 20 de março de 1872.

(2—2)

LENCINHOS..,

mas que lencinhos ? !..

Com o retrato do Senhor

SANTO PADRE.

Só na loja do MESSIAS.

A MEIA PATACA ! ! ! ! !

(2—5)

A 4U500

Realmente é muito barato ! . mas è só hoje e amanhã que vende a 4$500 o par de borzeguim para homem

45 Praça d'Assemblea 45

(2—3)

A 1$000 reis

Sò para agradar.

à 1$000 reis.

O messias, para agrodar aos seus freguezes, resolveu vender 500 cortes de calça

á 1$000

45--PRAÇA D'ASSEMBLEA--45

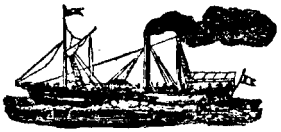
(2—3)

Figura 17

Anúncios diversos, inclusive de lencinhos com “o retrato do Senhor Santo Padre”. (*A Constituição*, 10 de março de 1872).

FLORES E PLANTAS.

José Luiz, jardineiro do Sr. João Cordeiro, á rua do Imperador, na frente da fabrica de tecidos, tem sempre para vender muitas rozeiras novas e outras plantas, flores diversas e algumas fructas.



PARA LISBOA E S. MIGUEL

A escuna portugueza « Oliveira » segue brevemente para Lisboa com escalla pela ilha de S. Miguel.

Para ambos os portos recebe carga a fretes baixos.

Os consignatarios continuam a comprar **mel de furo** e já pagam a 800 reis por canada.

Os consignatarios,

Joaquim da Cunha Freire & Irmão.

Figura 18
Anúncios ilustrados, publicados pelo jornal *A Constituição*, em junho de 1870.

BOOTH STEAM SHIP COMPANY LIMITED

O PAQUETE Á VAPOR

AMBROSE

entrado hontem da Europa e portos do norte, regressará a 18 d'este directamente para Liverpool.

Recebe carga e passageiros para o Aracaty, para onde seguirá a 12 deste, devendo estar de volta a 17 para receber a carga de laranjas.

Para fretes, carga e passageiros trata-se com

OS AGENTES

SINGLEHURST & C.°

9 de Julho de 1883.

2—6

Figura 19
Aviso da "Booth Steam Ship Company Limited", publicado a 10 de julho de 1883, pelo jornal *A Constituição*.

Figura 20
Divulgação publicitária pelo jornal *Libertador*, a 27 de outubro de 1883.
Vale o desenho criativo de artista popular (xilogravura).

THEATRO S. LUIZ

COMPANHIA GYMNASTICA E ACROBATICA

DA ARTISTA

FIRMA CONSTANCIA DE OLIVEIRA.

GRANDE EXTRÉA

SABBADO 13 DE OUTUBRO DE 1883

A Directora tem a honra de annunciar ao mui respestavel publico que, de passagem por esta capital pretende, dar trez unicas representações, visto ter dissolvido sua companhia de cavalinhos e querer retirar-se para sua provincia no primeiro vapor que por aqui passe, para isto annuncia o seu helenco e programma, contando desde já com a benevola protecção do mui hospitaleiro povo Cearense que tão bom sabe acolher a todos aquelles que procuram o seu apoio.

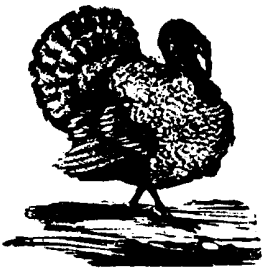
HELENCO

Figura 21
Anúncio publicado no *Libertador*, 12 de outubro de 1883.

991

Antonio

Diabo



Palhabosta.—Tenho nojo de *tú* banda cega, és muito in-

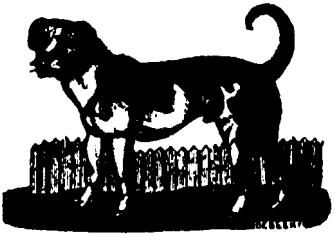
979

P. N. e A. M.

Por alma do infeliz Leandrão barbaramente assassinado na villa de S. Francisco.

Pelo Coelho Padre.

11—15



N'uma Formosa rua lá pelos 37 habita um cão leproso que tem por costume atacar a todos os transitantes, que não são da origem d'esse animal.

Recommenda-se ao publico que passe de largo d'esse cão leproso, que alem da lepra tem a baba mais venenosa.

Para traz cão, para traz.

Olha que a Camara pode mandar botar-te uma fucinheira, e qualquer curioso pode tambem dar-te uma *bolla* (pitomba) para saber-se como morre um cão sem dono.

M. L.

Figura 22

Assim como as leis extravagentes... os anúncios. Pela ordem: publicação do *Libertador*, a 27 de outubro de 1883; idem, a 30 do mesmo mês; idem, a 14 de novembro.

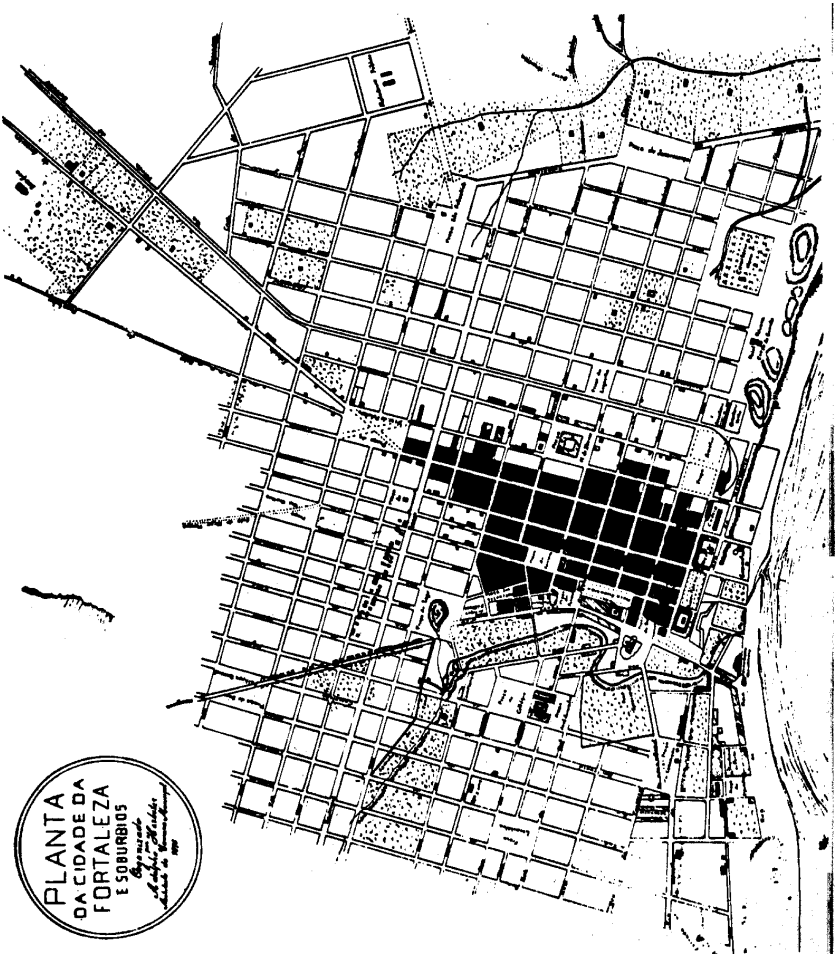


Figura 23

Praticamente Fortaleza, cenário de tudo que se conta no decorrer deste livro, não chegava a ocupar fisicamente trinta quadras (quarteirões) no centro das urbes. É como está detalhada pela planta organizada por Adolpho Herbster, em 1875.

PARA FESTA !

Chegado ultimamente de Paris para a loja de Albano & Irmão.

PARA HOMENS

Sobrecazacas, e palitòs de pa o fino,
Calças, e colletes de cazemira preta,
Ditas e ditos de brim branco,
Uniformes completos, de casemira de cores.
Ditos completos de bretanha de linho pardo,
Camizas superiores de peito de linho,
Ditas de madapolão e precalis,
Silouras de pano de linho.
Borziguins de bezerro francez,
Ditos gaspiados de polimento,
Ditos brancos, e pardos,
Ditos para meninos, de todas as qualidades,
Sapatos de trança, e de tapetes, lindos,
Chapéos de palinha d'Italia,
Idem a Bismarke,
Cortes de cazemiras preta e de corês,
Ditos de de ditos para calça e colletes,
Setim de macau preto,
Brins de linho,brancos,e de corês,
Alpakas, e princezas
Pano fino, e cazemira preta a mais superior que tem vindo a este mercado.

PARA SENHORAS

Sutambaques de seda, e gurgurão do ultimo gosto de Paris
Rotondos enfeitados de vidrilho,
Camizas para Sra. e noivas,
Sedas de lindas corês,
Ditas brancas para noiva,
Lã e seda listadas para vestidos.
Cassas de lindas cores.
Cortes de cambraia lizas
Chapèos de meia cabeça,
Chailes de merinò de bom gosto,
Enfeites de seda de cores,
Chapéos finos para montaria,
Burzeguins enfeitados, e lizos,
Ditos para meninas de varias qualidades,
Pentes de tartaruga fortes,para caza,
Ditos de tartaruga de travessa,
Chitas superiores para coberta, e outros muitos objectos que se vende a dinheiro por menos que è possivel ! !

Figura 24

J. WEILL & C.ª
70-RUA DO MAJOR FACUNDO-70
Esta antiga e bem conhecida CASA DE JOIAS acaba de despachar um caprichoso sortimento neste genero, talvez o melhor que tenha conhecido esta praça.
ESPECIALIDADE
Em relogios de todas as especies, pedras preciosas, pencinez, occulos, binoculos, transcellins etc. etc.
COMPRÃO.
MOEDAS DE OURO E PRATA,
OBJECTOS de prata e ouro velhos.
J. WEILL & C.ª
70--RUA DO MAJOR FACUNDO--70

Figura 25

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BON, Gustave le. *As Oplnio'es e as crenças.* Rio de Janeiro, Brasil Ed., 1966.

BRIGIDO, Joâo. *Ceará; homens e, factos.* Rio de Janeiro, 1919.

CABRAL, Thomé. *Dicionário de termos e expressões populares.* Fortaleza Imprensa Universitária, 1972.

CARVALHO, Jáder de. *Antologia de João Brígido.* Fortaleza, Ed. Terra de Sol, 1869.

CASCU DO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro.* Rio de Janeiro, INL, 1954.

COLLAÇO, Fel lire Neri. *O Conselheiro da família brasileira.* Rio de Janeiro, B. L. Garnoer, 1883.

O COMMERCIAL, Fortaleza, 1886, 1890.

A CONSTITUIÇÃO, Fortaleza, 1865, 1866, 1868, 1870, 1872, 1875, 1884 e 1885.

CORREIO DA ASSEMBLÉIA PROVINCIAL, Fortaleza, 1839, 1840.

DICIONÁRIO Contemporâneo da Língua Portuguesa.

ENCICLOPEDIA Brasileira Mérito.

GAZETA DO NORTE, Fortaleza, 1881.

GIRÃO, Raimundo. *A Princesa vestida de baile.* Fortaleza, Ed. do Instituto do Ceará, 1950.

JORNAL DA FAMÍLIA, Rio de Janeiro, 1867.

JORNAL DO CEARÁ, Fortaleza, 1868.

LIBERTADOR, Fortaleza, 1886, 1890.

MACÉDO, Pe. Manuel. *Juazeiro em foco.* Fortaleza, Ed. de Authores Católicos, 1925.

MENEZES. Paulo ElDídio de. *O Crato do meu tempo.* Fortaleza, Imprensa Universitária, 1 9~

PEDRO II, Fortaleza, xz 67, 1868.

PEREIRA, José. *Uma Viagem.* Lisboa, Tip. São Sebastião, 1852.

AREPÚBLICA, Fortaleza, 1892, 1893, 1895.
REVISTA POPULAR, Rio de Janeiro, 1860.
SCHILICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como á*. Rio de Janeiro, Ed. Getúlio Costa, 5. d.
O SOL, Fortaleza, 1862, 1863.
TOLLENARE, L. F. *Notas dominicais*. Salvador, Progresso, 1956.
UNITÁRIO, Fortaleza, 1913.
VIANA, Hildegardes. *A Bahia lá foi assim*. Salvador, Itapua; 1973.